



LIVRO II - O CLICHÊ QUE AMAMOS

Men
CEO
irresistível

T. M. KECHICHIAN



SUMÁRIO

[SINOPSE](#)

[PLAYLIST](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[NOTA DA REVISORA](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[DEMAIS OBRAS DA AUTORA](#)

[BIOGRAFIA](#)

[REDES SOCIAIS](#)

[DEGUSTAÇÃO MEU MELHOR AMIGO](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)



T. M. KECHICHIAN

Copyright © 2020 T.M. KECHICHIAN

Revisão: Ivany Souza

Capa: Ellen Scofield

Diagramação: GD² Serviços Editoriais

**Essa é uma obra de ficção, seu intuito
é entreter pessoas, quaisquer semelhanças
entre nomes, datas e acontecimentos reais,
são mera coincidência.**

Todos os direitos reservados.

É estritamente proibida a reprodução
e/ou armazenamento de qualquer parte
desta obra, parcial ou completa, através
de quaisquer meios sem o consentimento
escrito da autora.

A violação dos direitos autorais
é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

New
CEO
irresistible

T. M. KECHICHIAN

Sinopse

Letícia é uma paulistana de 29 anos, independente, que trabalha no mercado financeiro e não teve um ano bom. A empresa em que trabalhava faliu, o ex-namorado a traiu, pegou dengue duas vezes... Pois é, nada fácil! Então, quando a amiga Mari a convida para curtir um festival de réveillon em Jericoacara/CE, uma das praias mais lindas do mundo, ela não pensa duas vezes. Parte na esperança de que comece o novo ano com o pé direito.

Henrique Vergueiro faz parte da elite paulistana. Apesar de ter vindo de uma renomada família de empresários em São Paulo, ele é amante da discrição e colocou uma condição um tanto interessante para aceitar o cargo de CEO da Vergueiro Investimentos. O que pouca gente sabe é que ele adora uma aventura...

Virada do ano. Uma viagem pra lá de gostosa. Coincidência ou destino?

Este romance é para você, apaixonado por um clichê gostoso que mistura diversão, sensualidade e leveza. Prepare-se para se encantar com mais esta viagem literária!

Playlist

Acesse a playlist da história escaneando o código abaixo no seu celular!



Nota da Autora

Olá para você que já conhece minha escrita e para você que está tendo contato pela primeira vez. É um prazer enorme ter a sua atenção.

Antes de mais nada é importante dizer que, apesar de ser uma série, cada romance é como se fosse um livro único, pois seus enredos são totalmente independentes.

Ah, cabe ressaltar que são livros mais curtos, portanto, mais diretos. O intuito é levar uma história divertida e ao mesmo tempo envolvente para aquecer os nossos coraçõezinhos :)

Todos os personagens aqui descritos são fictícios, não havendo nenhuma relação com a realidade.

Os lugares mencionados são reais e estou muito feliz por mostrar um pouquinho mais do que o nosso país tem a oferecer. Além de estar amando promover o Brasil com a minha escrita, receber mensagens do tipo “eu não conhecia esse lugar”, “que saudade de voltar naquela cidade” “você me fez viajar sem sair do lugar” etc., não tem preço. Sou muito grata por todo retorno e carinho.

Bom, é isso.

Espero, de coração, que você tenha uma ótima leitura!

T M Kechichian

Fontes de pesquisa: Wikipédia, Blogs de Viagens.

Nota da Revisora

O texto segue as Normas vigentes da Língua Portuguesa, porém características da coloquialidade foram utilizadas para aproximar a linguagem às falas de situações do cotidiano. Os trechos em *itálico* se referem a termos técnicos, estrangeirismos, apelidos, gírias, termos coloquiais e/ou frases reflexivas.

Capítulo 1



Leticia

— Letícia do céu, espia só aquele cara saindo do mar! Eu pediria para a dona Fátima parar de lavar minhas roupas só pra aproveitar aquele tanquinho ali.

Levanto o encosto da minha cadeira de praia para poder me sentar e abaixo os óculos de sol a fim de ter uma vista melhor. Balançando a cabeça para cima e para baixo, confirmo que minha amiga está corretíssima em sua análise.

— *Porra*, que lavar roupa o quê, Mari! Eu passaria era minha língua toda até me cansar.

— Ah, não tenha dúvida de que eu faria isso também.

Ficamos secando o cara sem qualquer vergonha. Não estamos tão perto da água, então, podemos avaliar o produto sem nos preocuparmos. Com

certeza, não somos as únicas. Do meu lado mesmo posso ouvir duas mulheres apostando qual delas sairia com ele. O cara realmente é lindo. Moreno, alto, corpo definido e tatuado. Coisas que só vemos nesse tipo de lugar.

— Eu disse que iria valer a pena, Lê! Nordeste no réveillon é o *point* dos caras mais gostosos.

— Acho que é o mínimo que eu mereço por ter tido um ano de merda.

Definitivamente, este foi um ano horrível para mim. Falando de modo geral, porque no finalzinho é que as coisas estão se acertando. Vê se estou exagerando: quem consegue encontrar o namorado com outra, ver a empresa em que estava trabalhando quebrar e pegar dengue duas vezes? Essa proeza não é para qualquer pessoa!

Por isso, quando Mariana me convidou para passar o ano novo em Jericoacoara — uma das dez melhores praias do mundo, com direito a seis noites de festa *open bar* — não pensei duas vezes em aceitar. Estava querendo vir para o Ceará há bastante tempo, mas nunca encontrava tempo para tirar mais do que dois dias de folga. No final das contas, a corretora de valores mobiliários em que eu trabalhava ter quebrado por causa do alto índice de corrupção foi ótimo. Para mim, porque saí do comodismo em que estava e pude correr atrás do emprego que sempre quis, mas achava que não estava preparada, e melhor ainda para os clientes que estavam levando inúmeros golpes, o que ocorria na maior discrição e, por causa disso nunca suspeitei. Idiotas gananciosos! Jamais estão satisfeitos com o que ganham e procuram dar um *jeitinho* a todo custo.

— Será que esse gostoso vai estar na festa mais tarde? Ou melhor, será que vamos conseguir encontrá-lo em meio a tanta gente? — minha amiga pergunta, acompanhando cada passo do desconhecido até ele se juntar a uma rodinha de outros homens sarados.

— Primeiro, precisamos verificar se ele gosta da fruta — pondero.

— Verdade. Bom argumento. Vamos continuar observando.

— Segundo, aposto que ele estará na festa, só não tenho certeza se conseguiremos achá-lo na multidão. Você viu como estava ontem?

— Pois é. Acho que hoje enche ainda mais. Muita gente está vindo em cima da hora. Olha só, se encontrarmos esse cara, você *pega*.

— Por que eu? Você está louquinha pra ficar com ele.

— Nada, eu acabei marcando de encontrar aquele gatinho de ontem.

Viro o rosto e estreito meus olhos na direção da minha amiga. Duas íris azuis me encaram de volta, os longos cílios piscando sem parar. Como se fosse muito anjinha. *Aham*.

— Não acredito que você já marcou encontrinho em pleno dia 31, Mari! Você não tem jeito. Hoje é dia de curtir, beijar sem compromisso e começar o ano com o pé direito.

— Ah, Letícia, ele é uma gracinha e beija deliciosamente bem. Fora que estou curiosa para saber se também é bom em outro quesito.

Ela abre um sorriso repleto de malícia e eu começo a rir.

— Sério, Mari, eu não poderia ter companhia melhor nos últimos momentos desse ano louco.

Eu e Mariana nos conhecemos desde a adolescência. Estudamos juntas em um colégio católico em São Paulo, onde moramos. Depois, cada uma partiu para uma faculdade diferente. Eu estudei Economia na USP (Universidade de São Paulo) e ela, Publicidade na ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing). Hoje, aos 29 anos, nossa amizade continua mais forte do que nunca, somos bem-sucedidas e solteiríssimas.

Mesmo tendo perdido o emprego há dois meses, tenho minhas economias muito bem-planejadas, já estou devidamente recolocada no mercado e começo a trabalhar duas semanas depois de voltar para São Paulo.

Apesar de estar bastante ansiosa para finalmente atuar na empresa que é a *menina dos meus olhos*, os dias aqui em Jeri estão servindo para relaxar e curtir. Sei que não será fácil, ainda mais enfrentando o desafio de ser coordenadora, mas estou confiante. Trabalho há anos no mercado financeiro e é certo que darei o meu melhor.

Quanto à minha vida pessoal, depois que peguei meu namorado, Otávio-Otário, como o chamo agora, com sua colega de trabalho, há cinco meses, não quero namorar tão cedo. Estávamos juntos fazia dois anos. Não importa se já não tínhamos o fogo de antes, nós éramos confidentes e eu o considerava um grande amigo, que Mariana não me ouça. *Custava o cara terminar e me poupar de encontrá-lo no meio das pernas de outra?*

Sempre fui muito bem resolvida, mas odeio quando me fazem de trouxa. Depois do fatídico episódio, comecei a aproveitar a vida com mais afinco e nada melhor que fazer isso na cidade que nunca para. Eu amo São Paulo!

Tenho saído com os caras que eu quero, ido à academia todos os dias, ando de bicicleta aos domingos na Paulista e aproveito a diversidade de sons em cada parte — só quem já foi à Avenida Paulista em um domingo sabe do que eu estou falando. Sempre que posso vou ao Ibirapuera para apreciar aquelas belezas corporais masculinas que parecem que saíram de uma propaganda da *Polishop*. É... minha vida tem sido muito boa depois que o babaca me sacaneou. *Toma, filho da puta!*

Voltando ao réveillon, chegamos a Jericoacoara no dia 26 de dezembro, à noite, para aproveitar todas as seis festas, do dia 27/12 a 31/01 e 02/01. Uma loucura que nunca tinha feito, mas tem valido a pena cada segundo.

Fora o lugar que é paradisíaco, o número de pessoas bonitas por metro quadrado é quase surreal. E não digo só dos famosos que tenho encontrado.

Se eu não tivesse me dado um trato antes de vir, estaria passando por *maus lençóis*, porque competir com essa mulherada está complicado.

— Amada, estou louca pra noite chegar logo. Nossa pele está tão bronzeada que vai dar um realce nos nossos vestidos brancos — Mari fala e eu deixo meus devaneios de lado.

— Verdade, Mari. Também não vejo a hora de me arrumar e curtir a noite toda. O próximo ano precisa ser melhor do que esse.

— E será, Lê. Escreve o que estou dizendo. Vai ser o melhor ano das nossas vidas.

— Uau! Assim que eu gosto. Gente otimista do lado é outra coisa. Se lembra da Marcinha lá da Corretora?

— *Porra*, como não vou me lembrar daquela mulher? Até as plantas morriam quando ela chegava perto. Era só pessimismo e tudo de ruim acontecia apenas com ela. Nunca vi pessoa pra agarrar tanta energia negativa.

— Exatamente. Dessa gente quero ficar bem longe. Obrigada por não ser assim, amiga. — Graças a Deus, Mariana é uma pessoa que me impulsiona para cima e não para baixo.

Nós duas caímos na risada e tomamos um susto quando um garçom se agacha ao nosso lado e nos serve duas bebidas. Olhamos para ele, a confusão estampada em nossas feições, e ele logo fala:

— Pediram pra entregar aqui.

— Pediram, é? — indago. — Quem?

— Aqueles rapazes ali atrás. — Olho para onde o garçom indicou e vejo dois caras sorrindo em nossa direção. *Até que são bonitinhos.*

— Agradeça a eles, viu? — Mari pede com um sorriso enorme. Quer vê-la feliz é só dar alguma coisa para ela. Parece até criança.

— Pode deixar. Aproveitem, meninas. Feliz ano novo!

Respondemos um uníssonos “Feliz Ano Novo”, e ele volta para o restaurante.

— É... positividade gera positividade, Mari. Não vejo como nosso réveillon poderia ficar melhor. Feliz Ano Novo, minha amiga!

Brindamos e bebemos um gole da caipirinha de limão. Uma delícia nesse calorão. E Mariana logo completa:

— Vai melhorar quando você pegar aquele moreno gostoso. Você vai ver!

— Opa! Mal posso esperar para esbarrar com o gostosão mais tarde. Vamos aproveitar toda essa positividade porque está bom demais!

E brindamos novamente, balançando nossos corpos ao som da versão remixada de *O Sol*, do *Vitor Kley*, que começa a tocar em um dos restaurantes.

Vem, novo ano, que eu quero te usar!



Quem dera que em São Paulo eu conseguisse ficar com essa cor o ano inteiro e não quase transparente. Não se pode ter tudo, não é? Contudo, ainda assim, não trocaria minha cidade por nada.

Encaro-me no espelho mais uma vez e o que vejo muito me agrada. Meus olhos nunca estiveram tão azuis. Eu os destaquei com um delineador azul, um tom mais escuro que minhas íris, uma sombra prata esfumada e máscara de cílios. Na pele, como estou naturalmente corada, decidi não usar base e nem blush, apenas um iluminador para dar aquela valorizada. Meus cabelos escuros descem ondulados até minha cintura, o vestido branco, leve e soltinho, é frente única e mais curto na frente, chegando a um pouco acima da metade das minhas coxas. Atrás, o detalhe é lindo. Além do decote transpassado nas costas feito com um tecido brilhoso e prateado, que vai até o cóccix, o comprimento é um pouco maior, o que acaba enganando os curiosos de plantão.

Nos pés, coloquei uma rasteira toda cravejada de pérolas e outras pedras, cuja fina corda prateada está amarrada na canela. Ideal para uma festa na praia.

— Amada, você está sexy pra *caralho*! *Megan Fox* incorporou de vez.
— Só posso rir em incredulidade.

Mari sempre brinca dizendo que sou muito parecida com a atriz e modelo norte-americana, mas nem acho *taaaanto* assim. E completa:

— Eu não estava errada quando disse que o bronzeado iria realçar sua beleza.

Olhando para minha amiga, depois de ela ter ficado mais de uma hora

no banheiro — é o seu ritual, sempre se arrumar sozinha —, constato que está linda e tão *queimada* quanto eu.

— Uau! Você está espetacular, Mari. Amei essa renda, os recortes na cintura... e a saia rodada? Demais!

Ela está com um vestido sem mangas que parece um *cropped* e uma saia *midi*, todo feito com renda rústica. Perfeito!

— Soubemos escolher bem nossas roupas, Lê. Afinal, a noite merece! Vamos?

Pego meu celular para ver as horas. Dez horas.

— Vamos! Porém, antes, uma *selfie* — digo e nos posicionamos para a foto.

Sáímos da pousada em direção à festa que será o prenúncio de um novo ano. Que seja sensacional! *Ouvi os anjos dizerem amém?*



Chegamos à grande estrutura montada à beira-mar e já está relativamente cheio. *Piece Of Your Heart*, de *Meduza* na versão de *Alok*, é o som da vez, e um bom número de pessoas dança em frente ao palco onde diversas atrações se apresentarão ao longo da noite. O evento é bastante organizado e não tem nada de improvisado. É como um desses festivais de música que vemos pelo mundo afora.

Antes de vir para cá, eu imaginava algo completamente diferente. Apesar de estarmos na quinta noite de festa, cada uma tem tido seu próprio estilo e com pessoas diferentes do que vi no dia anterior. Não sei se isso é resultado de muita gente vir apenas para a *virada* ou pelo grande público mesmo. Ah, também tem o povo do camarote. É redundante dizer que está *bombando*!

— Será que o moreno gostoso já chegou? — Mari pergunta, enquanto caminhamos pelos quiosques.

— Estou de olho para verificar qualquer movimentação — brinco. — E o seu *contatinho*?

— A gente marcou às 23h30, em frente àquele quiosque que fica perto dos camarotes. Quero aproveitar um pouquinho com a celebridade internacional que está ao meu lado.

Reviro os olhos e sorrio para ela.

— Então, teremos um tempinho juntas. Que bom! Dá tempo de beber alguns drinques, dançar e rodar esse lugar todo em busca do *gato molhado*.

— Adorei. *Gato molhado* é perfeito. — Ela gargalha e se abana. — Vamos, Lê, porque a festa só está começando e amanhã já estaremos em um

novο ano, minha amiga!

Capítulo 2



Leticia

Encontrar o *gato molhado* está tão impossível quanto encontrar uma agulha em um palheiro. Faz uns dez minutos que deixei a Mari junto com o *carinha* dela, que é muito bonito por sinal, e saí para continuar a *caça*. Não que nenhum outro homem tenha me chamado a atenção, mas eu gosto dessa pequena aventura que criamos. Sempre fui de escolher os caminhos mais difíceis. Saí com dois caras lindos nos outros dias de festa, porém hoje quero algo mais emocionante para o meu ano chegar incrível. É claro que, se eu não achar o gostoso até meia-noite, terei que recorrer a outro plano. E faltam apenas vinte minutos!

Meu, *cadê* você?

Que fique claro que não penso somente em homens, ok? O ano todo é só trabalho, quero mais é aproveitar meu raro momento de diversão. E

convenhamos que estou solteira, em pleno festival de réveillon, no Nordeste, onde 85% dos homens são lindos. Poupe-me que não vou querer um rostinho bonito para beijar.

Dez minutos. Meu tempo está acabando, penso, olhando de um lado para o outro, em meio aos corpos se mexendo ao som de *Vanessa Da Mata* cantando a versão eletrônica de “Ai, Ai, Ai”. Adoro essa música.

Dançando no mesmo ritmo, continuo andando e olhando para os lados. Uns caras tentam chegar até mim, e educadamente aceno a cabeça dizendo que “não”, outros sorriem e brindam de longe na parte da música que diz “vamos brindar à vida, meu bem” e eu levanto meu copo com Gin Tônica, afinal, hoje é dia de maldade.

Duas mulheres chegam ao meu lado e começam a dançar e cantar: *Ai, Ai, Ai, Ai, Ai...* e eu aproveito a animação e canto também.

Ainda remexendo o corpo, olho para o celular uma vez mais. *Cinco minutos!* Levanto a cabeça e resolvo fazer minha última tentativa. Dou um passo e não posso acreditar no que meus olhos veem.

O *gato molhado* está a alguns metros de mim, em uma rodinha com outros caras e algumas mulheres. *Porra*, ele é muito lindo! Valeu a pena a procura. Enquanto caminho em sua direção, ele sorri de alguma coisa e entorna a bebida que está em seu copo transparente. Cerveja ou talvez *red bull* com vodca ou uísque, quem sabe. *Humm... já imagino sentir seu gosto refrescante na minha boca*. Passar minha língua pelos seus lábios avermelhados claramente queimados pelo Sol. A camisa branca de botões — meio fechada, meio aberta — e a bermuda florida só incrementam o seu visual perfeito. *Eu poderia me apaixonar facilmente por esse cara...*

Subitamente, começa a contagem regressiva, e o povo se amontoa, impedindo-me de chegar ao meu objetivo. Driblo um, driblo outro, e grito junto cada número, meus olhos nunca deixando de acompanhar o moreno

gostoso.

Oito

Sete

Seis

Cinco

Quatro

Três

Dois passos dele. Nem acredito.

Um.

Minha boca é invadida.

Um braço circula minha cintura e uma mão entra nos meus cabelos, pegando-me pela nuca. O gesto é tão possessivo e desesperado que eu me sinto indefesa e menor do que meus 1,65m.

Eu quero me afastar, mas não consigo. Não tenho forças para parar o beijo mais louco e delicioso da minha vida. A pegada, a boca... é o encaixe perfeito. E, ao mesmo tempo, assustador.

Tento me desvencilhar, sem muito esforço, do corpo musculoso — e que corpo! Minhas mãos não param de tatear o dorso descoberto e os bíceps muito bem definidos —, mas ele segura os dois lados do meu rosto e mordisca e chupa meu lábio inferior com ímpeto. Nunca senti um desejo tão intenso e palpável com apenas um beijo.

Eu posso estar sendo inconsequente, negligente, até mesmo louca, mas quero ver me julgar se estivesse na minha pele. Ah, também acrescente o fato de que não sou uma garota ingênua e sei muito bem que, se eu quisesse, realmente, eu o teria parado na primeira investida.

Só agora percebo que a multidão está em polvorosa com os fogos. Ouço vozes desejando “Feliz Ano Novo” ao meu lado. *Porra!* Estou

perdendo os fogos! Eu perdi o *gato molhado*! Meu ano não pode começar sendo uma merda por causa desse desconhecido abusado para *caralho*!

Uso toda minha força de vontade e empurro o cara que me pegou de jeito. *Que porra é essa? Quem ele pensa que é?*

— Você é louco?

Ele solta uma risada baixa e grave, mas não se vira para mim.

O safado está parado ao meu lado, os braços cruzados contemplando os fogos como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse acabado com os meus planos de beijar um cara lindo, maravilhoso, gostoso, o qual fiquei procurando a noite toda... Ai, *porra*! Que frustrante!

O que me resta é levantar os olhos e curtir o restante do show pirotécnico, que está lindo. Depois de alguns segundos, olho de soslaio para o homem ao meu lado, mas não consigo ver seu rosto. Ele é bem alto, imagino que deva ter 1,90m, por aí, e o fato de eu estar sem salto não ajuda. Encaro o céu brilhoso e colorido novamente e solto um longo suspiro, recordando — mesmo não querendo — do beijo roubado. *Eu posso considerar aquilo um beijo roubado?* Não encontro outra definição para alguém que te pega de um jeito que fica impossível de se livrar. *Impossível...* Às vezes eu gosto de me enganar.

Antes que eu perceba, o espetáculo acaba e, pela minha visão periférica, noto que estou sendo observada. Viro-me devagar, para não ficar com raiva de mim mesma se o cara não chegar aos pés dos caras lindos com quem saí durante esses dias, e já vou dizendo:

— Você está achando que isso aqui é uma micareta, seu...

Minhas palavras morrem.

— Feliz Ano Novo, *Garota Infernal*. — A voz grave perto do meu ouvido me estremece.

Putá! Que! Pariu! Caralho! Porra! Primeiro vêm as palavras de baixo calão para só então conseguir pensar infimamente de forma organizada.

Qual a chance de sair com um deus quando eu estaria satisfeita com um mero mortal? O que é este homem à minha frente? Só pode ser um ser de outro mundo!

Os olhos azuis, claríssimos como o mar de Jericoacoara, estão destacados pelo tom dourado de sua pele. Ao contrário de mim, ele parece *pegar* sol constantemente. Os cabelos claros são meio revoltados, propositalmente despenteados, a barba por fazer é um adorno à parte e, para completar, a camisa de linho branca que ele veste está toda aberta, expondo seu peitoral, o abdômen bastante definido e fragmentos de algumas tatuagens, além de estar usando uma calça branca do mesmo tecido.

Não consigo fazer outra coisa senão *encará-lo*, assimilando cada detalhe.

Como eu não falo nada, acho que ele fica sem graça e coça a nuca. *Um gesto simples como esse pode ser sexy?*

— Desculpe a invasão de privacidade e de ter tomado a sua boca e o seu corpo daquele jeito, mas eu venho te olhando à distância a noite inteira e não costumo deixar passar quando quero algo. Ainda mais que você estava quase chegando ao seu objetivo...

Um clique e eu saio do meu torpor. *Como é que é?*

— O que você acha que sabe, *ladrão de beijo?*

Ele solta uma risada tipicamente safada, que arrepia todos os meus pelos. Até a risada do desgraçado é quente. *Como pode?*

— Vamos dizer que eu tenho o dom de saber o que as pessoas estão sentindo ou querendo pelas suas expressões corporais.

— Ah, é mesmo? Você também tem o dom de *foder* com o réveillon

das pessoas?

— Prefiro dizer que tenho o dom *de foder no réveillon, Garota Infernal*. — Ele pisca um olho obscenamente azul e abre aquele sorriso malicioso que deve deixar muita mulher molhada, mas não me afeto mais. Não mesmo. Foi só o choque inicial.

— Quer parar de me chamar de *garota infernal*? Você nem me conhece!

— É que eu não consigo resistir. Você é idêntica à *Megan Fox* no filme *Garota Infernal*. Desde que te vi não consigo pensar em outra coisa.

Reviro meus olhos. Não pode ser. Mais uma pessoa...

— Aposto que já te disseram isso, não é? Viu? Não é uma cantada barata. Eu não teria por que te comparar a uma das mulheres mais gostosas do mundo... Mas você dá de dez nela, só para constar.

— Você não tem vergonha na sua cara, não? *Me* ataca à força, acaba com os meus planos e ainda fica me assediando...

Ele chega mais perto, pois a música está mais alta, e diz próximo ao meu ouvido, causando um leve tremor em meus joelhos:

— Primeiro, eu nunca ousaria pegar uma mulher à força. — Cada palavra é entoada com veemência. — Segundo, eu dei um beijo, cabia a você me afastar, mas não foi o que aconteceu...

Tento argumentar, mas ele não deixa.

— Terceiro, confesse que você gostou tanto quanto eu. Ainda mais quando tomou ciência de que o *homem* que te beijou era muito melhor do que o *garoto* que você estava perseguindo.

Para fechar com chave de ouro, seu nariz roça meu pescoço e aspira meu perfume, antes de dizer:

— Quarto, você tem um cheiro maravilhoso. Vamos sair daqui?

Convencido, prepotente, lindo, gostoso... Esse é o momento em que eu saio, curto o resto da festa e tento encontrar o *gato molhado*, ou desfruto da companhia do descarado à minha frente. Se a Mari estivesse aqui e visse o rosto e o corpo desse homem, sei muito bem o que ela escolheria, mas ainda tenho um pouquinho de orgulho antes de dar o braço a torcer.

Sem que eu consiga responder sua pergunta, sou empurrada por uma galera que já está muito louca e que passa correndo até chegar à frente do palco onde uma banda começa a se apresentar. Dou conta de que o que me impediu de cair foram as mãos grandes do *ladrão de beijo* me segurando pela cintura. Ele aperta um pouco mais a minha pele e, quando não vê resistência, puxa o meu corpo junto ao seu, protegendo-me do alvoroço à nossa volta.

Por que eu me sinto tão confortável com esse cara? Eu acabei de conhecê-lo!

— Eu sei no que essa sua cabecinha bonita está pensando. — Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e levanta meu queixo com o indicador. — Mas sejamos sensatos: já estamos em um novo ano, temos a madrugada toda para aproveitar de uma maneira muito melhor do que se ficarmos aqui, procurando menos do que merecemos.

Mordo o lábio inferior quando ele sorri de lado, deixando à mostra seus dentes brancos e perfeitos, o maxilar anguloso e... covinhas. *Putá que pariu! Covinhas!* Nossa! Esse cara deve ter me dado alguma droga, não é possível. Ele tem alguma coisa, fora a beleza divina, que me deixa incapaz de agir.

E ele não desiste:

— Eu consigo sentir que nós dois queremos a mesma coisa. Pelo que tudo indica, você está solteira, eu também, ambos estamos à procura de uma companhia e eu adoraria passar as próximas horas com uma mulher linda como você. Com apenas um beijo eu soube que meu ano não poderia

começar melhor, mas quero muito mais... Eu. Quero. Você. Por. Inteiro!

As últimas palavras saem num sussurro arrastado, os lábios tocando minha orelha sensível, e eu fecho os olhos.

Meu... Como um cara que acabei de conhecer pode mexer comigo desse jeito? Eu estou completamente rendida e ele não precisou fazer muita coisa. Ao longo dos meus 29 anos, nunca passei por algo parecido, e isso me assusta. Muito!

Coloco uma mão em seu peito e afasto meu corpo do dele antes de dizer:

— Olha, você conseguiu ferrar com todos os meus planos para essa noite. Eu ainda estou com raiva, confu...

Mas é claro que ele não me deixa terminar de falar. Em um segundo sua boca está colada à minha. *Esse cara deve ter algum problema, não é possível!* Porém, diferente de antes, ele não me beija com desespero. Até a sua calmaria é deliciosa, experiente. Sua língua pede passagem, lambendo meus lábios bem devagar, e suas mãos vão diretamente para o meu rosto, descendo até o meu pescoço, chegando à nuca, agarrando uma parte dos meus cabelos.

Foda-se!

Seja o que for que este ano me reserva, deve haver um bom motivo para tudo ter mudado de repente. Como diz a Mari, serei positiva. E nem vai ser tão difícil com um homem como esse.

Capítulo 3



Leticia

Demoro a assimilar que estou no quarto do *ladrão de beijos*. E que quarto! A pousada em que eu e Mari estamos é linda, muito bem localizada e confortável, mas este hotel grita luxo.

Eu lembro quando estava pesquisando acomodações e vi este lugar, mas custava tão caro que daria, em uma diária, quase o valor total dos dias de hospedagem na pousada. *Meu*, tem uma pequena piscina privativa na varanda que dá vista para o mar. E é daqueles tipos de piscina que todo mundo consegue enxergar o que você está fazendo na água, mas a essa hora, em plena noite da virada, duvido que alguém esteja preocupado com isso.

Enquanto o safado — e só agora percebo que nem o nome do cara eu sei — desceu para pegar algumas coisas no restaurante, estou sentada em uma poltrona na varanda, *viajando* com o som das ondas batendo na areia.

Maravilhoso!

Será que a Mari está bem? Será que deu tudo certo entre ela e o bonitinho? Minha mente volta a se lembrar da loucura que foi a passagem de ano. Isso dá um livro de tão sem noção que foi!

Como eu pude cair na desse cara? Ele tinha que ser tão magnetizante, lindo e gostoso? Quase um pacote impossível de resistir.

É só uma noite, Letícia! Você nunca mais vai ver esse homem depois disso, só aproveite!, digo para me acalmar.

Escuto um barulho de porta e giro meu corpo.

— Quer ajuda? — pergunto e me levanto quando o vejo trazendo um balde cheio de gelo com um champanhe caro dentro, e uma embalagem que imagino ser de comida, porque o cheiro está delicioso.

— Não precisa — responde, colocando tudo na mesinha que fica ao lado da poltrona em que eu estava sentada do lado de fora.

— Por que você não pediu serviço de quarto? O hotel é cinco estrelas.

— E qual seria a graça? Eu escolhi tudo a dedo para a princesa.

Humm... atencioso ele. Dispersando o pensamento, falo:

— O cheiro está incrível. O que é?

— Como eu não sabia do que você gostava ou se tinha alguma alergia, trouxe um pouco de cada petisco. Iscas de peixe, camarões empanados, espetinhos de carne e de frango...

— Caramba! Você caprichou. E não, eu não tenho alergia a nada.

— Ótimo, poderemos experimentar um pouquinho de cada coisa.

Fico observando-o preparar tudo para começarmos a comer. Eu que pensei que a gente fosse chegar aqui e seria apenas fogo, mas dou graças a Deus que ele teve essa ideia, pois estou faminta.

Já satisfeita, comento que estava tudo muito gostoso.

— Que bom que gostou. É bom nos alimentarmos direito, a noite é uma criança. — Ele pisca para mim, sem perceber o que sua promessa velada faz com meu corpo.

Esticando-se na cadeira, *me* olha e pergunta:

— A *Garota Infernal* tem nome ou posso te chamar de *Megan*?

— Você é muito engraçadinho, não é mesmo?

— Na verdade, você desperta o meu lado divertido e aventureiro. — O gostoso se levanta da cadeira e se ajoelha diante de mim. — Que tal nos refrescarmos?

Um aceno para a piscina privativa. *Proposta indecente essa.*

— Não estou com biquíni. — Dou uma de ingênua, e ele solta aquela risadinha sacana, *sexy*, de quem sabe das coisas.

— Vamos lá! O champanhe já deve estar trincando. Vai ser a combinação perfeita. Um espumante geladíssimo, piscina agradável, uma noite festiva e o seu beijo quente.

O safado é cheio das lábias. Tem todo o jeito de sempre conseguir o que quer.

Deixando de lado as baboseiras que venho fazendo desde que o conheci, o falso moralismo, a ingenuidade que não combina com meu lado impetuoso e mostrando quem realmente sou, levanto-me da poltrona e peço:

— Vem. Pode tirar!

Ergo meus braços e espero até que ele compreenda o que quero, mas o cara é rápido. Em um instante está na minha frente, *me* encarando como se estivesse procurando alguma vulnerabilidade ou vergonha. Não deve ter encontrado, já que logo faz o trabalho.

Seus dedos deslizam o tecido fino até chegar à minha cabeça em uma carícia, e minha respiração fica ofegante. Assim que ele tira o meu vestido e o

joga para dentro do quarto, seus olhos estão um tom mais escuros ao analisarem descaradamente meu corpo completamente exposto, a não ser por uma pequena calcinha branca de renda com fios dourados.

Ele se afasta alguns centímetros e cruza os braços, o que faz com que sua camisa marque os músculos avantajados. Lindo demais! O deus grego examina minuciosamente cada detalhe. Pernas, ventre, os mamilos intumescidos e prontos, lábios, olhos... Propositalmente, o *ladrão de beijos* morde o lábio inferior, como se apreciando a vista, faminto e tão afetado quanto eu.

— Só um minutinho — pede, e estranho a urgência.

Desaparece dentro do quarto e fico sem saber o que vai fazer até começar a ouvir uma música que aumenta gradativamente. Ao retornar, ele traz a garrafa de champanhe e a deixa perto da piscina. Com um sorriso malicioso no rosto, o loiro caminha bem devagar na minha direção, começando a tirar suas roupas.

Sorrio pela escolha da trilha sonora, vidrada em cada movimento seu.

— Não sabia que era fã de *Vanessa Da Mata*. Adoro essa música em particular — comento.

— Eu imaginei. Como eu disse, fiquei te observando mais cedo e consegui assistir ao seu showzinho. Naquele momento, soube que precisava *chegar em você*. De qualquer jeito.

Esse cara realmente estava de olho em mim. Termina de se despir e fica apenas com uma *boxer* branca. *Putá que pariu, que corpo!* Se eu achava que ele era forte, sem roupa consegue ser ainda mais intimidante. Consigo ver as tatuagens no braço esquerdo e na lateral de seu abdômen repleto de gomos. O que não consigo mesmo, entretanto, é deixar de notar o seu contorno sob a cueca e o quanto está excitado. Minha atenção vai para o seu

rosto bronzeado e digno de um modelo quando ele volta a falar:

— Além de ser linda pra *caralho*, seu vestidinho instigante ficava subindo, mostrando suas pernas bronzeadas e gostosas... — Ele se abaixa e desliza seus longos dedos em minha pele, fazendo-me estremecer com a surpresa.

A voz continua grave, porém um pouco rouca:

— ... Os mamilos eu conseguia ver perfeitamente que estavam durinhos e só imaginava minha boca te tomando por inteiro. Você tem noção de que também acabou com os meus planos para esta noite?

Olho para baixo e seus lábios estão a centímetros da minha calcinha.
Que cena!

— É mesmo? — sussurro. — O que você tinha em mente?

— Com certeza não era ficar com apenas uma mulher. — Sua risada reverbera em minha coxa quando o sinto beijar um ponto muito perto de onde eu queria sua língua atrevida agora. Fecho os olhos, sem conseguir suportar a tortura.

— Uau, garanhão! — brinco e mexo em seus cabelos, puxando-os devagar. É a vez dele fechar os olhos ao apoiar a testa em minha barriga, enquanto seus dedos continuam percorrendo minhas curvas com delicadeza. — Então estamos quites, não é mesmo? Você ferrou comigo e eu ferrei contigo.

— Vamos para a piscina — diz, a voz grave e repleta de desejo ao levantar e pegar minha mão. — Vamos aproveitar enquanto está tudo escuro.

Desamarro as sandálias e tiro minha calcinha sob seu olhar atento e que poderia me queimar, tamanha intensidade.

— Gostosa demais!

Ele tira a *boxer* e eu preciso fazer um esforço absurdo para não abrir

minha boca e apreciar a imponente rigidez. Não é possível que meu ano tenha começado com essa sorte! Eu que pensei que o *gato molhado* fosse um partidão, nunca poderia imaginar que algo muito melhor estaria reservado para mim.

— Você dá para o gasto — retruco, tentando colocar humor na jogada, e nós dois rimos ao entrarmos na piscina de uma vez. *Que delícia!* — A propósito, Letícia.

Ele fica sem entender nada.

— O quê?

— Meu nome é Letícia.

— Letícia... Combina com *Garota Infernal*. — Reviro os olhos. — Henrique. Não sou Alceu, mas estou ao seu dispor.

— *Putá que pariu...* — Caímos na risada novamente. *Bom humor. Adoro!* — Humm... Henrique combina com *ladrão de beijos*.

Ele ri e chega mais perto.

Uma forte tensão sexual nos envolve, porém o melhor é que não há pressa. Pelo contrário, estamos nos curtindo e aproveitando cada segundo. Ele pega a garrafa que estava por perto e começa a tirar a gaiola de arame.

— Sabe abrir? — pergunta.

— Com certeza.

— Então, já que eu ferrei com a sua noite, tenha a honra. — Ele me estende a bebida e eu me apoio na beira da piscina para ter um jeito melhor de tirar a rolha. Eu só não esperava que ele ficasse atrás de mim no processo.

— Você não perde tempo, hein?

— Você achou que eu era um santinho?

— Isso nunca.

— Que bom — sussurra, encostando a boca no meu ouvido,

lambendo meu pescoço em seguida e me abraçando por trás.

Fica difícil me concentrar sentindo-o roçando minha bunda. *Esse cara é gostoso demais!*

— Porque o que quero fazer com você não é nada puro.

— Eu nem espero isso — murmuro, ficando cada vez mais à vontade em sua presença.

Ele mordisca meu ombro, fazendo-me arquejar. Termino de remover a gaiola que prende a rolha e, enquanto uma mão enorme aperta meu seio, brincando com meu mamilo já duro, a outra desce até o lugar em que mais necessito. Ofego e encontro dificuldade para concluir a simples tarefa de abrir uma garrafa de champanhe.

— Assim vai ficar difícil continuar — murmuro, jogando minha cabeça para trás. Quero mais é que ele me toque e esqueça a garrafa.

— Você consegue, Letícia. — *Porra!* Até o meu nome saindo da sua boca está me dando tesão. Eu preciso desse cara! — Continue.

Obedeço ao seu comando, uma parte minha gostando do tom autoritário em sua voz, e começo a girar a garrafa com uma mão e a outra segura firme na rolha. O movimento faz com que, involuntariamente, meu corpo vá para trás e isso me dá acesso total para senti-lo em toda sua magnitude e é a vez dele rugir ao meu ouvido, tão sensível quanto eu.

Coloco mais força para girar e Henrique faz questão de acelerar seu toque. É demais! Eu nunca mais vou abrir uma garrafa de champanhe da mesma maneira. Enquanto continuo meu trabalho, com uma lentidão fora do normal, ele me estimula sem parar, apertando meu mamilo, sussurrando o quanto sou gostosa, que não vê a hora de se enterrar em mim, de sentir meu gosto, e, justamente quando chego ao clímax, gemendo, ofegando, revirando os olhos, sem calcular a coincidência, ouço um estampido. A rolha voa para

algum lugar dentro do quarto e um pouco do líquido dourado jorra na beirada da piscina. Começamos a rir diante da cena.

— Se tivéssemos combinado, isso nunca teria acontecido — Henrique comenta, diversão exalando em sua voz.

— Isso foi a coisa mais louca e bizarra que já aconteceu comigo. Não acredito que gozei enquanto abria um espumante.

Mais risadas e, então, ele se afasta, servindo duas taças do líquido borbulhante. Impossível não olhar para baixo e ver o quanto ele está excitado.

— Não achei nada bizarro. Pelo contrário, vou sempre me lembrar disso quando abrir um daqui pra frente...

Ele me entrega uma taça e, antes de brindarmos, emenda:

— ... Dos seus gemidos, da sua bunda me instigando, quase me fazendo gozar junto, de como você é fogosa, linda...

— Ok, já entendi. Eu também não posso dizer que não me lembrarei disso. Foi incrível, confesso.

— É só um aperitivo, querida. Ainda quero te ouvir gritar de verdade.
— E nem por um segundo eu duvido disso.

Afastando o calor, que mesmo na água não me larga, pergunto:

— Vamos brindar?

— É claro.

Ficamos um de frente para o outro, nus, molhados, completos desconhecidos, e ele diz:

— Que o nosso ano seja surpreendente!

— Que o nosso ano seja surpreendente, no bom sentido! — replico o seu brinde, mas acrescento a parte final porque, né? Depois de tudo o que passei no ano passado, não posso sequer cogitar em ser surpreendida por coisas desagradáveis novamente. Henrique balança a cabeça e ri,

concordando.

— Está certa!

Finalmente brindamos. Bebo o líquido geladíssimo e sinto um frescor incrível por todo meu corpo. Perfeito! Parece até que estou vivendo um conto de fadas. Um deus grego me beijou, *me* trouxe para o seu hotel caro, *me* deu comida e uma bebida deliciosa, *me* fez gozar e, agora, está me olhando como se eu fosse um pedaço de carne bem suculento.

Acho que depois de tudo o que passei, o Universo decidiu que foi muito injusto comigo e está finalmente me recompensando.

Capítulo 4



Leticia

Depois de três taças, a calma dá lugar ao tesão que cada gole do espumante trouxe enquanto Henrique me olhava *daquele* jeito. E eu era incapaz de não corar ou não me afetar.

Por mais que nunca tenhamos nos visto antes, o contato que estamos tendo é muito íntimo. Não consigo ter vergonha da minha exposição, do meu corpo estar constantemente sob seu olhar abrasador, ou de vê-lo excitado com tanta normalidade, como se já o conhecesse há eras. Não tenho vergonha de nada e não sei o que isso quer dizer.

Ele pega nossas taças, *as* coloca num canto da varanda e se vira para mim, caminhando com uma determinação invejável. Eu apenas espero, sem conseguir sair do lugar ou me mexer. Henrique fica a poucos centímetros de tocar minha boca e diz, num sussurro animalesco e gutural:

— Acho melhor irmos para a cama.

A promessa em sua voz me faz sair da letargia e eu apenas aceno em concordância. *Quem sou eu para discordar?*

Saímos da piscina e, sem que eu esperasse por isso, ele me pega no colo, fazendo com que minhas pernas enlacem sua cintura, permitindo que eu o sinta completamente duro embaixo de mim.

Ofego em antecipação, raspando minhas unhas em sua nuca. Seus olhos não deixam os meus.

Cedo demais, ele me deita na cama, não se importando se estou molhando os lençóis de algodão, ou os travesseiros, apenas me olha, luxúria exalando tão forte, que preciso roçar uma coxa na outra.

— Como é fogosa, *Garota Infernal!*

Sua voz. Eu poderia chegar ao êxtase só o ouvindo pronunciar meu nome.

Ele pega um preservativo dentro da carteira, que está em uma mesinha ao lado cama, e abre a embalagem sem falar nada, apenas me encara.

Devagar, cobre seu membro rosado e avantajado; em seguida, sobe no colchão como um predador, inteiramente selvagem. Um homem e não um garoto, constato.

Ao chegar entre minhas pernas, ele as levanta, deixando-as apoiadas em seus ombros, e, por alguns segundos, aprecia a vista. Seus olhos brilham, vidrados no que estou proporcionando, e se posiciona em minha entrada. Henrique instiga, *me* lambuza com meu próprio líquido, fazendo com que um gemido aflito saia da minha garganta.

— Tão molhada... Imagino como vai ficar quando sugar meu pau todo. É isso que você quer?

Investe um dedo, comprovando o quanto estou encharcada, enfia

outro, e eu gemo de satisfação. Ao tirá-los de dentro de mim, ele os lambe, e um som de contentamento sai de sua boca.

— Que delícia! Melhor do que imaginei.

Em dois segundos, tira minhas pernas dos ombros e as abre diante dele, logo sua língua está em meu centro, levando-me à loucura. Sem me conter, grito seu nome, arranho seus ombros, agarro seus cabelos. Estou sensível, pegando fogo, descontrolada e, quando não aguento mais, o vai e vem da língua, o polegar estimulando meu clítoris sem parar... gozo com seu nome em meus lábios.

— Henrique...

Se fosse como nas outras vezes em que transei, eu estaria cansada, querendo dormir para continuar depois, mas não com ele. Não com o *ladrão de beijos*, que roubou muito mais que minha boca; capturou, em poucas horas, meu corpo e a minha alma.

Como se lesse meus pensamentos, ele não me dá trégua e gira meu corpo até que eu fique com a barriga para baixo. Suas mãos massageiam minha bunda antes de um tapa chegar. Quente. Minha pele queima e algo dentro de mim se agita pedindo mais.

— Adorei ouvir meu nome na sua boca, Letícia. Da próxima vez que você gozar, quero ouvir de novo, ok?

Aceno a cabeça e, quando ele não *ouve* a resposta, enrola meus cabelos na mão e me puxa um pouco para cima, perguntando baixinho:

— Você vai gritar meu nome de novo, Letícia?

— Vou! — respondo, ofegante.

Meu Deus! O que esse homem está fazendo comigo? Eu que sempre condenei esse tipo de autoritarismo, mesmo na cama, quero mais é que ele me dê comandos, ordene, mande! Henrique sabe o que está fazendo e isso me

deixa ainda mais à flor da pele, em expectativa para tê-lo por inteiro dentro de mim.

Não posso deixar de destacar que ele já me fez gozar duas vezes, enquanto ainda não se satisfaz. Zero egoísmo. Preciso bater palmas.

Com um braço, o loiro delicioso levanta meu abdômen do colchão, deixando-me de quatro, totalmente exposta, e ele chia antes de dizer:

— Se existe visão mais linda que essa, ainda estou para conhecer.

Eu apenas rio de sua fala e, então, ele enrola meus cabelos em sua mão, uma vez mais. Uma ardência prazerosa em meu couro cabeludo faz com que eu fique ainda mais empinada; uma mão acaricia minhas nádegas com veneração.

— Agora você pode gritar!

Apenas sinto.

Uma investida tão profunda, que agradeço por ter gozado antes e estar bem lubrificada, porque é inevitável gritar. Grito de prazer, por Henrique conseguir chegar a um ponto que nunca pensei que um homem conseguiria.

— Isso! Grita pra mim!

E eu não paro. Urro, rebolo, e ele ruge atrás de mim, agarrando meus cabelos, dosando entre puxões fortes e fracos, batendo em minha bunda, apertando meus mamilos, até começar a me estimular, enquanto monta em mim sem piedade.

Eu achei que não fosse conseguir gozar tão cedo, depois de me *desmanchar* por duas vezes, mas eu ainda não sabia como este homem era na cama, que ele poderia me desestabilizar a cada estocada.

— Deliciosa, Leti. — Não tenho tempo para pensar no apelido. Ele não para. Investe fundo. Rápido, devagar... — Ver esse rabo gostoso enquanto te como está me deixando louco. Eu estou quase lá. Você vai

comigo, linda?

Parece brincadeira, mas eu também estou quase lá. Seria difícil não chegar com seus dedos me tocando com tanta precisão e determinação.

— Sim, vou com você — respondo, ofegante, perdida no desejo mútuo que preenche o quarto.

— Então vem. Vem comigo, Letícia!

Ele urra meu nome, e sei que chegou ao ápice. Sinto seu corpo estremecer inteiro... Ensandecido, morde minhas costas, passando sua língua em seguida.

— *Porra*, que delícia! Que delícia de mulher você é!

Ao vê-lo tão entregue, eu não aguento.

— Henrique! — grito quando alcanço minha libertação, rebolando com destreza até senti-lo naquele ponto certo. — Henrique... Ah! Ah!

Nem sinal de ele parar de se mexer dentro de mim, ou de seus dedos pararem de trabalhar.

— Isso, goza pra mim, gostosa! *Me* engole com vontade!

O comando me faz berrar seu nome ao receber uma última onda de prazer quando, sem forças, desabo no colchão. Parece que minha alma saiu do corpo e, aos poucos, vou tendo consciência de onde estou, do que aconteceu, da estrutura corporal do homem que está ao meu lado, tão exausto quanto eu.

Suados. Estamos molhados de suor.

Lentamente giro meu corpo e fico de barriga para cima, na mesma posição que ele, olhando para o teto.

— Ainda pensa que eu estraguei a sua noite, *Garota Infernal*?

Rindo, digo:

— Acho que você *me* estragou.

Ele parece se divertir e se vira para mim, apoiando o cotovelo no colchão e a cabeça na mão.

— Ah, é? E posso saber como?

Seu dedo indicador desliza pela lateral do meu corpo, causando um arrepio, eriçando meus pelos e enrijecendo meus mamilos. O convencido ri da proeza que um simples toque está fazendo, e me afasto.

Não vou confessar que ele é o responsável pela melhor preliminar e a melhor transa que já tive na vida; que depois daquele beijo roubado eu não prestei atenção em mais nada, apenas o segui para o que quer que ele tivesse a me oferecer; que ele me estragou para qualquer outro cara e vai ser difícil não comparar meus futuros encontros, e os do passado, com este homem. Não, não vou confessar nada disso. Prefiro guardar tudo para mim. Afinal, ainda prezo pelo meu orgulho e sei que esta noite não vai passar de uma aventura casual.

Resolvo responder com outra verdade:

— Depois de gozar três vezes, não tenho energia para mais nada. Estou oficialmente estragada.

A risada grave de Henrique faz com que eu me esforce para encará-lo e sua mão acaricia meus cabelos, relaxando-me ainda mais, a ponto de não conseguir ficar de olhos abertos. *Preciso dormir só um pouquinho...*

— Se quer a verdade, você também me estragou, Letícia. Você sugou toda a minha vitalidade com aquela rebolada gostosa.

Rio fracamente e, antes de cair no sono, consigo balbuciar:

— Agora sim estamos quites, *ladrão de beijos*.

Posso jurar que sinto seus lábios nos meus e um sussurro de boa noite, mas não sei dizer se faz parte de um sonho ou se realmente aconteceu.



Acordo sobressaltada. Observo os detalhes ao meu redor; só depois de alguns segundos é que percebo que não estou no quarto da pousada e as lembranças da madrugada vêm com força. Chego a suspirar com o quanto me diverti. Em todos os sentidos. Meu corpo dolorido que o diga!

Esparramada na cama gigante do quarto sofisticado, olho para o lado e constato que estou sozinha. Estendo minha mão e, pela frieza do lençol, Henrique saiu há um tempo. Algo como decepção perpassa em meu peito e, antes que eu recolha a mão, sinto a textura de um papel em cima do travesseiro que ele usou.

Levanto meu corpo com o cotovelo e vejo um bilhete com uma letra masculina e elegante.

Bom dia, Garota Infernal!

Precisei ir embora.

Meu voo estava marcado para bem cedo e eu não quis interromper seu sono.

Obrigado pela noite. Foi sensacional.

Feliz Ano Novo, aproveite o quarto e as comodidades do hotel. Por minha conta.

Um beijo nessa boca gostosa e até um dia,

Henrique.

Ele foi embora. Tudo bem que eu já sabia que não seria algo duradouro, mas o pesar ao ter consciência de que nunca mais o verei vem como um baque e me obrigo a me deitar de novo. Encaro o teto e fico injuriada porque o que me restou foram apenas as lembranças da virada mais imprevisível da minha vida. Poderia muito bem ter sido tudo um sonho, se não fosse pelo bilhete, o incômodo entre minhas pernas e os lábios inchados.

Ah, aquele beijo roubado... Tirou meu ar, minha sanidade, meu senso de julgamento. E depois... Aqueles dedos longos que me levaram ao êxtase quando abri a garrafa, quando sua boca me provava sem pudor, chupando, sugando, e, então, quando se enterrou em mim, não parando de me estimular com uma agilidade profissional. Sempre atencioso, querendo sentir meu prazer a todo custo, antes mesmo do seu, e foi isso que me deixou ainda mais fascinada. Não lembro se algum dia gozei tantas vezes seguidas. Duvido. Com certeza eu lembraria.

Nem número de telefone trocamos e, se ele não se deu ao trabalho de informar no recadinho, é sinal de que não quer ser incomodado e que a nossa noite não passou de uma casualidade. Dois adultos que sentiram uma forte atração um pelo outro, transaram sem compromisso e só. Por mim, estaria tudo certo se Henrique não fosse tão arrebatador.

Que merda! Só me faltava essa. Ficar lamentando pela minha pseudoperda. Meu celular toca em algum lugar do cômodo, e vejo minha bolsa jogada no chão, perto da varanda. Com um lençol branco me cobrindo, pego o aparelho e atendo.

— Alô! — minha voz soa rouca e grave.

— *Amada, você está viva?* — *Droga!* Eu me esqueci completamente

de enviar uma mensagem para minha amiga.

— Desculpa, Mari. Eu estou viva sim. Ou quase. — Rio e, ao sair para a varanda, tomo ciência de que já tem uma galera pegando sol na piscina aberta do hotel, no térreo.

— *Caramba, Lê. Já estava ficando preocupada. Onde você está?*

Ao dizer o nome do hotel para Mariana e pedir que me encontre neste quarto, ela fica toda animada.

— *Ah, meu Deus! Pelo visto, sua noite foi incrível.*

— Aqui eu explico tudo e a gente curte um pouco o hotel, tudo bem?

— *Claro! Daqui a pouco chego aí. Me espere para tomarmos café da manhã. Tenho um passeio reservado para nós duas.*

— Opa! A gente conversa melhor quando você chegar. *Te espero.*

— *Ok! Beijos.*

Bom, o negócio é aproveitar o restinho das minhas férias em Jeri, afinal, eu e Mari temos mais uma festa para ir amanhã à noite e não vou ficar pensando no que poderia ter acontecido se Henrique continuasse aqui. Rolou um clima bacana, foi muito bom, mas bola para frente. Agora é saber se ele, de fato, *me* estragou para outros caras ou se foi coisa do momento. Oremos para que seja a segunda opção porque, caso contrário, toda minha sorte terá se transformado em azar antes mesmo do ano novo começar.

Capítulo 5



Leticia

— Vamos marcar um almoço essa semana? — Mari pergunta, *me* ajudando a tirar as malas do táxi quando desço em frente ao meu prédio.

— Pode ser. Preciso organizar minha vida depois desses dias fora. Vamos nos falando.

— Tudo bem. Um beijo, Leti. — Ela me abraça. — E vê se dá um *up* nesse ânimo — completa.

— Para de cismar. E vai logo, o motorista só está te esperando.

— Eu sei, o taxímetro está girando, então, estamos na mesma. — Ela sorri e eu sorrio também. Mariana não existe.

— Vou subir, preciso descansar depois dessa maratona de *pousada x aeroporto x casa*. Obrigada pela companhia nesses dias, Mari. Foi demais!

— Eu que agradeço por você ter topado ir comigo, amiga. Vamos marcar a próxima!

— Com certeza! Só preciso ver como será na empresa, se terei facilidade para viajar aos finais de semana, pelo menos.

— Ah, nada de ficar viciada no trabalho de novo, dona Letícia. Você precisa pensar em si mesma em primeiro lugar. Não adianta se entregar tanto para a empresa e se esquecer da sua vida. Pense nisso!

— Vou pensar, Mari. Obrigada, sempre.

— Qualquer coisa, é só ligar. — Ela pisca para mim e entra no carro, que logo dá partida.

Solto um longo suspiro e sinto preguiça só de ver as malas no chão. Toco o interfone e o porteiro me reconhece, abrindo o portão. Subo as escadas com dificuldade, até que o zelador me encontra no meio do caminho.

— Dona Letícia, por que não usou o acesso com rampa?

— Ah, seu Antônio. Eu esqueci completamente. — *Que lerda!*

— Deixa que eu ajudo a senhora.

— Nossa, muito obrigada! Você é um anjo.

“Seu Antônio”, como é conhecido, está na faixa dos 50 anos e é muito querido por todos no prédio. Sempre prestativo, nunca vi o homem emburrado ou reclamar de alguma coisa. Não é à toa que é zelador daqui há mais de 15 anos.

Ele me ajuda a colocar as malas no elevador de serviço e o agradeço diversas vezes, mas ele apenas diz que faz parte do seu trabalho. É claro que eu sei que não faz e nunca o obrigaria a fazer isso.

Chego ao 11º andar e deixo minha mochila na porta do elevador, impedindo-a de fechar antes de tirar as outras duas malas de rodinha.

Ufa! Nem acredito que finalmente estou em casa. Coloco minha digital na fechadura e um clique indica que a porta está aberta. Acendo as luzes e respiro fundo, a essência de baunilha entrando em minhas narinas. Posso viajar para os destinos mais maravilhosos do mundo, mas aqui sempre será o meu preferido.

Com as malas dentro do apartamento, descalço meus tênis e deixo na área de serviço. Aproveito para tirar minha roupa de viagem e coloco tudo no cesto da lavanderia. Só de calcinha e sutiã, permito-me deitar no sofá retrátil de quatro lugares.

— Ai, nem acredito que cheguei — murmuro comigo.

Sem conseguir desligar minha cabeça, repasso os últimos dias da viagem, o pedido de Mari para que eu me animasse... Não é que eu estivesse para baixo, mas depois da noite com Henrique, eu não conseguia “não pensar” no bendito. Não parava de recordar as sensações que ele me fez experimentar, como se minha pele sentisse falta do seu toque, uma coisa muito estranha. E minha amiga percebeu a mudança.

Quando eu a chamei para tomar café comigo no hotel em que o *ladrao de beijos* estava hospedado, contei tudo o que tinha acontecido, enquanto desfrutávamos de um *breakfast* maravilhoso no quarto. *Por conta do gostoso*. Minha amiga não parava de rir.

— *Mana do céu. Eu não acredito nisso.* — Ela gargalhava e chegou a derramar lágrimas. — *O cara... O cara te beijou quando você estava quase chegando no gato molhado? Isso parece cena de filme de comédia, amiga.*

Eu não tive opção a não ser rir também. Contudo, ela foi ficando séria quando viu que, vez ou outra, eu ficava aérea, envolta em lembranças de uma noite, que eu sabia que mexeriam comigo por um bom tempo.

— *Amiga, não se apegue. Pode ter sido tudo maravilhoso, e não*

duvido de que foi mesmo, porque sua carinha não nega, mas não passou de uma transa pontual. O cara tinha uma pegada boa, e só. Você não pode começar a encucar com isso, ainda mais quando nem trocaram números de telefone ou qualquer outra informação que indicasse que vocês voltariam a se ver algum dia.

Aquilo foi como um balde de água fria, por mais que eu já tivesse tirado a mesma conclusão. Ter alguém ratificando o meu pensamento fez com que eu acordasse e quisesse curtir o que eu ainda tinha para curtir ali em Jeri, esquecendo o que havia acontecido na noite da virada.

O passeio que Mari reservou era para a *Lagoa do Paraíso*, um paraíso dentro do paraíso. Sim, redundante e repetitivo, mas é isso mesmo. O lugar fica do lado leste da vila de Jericoacoara e é perfeito para relaxar. Depois de uma noite agitada de estripulias sexuais, que me deixou mais impactada do que deveria, foi a melhor escolha.

Fomos de *buggy* — era isso ou jardineira, um tipo de transporte com carroceria aberta nas laterais, comum na região — e, ao chegarmos, foi impossível não nos surpreendermos. Uma diversidade de quiosques ladeava a entrada para a lagoa e, mais à frente, uma imensidão de águas cristalinas nos recebeu. Alucinante. Para completar a experiência incrível, dirigimo-nos para uma parte considerada VIP, onde um clube atende quem está disposto a ter um pouco de conforto e comodidade. Pagamos um valor *salgado*, mas valeu a pena!

Ficamos em um bangalô supermoderno, com guarda-volumes, *wi-fi* e atendimento diferenciado. Havia uma espécie de cama, com tecidos brancos envolvendo uma estrutura de madeira, de frente para o mar de águas mornas, comemos um peixinho fresco delicioso... Foi perfeito e consegui aliviar a sensação estranha que estava sentindo no peito, pelo menos por aquelas horas.

O dia seguinte foi o último dia de festa e, como se o destino estivesse me sacaneando, encontrei o *gato molhado* sem muito esforço — sem beijo roubado de um loiro musculoso para *atrapalhar* —, e eu fiz questão de que ele me visse dançar. Não demorou muito, o rapaz estava na minha frente, dançando junto comigo, olhando nos meus olhos, hipnotizado. Quando eu *quero* seduzir, costumo ter êxito em meu objetivo.

Depois de ficarmos um tempinho aproveitando as músicas, ele me puxou para comprarmos bebidas e finalmente nos apresentamos. Conversa vai, conversa vem, descobri que ele se chamava Arthur e tinha 21 anos. Eu me assustei, porque ele parecia mais velho, porém Henrique, pelo visto, tinha percebido que ele era novinho e, por isso, brincou dizendo que eu deveria sair com um homem e não com um garoto. Como não estava procurando um namorado, não vi problema em me divertir com ele.

Eu e Arthur ficamos nos curtindo, a dança se tornou mais ousada, nossas coxas se tocando e, com um braço, ele enlaçou minha cintura. Nossas bocas estavam a poucos centímetros de distância, mas, ao contrário de Henrique, ele queria que eu desse permissão, que o guiasse... Naquele momento, eu senti uma pontada de decepção. Eu queria um furacão, um homem que sabia o que estava fazendo, a determinação avassaladora de um beijo, portanto, na minha frente havia outra pessoa e era injusto fazer comparações.

Com um aceno de cabeça, deixei que Arthur me beijasse. Começou lento e foi se aprofundando aos poucos. Senti um aperto na cintura e seus dedos deslizando até o final da minha coluna. Não posso negar que ele tinha uma boa pegada, e minha cabeça insistia: *não compare, não compare, não compare*. Mas era impossível. Então, antes que ficasse mais difícil sair de cena, eu me afastei e disse que não estava passando bem. O rapaz ficou preocupado, mas eu disse que só precisava descansar um pouco e, deixando

Mariana com o seu “casinho fixo”, voltei para a pousada.

É por isso que minha amiga ficou achando que eu estava na *bad*, mas, na verdade, eu só não queria transar por transar, não naquele dia, e fiquei tranquila com a minha decisão.

Agora, olhando para o nada, desfrutando do silêncio e do conforto da minha casa, *me* pergunto se fui sincera comigo ou se *ele* me estragou de vez.



— Mari, não acredito que você me convenceu a vir a essa festa. — Estamos sentadas no bar de uma boate sofisticada em São Paulo, cenário da inauguração da *Meat & Drinks*, uma nova rede de restaurantes que a agência de publicidade da Mari representa.

Ela não me deu a chance de negar o convite e ainda escolheu o vestido que eu deveria usar. Uma peça frente única de cor preta, curta, toda bordada com paetês. O que mais gosto nele, contudo, é do decote nas costas. Arrasador. Já a loira está com um vestido tomara-que-caia de seda, vermelho, que bate no meio das coxas esbeltas e é tão lindo quanto o meu. Segundo ela, a noite seria repleta de figurões de diversos setores e uma ótima oportunidade para “aparecer” na alta sociedade, de onde saíam vários colírios e pedaços de mau caminho.

— Lê, daqui a dois dias você volta a trabalhar e sabe Deus quando terei minha amiga de volta.

— Nossa, parece até que não saímos há meses. Faz só duas semanas que voltamos de Jeri, sua doida.

— *Meu*, mas essa festa é diferente. Aqui só tem pessoas interessantes, empreendedores, investidores, apenas a nata de São Paulo foi convidada. Era para você me agradecer. Eu nunca te coloco em furada.

— Tudo bem, amiga. Eu só estou apreensiva por conta do meu primeiro dia lá na Vergueiro. Queria ficar em casa me preparando...

— Você vai *tirar de letra*, Letícia. Desde quando você fica tão insegura?

— Desde quando fui chamada para trabalhar no lugar que sempre quis e tenho medo de não ser boa o suficiente.

— Fique tranquila, amiga. Vai dar tudo certo.

Mari pede dois espumantes para o *barman* e abro um sorriso discreto, lembrando de um certo episódio ao abrir uma garrafa de champanhe, mas coloco a lembrança lá no fundo da minha memória.

— Humm, quero saber o que é tão engraçado para você sorrir desse jeito. — Ela não deixa escapar nada, mas não tenho intenção de contar. É uma coisa só minha... e *dele*.

— Nada de mais não. Estou rindo do seu jeito.

— Sei. — Desconfiada que só ela.

— Os proprietários da rede já chegaram? — mudo de assunto.

Pelo que Mari me disse, são quatro empresários de ramos variados que decidiram se juntar e empreender no setor de bares e restaurantes. São Paulo é a cidade do entretenimento e há público para todos os tipos de estabelecimentos, isso é fato.

— Dois sim. Alberto Proença e Egídio Marques. São aqueles ali. — Aponta para uma rodinha com dois caras e três mulheres. — Pode ser que o Fausto Renato ainda chegue. Ele sempre se atrasa, pois tem uma farmacêutica e consegue ser mais *workaholic* do que você.

— Ah, tá bom. Só me faltava essa, *me* comparar com o CEO de uma farmacêutica. Para de exagerar, Mari!

Ela ri, bebericando o líquido borbulhante de sua taça. Eu faço o mesmo. Uma dúvida surge em minha mente.

— Mas não são quatro CEOs? Você só disse o nome de três.

Mariana se vira para mim e sussurra ao meu ouvido, como se estivesse contando um segredo:

— Ninguém sabe o nome ou a aparência do quarto empresário, porque ele sempre envia assistentes para representá-lo. Ele tem como lema priorizar sua discrição. Mania de milionário, suponho.

Interessante.

— Nossa, mas não o culpo. Assim ele preserva a sua identidade, evita dores de cabeça... Pode ter uma vida normal.

— Eu acho isso esquisito demais, amiga, mas cada um no seu quadrado, não é mesmo?

— Sim, com certeza. Afinal, somos reles mortais — brinco, e caímos na risada.

Assim que terminamos a bebida, minha amiga resolve me levar para conhecer alguns empresários e celebridades que fazem parte da campanha publicitária da *Meat & Drinks*. No meio das apresentações, ouço uma voz máscula e com um leve divertimento:

— Estou me sentindo excluído, Mariana. Não quer me apresentar à sua amiga?

Mari fica estranhamente pálida e abre um sorriso fraco para ele.

— Não é nada disso, Sr. Egídio. Eu pensei que estivesse ocupado. — Rapidamente ele me puxa para o seu lado. — Letícia, este é um dos proprietários da rede, Egídio Marques. Sr. Egídio, esta é minha amiga, Letícia Mazzi, ela trabalha no mercado financeiro.

Fico chocada com a beleza do homem à minha frente. Ele deve estar na faixa dos 35 anos. De longe, com a parca iluminação do ambiente, eu não tinha como ter noção do seu rosto, dos olhos verdes e do corpo perfeitamente esculpido, que mesmo de camisa social fica evidente.

— Prazer, Sr. Egídio. — Estendo minha mão, sem indicar que estou intimidada com seu olhar penetrante.

— O prazer é meu. E, por favor, Mariana, Letícia, nada de senhor. Estou me sentindo um idoso no meio de duas crianças.

Nós três rimos. De idoso esse cara não tem nada. Virando-se para mim, ele diz:

— Uma mulher linda como você trabalhando em um mercado tão competitivo como o financeiro... Devo parabenizá-la, Letícia.

— É o que eu amo fazer.

— Eu prezo por isso. Acho que todos deveriam saber o que amam fazer, assim, os resultados seriam muito melhores. Já ouviu falar da Invest.Br?

— Claro. É uma respeitada corretora de valores.

— Que bom. Tento fazer o possível e o impossível para ver minhas empresas longe de assuntos polêmicos. Correr da corrupção tem sido meu lema e um grande desafio.

Pisco os olhos devagar e o conhecimento de que estou na frente do CEO da Invest.Br me deixa muda. Se eu tivesse falado alguma merda estava ferrada. Olho para Mariana, e ela encolhe os ombros, como pedindo desculpa por ter se esquecido de falar algo tão importante.

— Nossa, é um prazer conhecê-lo pessoalmente. Ouço falar da sua empresa desde a época em que cursava a faculdade de Economia.

— Ah, e se formou em qual universidade, desculpe perguntar? Tenho amigos espalhados em algumas.

— Na USP.

— E ela só me surpreende. — Seus olhos brilham e as íris verdes ficam ainda mais ressaltadas.

— Eu preciso falar com meu chefe, já volto — Mari interrompe, olhando para mim como se dissesse: *aproveita, sua idiota*, e eu, claro, reviro

os olhos.

Fico sem saber o que falar diante de Egídio.

— Seu pai que estava no comando da empresa, não é? — pergunto.

— Sim. Oscar Marques. Ele se aposentou há cinco anos e me passou o comando, mas eu venho trabalhando lá desde os meus 18 anos.

— Uau! Muito bacana.

— E você, Letícia? Onde está trabalhando?

— Depois de passar por uma experiência horrível na BraVest, segunda-feira começo na Vergueiro Investimentos.

Ele ergue as sobrancelhas, surpreso.

— Vergueiro? Devo dizer que é uma das melhores parceiras que tenho. Eu a conheço bem. E sinto muito pelo que deve ter passado na BraVest. Aquele escândalo acabou sobrando para todos nós. Tivemos que recuperar a confiança dos nossos clientes, foi um caos, porém a Vergueiro é exemplar. Você ficará bem.

Egídio leva um copo com uísque até os lábios e parece ponderar alguma questão. A sensação é de que ele queria falar alguma coisa, mas se arrependeu.

— Que bom! Estou bastante apreensiva, mas otimista ao mesmo tempo.

— Basta você tomar cuidado com as facilidades e não perder o foco no que realmente importa, no que vale a pena. A ambição é uma característica que todos que trabalham nesse mercado precisam ter, mas nunca confunda com ganância.

— Egídio, sua colocação não poderia estar mais de acordo com o que eu penso.

— Vamos brindar! O que você bebe? — pergunta.

— Pode ser espumante.

Ele pede para um garçom trazer uma taça e, então, *me* olhando com intensidade, diz:

— Devo confessar que se eu tivesse uma mulher linda como você trabalhando comigo, eu não teria concentração para mais nada.

Enrubesco muito mais por ser Egídio Marques me elogiando do que pelas palavras. Eu estou acostumada a receber cantadas, mas esta não chega nem perto de ser ofensiva, por isso apenas sorrio.

— Bobagem, mas agradeço o elogio de qualquer maneira.

— Brincadeiras à parte, não quero te deixar constrangida, Letícia. Vejo muito mais que um rostinho bonito à minha frente. Então, se precisar de alguma coisa, é só me ligar. — Ele tira um cartão do bolso de trás da calça e me entrega.

— Muito obrigada, Egídio.

A taça de espumante chega, e brindamos como combinado.

— À sua nova fase. Ao seu sucesso! — ele diz, tilintando cristal com cristal.

— Ao nosso sucesso! — é a minha vez de falar.

Quando que eu poderia imaginar que encontraria o CEO de uma das maiores corretoras de valores do país? Esta simples conversa me deixou muito mais tranquila em relação ao meu futuro. A princípio, achei que Egídio seria inconveniente, mas se manteve tranquilo e respeitoso, dando-me dicas e avisos. Por mim, já ganhei a noite e estou mais preparada do que nunca para começar meu novo trabalho na segunda-feira.

Capítulo 6



Leticia

Minhas mãos não param de suar. O motorista do *Uber* tenta puxar conversa, mas não consigo prestar atenção em uma frase do que ele fala. Não adianta. Posso ter experiência, mas me apresentar em um novo trabalho sempre me dá um frio na barriga. Sentir todo mundo me olhando, observando meus passos, é a pior parte para mim.

— Chegamos — o rapaz diz, tirando-me dos meus devaneios.

— Obrigada! Bom trabalho.

— Pra senhora também. Não deixa de avaliar no aplicativo, por favor.

— Vou avaliar sim.

Desço do carro e pareço um grão de areia na imensidão do prédio ostentoso e requintado que consegue se destacar dentre tantos erguidos na Faria Lima.

Aliso minha saia lápis, ajeito a camisa social de seda e meus saltos ecoam quando caminho até a entrada do edifício.

— Bom dia. Já tenho cadastro, mas hoje é meu primeiro dia de trabalho — falo com a recepcionista.

— Bom dia. Qual seu nome?

— Letícia Mazzi. — Começo a bater as unhas no balcão, sinal óbvio do meu nervosismo.

A mulher vasculha algo no computador, liga para alguém e, quando desliga, diz:

— Letícia, seja bem-vinda. Teremos que fazer outro cadastro e até o horário de almoço vamos providenciar um cartão de acesso para você.

— Ah, ótimo!

— Por enquanto, use este. — Ela me estende um cartão provisório.

— Ok. Muito obrigada.

— Disponha e boa sorte. Você já sabe o andar do seu setor?

— Nossa, não faço ideia! — comento sorrindo, e ela me acompanha.

— As duas vezes que vim foram para participar de entrevistas.

— Sem problemas. É o 30º andar.

— Obrigada mais uma vez.

Sigo em direção aos amplos elevadores e um deles está no Térreo. Entro com mais duas mulheres, uma loira e uma ruiva, e aperto o 30. Elas começam a cochichar entre si, e preciso de toda minha concentração para fingir que não estou ouvindo.

— Você ficou sabendo que o *Ghost* vem amanhã?

— Sim, o Guto falou pra mim ontem. Será que vem chumbo por aí?

— Não sei... Mas toda vez que ele aparece é porque vem alguma

bomba ou anúncio importante.

— Depois de dois anos aqui, ainda não consigo entender porque... — a voz da loira some, e eu me esforço para tentar ouvir, mas não adianta.

— Pelo que ouvi dizer, tem vezes que ele vem e ninguém sabe. Por isso que eu sempre digo para você e o Guto tomarem cuidado pra não falarem besteira. — E diminuindo ainda mais o tom da voz, ela complementa: — Eu ainda acho que ele faz parte da máfia.

Elas me olham de soslaio, e rapidamente viro meu rosto para a porta, que se abre no 28º andar e as duas desaparecem da minha vista.

Que droga é essa de *Ghost*? E por que elas pareciam ter medo do cara? Máfia? Era só o que me faltava.

Depois de parar quase em todos os andares, chego ao 30º. Há uma outra recepção e é para lá que me direciono.

— Bom dia, sou Letícia, a nova coordenadora.

— Bom dia, Letícia. Seja bem-vinda! O Sr. Martins já vem buscá-la. Pode ficar à vontade.

— Obrigada.

Ela volta aos seus afazeres, e eu sento em uma poltrona. Alfredo Martins é um gerente na faixa dos 50 anos e foi com ele que fiz minha última entrevista. Pelo que me disse, está na empresa há 25 anos e pretende se aposentar daqui a 5. Parece ser um bom colega de trabalho.

Minutos depois, ele chega à sala.

— Desculpe a demora, Letícia, mas estamos no meio de um caos. A bolsa *derreteu*. — Ele usa um termo técnico para dizer que a bolsa de valores despencou e isso é sinal de que muitos investidores querem aproveitar o momento, ou parar de investir no fundo que não está indo bem.

É aquela máxima: o mundo está desabando, mas, para o mercado

financeiro, é a chance de crescer. Crise é sinal de oportunidade.

— Sem problemas, Sr. Martins. Tenho acompanhado as notícias. Este momento é crucial.

— Com certeza. Esteja ciente de que teremos bastante trabalho até a situação normalizar.

— Estou contando com isso.

Ele me olha e abre um sorriso de lado.

— Tenho a sensação de que seremos uma ótima equipe.

— Farei o possível, senhor.

— Pode me chamar de Martins ou Fred. Se você aparecer na sala me chamando de Sr. Martins aqueles *filhos da puta* vão pegar no meu até minha aposentadoria.

Não consigo evitar sorrir e digo:

— Pode deixar, Martins — chamo-o pelo sobrenome, que é algo bastante comum neste meio.

Passamos por várias salas e em cada uma há fileiras e mais fileiras de funcionários e computadores. Ele entra em uma e eu o acompanho. Pensei que seria alvo de olhares e cochichos, mas o caos está tomando a atenção de todos. Como na corretora em que eu trabalhava, o espaço é todo aberto, sem separação, e as pessoas se sentam uma do lado da outra.

— Pessoal, esta é a Letícia Mazzi, nossa nova coordenadora — grita acima do burburinho.

O que eu temia, acabou acontecendo. Cabeças viram para me olhar, as poucas mulheres me observam por alguns segundos, acenam a cabeça e voltam para os afazeres, os homens demoram mais um pouco, mas logo fazem o mesmo, cumprimentam e retornam ao dever.

Pelo jeito, aqui *o negócio é mais embaixo* e não terei muito tempo

para respirar. Ainda bem que passei dias relaxando, porque tudo indica que, em poucas semanas, estarei desesperada pedindo férias. Mas quem disse que vencer na vida é fácil?

— Este é o seu lugar, Mazzi. A Rafaela é analista e vai te mostrar a rotina. Qualquer dúvida, estamos à disposição. — Ele aponta para uma morena de olhos cor de mel, e ela sorri. Pelo menos não está com cara de quem vai me engolir no primeiro dia.

— Muito obrigada, Martins.

Assim começo na Vergueiro Investimentos e estou torcendo para que seja o que eu sempre sonhei e muito mais.



Cansada. Exausta. Completamente exaurida.

A adrenalina do primeiro dia de trabalho baixou e, agora, deitada em minha cama, depois de tomar um longo e merecido banho, estou sentindo toda a tensão acumulada vir de uma vez.

Passei o dia aprendendo a nova rotina, anotando os nomes dos meus colegas para não correr o risco de esquecer, atenta a cada detalhe que Rafaela me passava sobre o que eu deveria fazer. Ela foi super solícita e não indicou ser uma ordinária em nenhum momento. Pelo contrário, *me* convidou para almoçar com ela e duas amigas no shopping que fica a poucos metros da empresa. Posso dizer que o saldo foi positivo, muito melhor do que eu esperava.

Mari me ligou, querendo saber como tinha sido, e eu contei tudo, mas, de todas as coisas que falei, ela foi pegar no pé das meninas com quem saí para almoçar. Amiga ciumenta? Eu tenho.

Meu celular vibra ao lado da cama e solto um resmungo. Sem nem prestar atenção no visor ao atender, digo:

— Alô.

— *Oi, minha filha! Como você está?*

— Oi, mãe. Estou bem, só bastante cansada.

— *Me conte como foi na nova empresa.*

Há mais de cinco anos minha mãe mora em Capri, uma ilha que fica no Golfo de Nápoles, no sul da Itália. Desde que meu pai faleceu, ela decidiu ficar com a minha tia, e, como nossa família tem ascendência italiana, não

houve problema na parte burocrática.

Eu a visito sempre que dá, mas todo Natal ela vem ao Brasil para passar o feriado comigo. Por várias vezes, tentou me convencer a ir embora, mas minha vida é em São Paulo, tenho minha amiga, meu trabalho... Não sirvo para morar em um lugar tranquilo demais, além disso, amo a minha cidade. Para mim, basta ir como turista. Simples assim. Depois de um tempo, ela entendeu e parou de insistir.

Só agora me dou conta de que são 21h, mas em Capri é 1h da manhã do dia seguinte, ou seja, são 4h de diferença.

— Mãe, por que está ligando tão tarde?

— *Eu não queria te atrapalhar durante o dia e depois acabei perdendo a hora. Também estou sem sono.*

— Sei... Quase que você não me pega acordada.

— *Mas é relativamente cedo no Brasil e você não é de dormir a essa hora. Foi tão ruim na empresa para ficar cansada desse jeito?*

— Não, pelo contrário, foi muito bom. Eu me surpreendi, na verdade. O problema é que nos dias anteriores não dormi direito com a ansiedade, tensão de enfrentar algo novo.

— *Ah, filha. Eu imagino! Se cuida, viu? Descansa, se alimenta direitinho, bebe muita água. Amanhã nos falamos melhor. Fico muito feliz que tenha tido uma boa impressão da empresa. Estava receosa de que não fosse aquilo que você imaginava.*

— Eu sei que é só o começo, mas estou otimista. Depois de tudo o que passei... estou contando que este ano será melhor.

— *Vai ser sim, Letícia. Você merece ser feliz, minha querida. Agora vou desligar, porque o sono chegou de repente.*

Dou uma risada.

— Tudo bem. Obrigada pela preocupação. Amanhã nos falamos melhor.

— *Te amo, filha. Muita saudade. Um beijo.*

— *Te amo, mãe. Muita saudade também. Beijo grande.*

Desligo a chamada e uma lágrima escorre em meu rosto. Tem vezes que a saudade aperta tanto que é difícil segurar, mas são escolhas e temos que conviver com as consequências. Mesmo nos falando quase todos os dias, sinto falta da sua presença, do seu sorriso constante, do seu abraço depois de um dia difícil... Chega a ser sufocante e eu tento substituir este sentimento trabalhando muito, saindo com Mari, vivendo minha vida.

Em poucos segundos, sinto meus olhos pesarem e um par de olhos azuis penetrantes invade meus pensamentos sem pedir licença, logo depois que caio no sono.

Capítulo 7



Leticia

Depois de dias sem pensar em Henrique, sonhei com ele. Foi tão real que acordei pegando fogo. Um sonho quente, com direito a comandos daquela voz grave e determinada, beijos que deixaram meus lábios imensos de inchados e puxões no cabelo que fizeram com que meu couro cabeludo ficasse sensível. O homem parecia tão endiabrado que não me dava a chance de sequer descansar. Suada e ofegante, só consegui afastar aquele calor entrando em um banho frio.

Até na minha imaginação aquele cara me deixa louca. Ao mesmo tempo em que sei que preciso esquecer o gostoso, uma outra parte do meu cérebro, e, obviamente, do meu corpo, gostaria muito de reencontrá-lo.

Distraída, não percebo o burburinho quando entro na minha área. Meus colegas de trabalho estão conversando entre si, sussurrando, e, quando

me veem chegar, param por alguns segundos e voltam a cochichar, parecendo aliviados. *O que está acontecendo?*

Antes que eu possa me sentar no meu lugar, Martins aparece, cumprimentando-me com um “bom dia” apressado e pede que eu o acompanhe. Franzo o cenho ao segui-lo, sem ter a menor noção do que isso significa. *Será que eu fiz alguma coisa errada?* Ele me leva para uma sala de reunião e fecha a porta. Percebo que há um envelope pardo em sua mão e a ansiedade aumenta.

— Letícia, ontem naquela correria acabei me esquecendo de pedir para você assinar este termo.

Ele me entrega o envelope e tomo ciência do conteúdo. Um termo de confidencialidade. Eu já ia falar que assinei um com a papelada do RH, mas, ao ler as cláusulas, sou pega de surpresa.

— Não entendi muito bem.

— Eu sei que pode parecer estranho, mas todos os empregados da Vergueiro Investimentos precisam assinar este termo. Ele é diferente do outro que você assinou quando da admissão, porque este implica em não apenas vazar informações sobre a Vergueiro, mas em não mencionar, informar, citar e repassar para terceiros e quaisquer meios de comunicação o nome do verdadeiro CEO da empresa. Como daqui a pouco teremos uma reunião importante, da qual você fará parte, é necessário que assine.

Acho que fico tão atônita, que Martins começa a rir.

— Não fique assustada. É apenas uma opção dele. O chefe prefere a discrição. Vou contar um segredo — chega mais perto — o pessoal o chama de *Ghost*. A criatividade desse povo é invejável. — Ri ao completar.

Putá que pariu! Então, esse é o *Ghost*!

— Eu pensei que o CEO fosse o Sr. Pedro Vergueiro — digo, ainda

abismada com a minha ignorância.

Mas também, com um termo como este, é claro que ninguém se arriscaria a trazer a verdade à tona. E para quê? É apenas um nome. Se o cara quer ficar nas sombras, não vejo mal algum nisso.

A não ser que ele seja da máfia... como aquelas mulheres disseram no elevador. *Aff!* Não vou ficar conjecturando sem saber de nada.

— Para a mídia, ele é o CEO. No papel, é o nosso Diretor. Nós costumamos dizer que o Pedro é o *testa de ferro* da empresa. Ele assume a liderança, mas não tem o poder de fato, porque quem atua nos bastidores é o *Ghost*.

Sorrio com o apelido propício e balanço a cabeça, ponderando.

— Mas não tem nada de obscuro, né? Eu vim de uma empresa que faliu por causa de corrupção, Martins. Você me falaria se estivessem envolvidos em alguma trama?

— Quanto a isso, você pode ficar tranquila. Se tem uma coisa que o *Ghost* preza é honestidade e transparência nos negócios. Você vai ver só, fora esse mistério em torno do seu nome, ele é um excelente profissional, vive para a empresa e é um rapaz *de boa*.

Suspiro aliviada e caço uma caneta na bolsa.

— Então, tudo certo.

Assino com a curiosidade lá em cima para saber quem é esse homem e os motivos que o levaram a não querer aparecer.



Ao voltar para a sala, sento-me no meu lugar e Rafaela me cumprimenta:

— Bom dia, Letícia!

— Bom dia! Tudo bem? — pergunto na esperança de ela falar sobre o que estavam fofocando mais cedo.

— Tudo sim. Olha, nem precisa se acomodar, todos os diretores e coordenadores da nossa área terão uma reunião agora. Deixa a rotina rodando, conforme te expliquei ontem, e aí te levo lá.

Humm... Deve ser a tal reunião de que o Martins falou.

— Ok! Vou preparar aqui. Obrigada, Rafaela.

— Pode me chamar de Rafa.

Sorrio e aceno em concordância.

— E você pode me chamar de Leti. — Ela também sorri e pisca em seguida.

Pego minhas anotações e relembro o passo a passo do que preciso fazer todas as manhãs. Por mais que minha função seja de coordenadora, um cargo acima do de Rafaela, ainda não conheço a dinâmica da empresa, por isso, até pegar o ritmo, vou precisar de auxílio.

— Pronto. Podemos ir — digo, e ela me leva para a reunião.

Ao entrar na sala, sozinha, fico paralisada com o alvoroço e com o ambiente. Esperava que fosse uma sala comum, com uma grande mesa e cadeiras em volta, mas esta tem o formato de auditório, assemelhando-se à estrutura de um cinema, com uma tela grande, um pequeno tablado e baixa

iluminação. Deve ser utilizada para apresentações, ou para quando há um número maior de pessoas. Acredito que cinquenta funcionários ocupem o espaço. Todos estão dispersos, conversando em um tom que não dá para compreender, mesmo com a acústica do local, a não ser que eu chegue bem perto.

Desço todos os degraus e me acomodo em uma poltrona na primeira fileira, mais para o canto esquerdo, e espero começar. Estou ansiosa para saber o que será falado.

Sem que eu conclua meu pensamento, Martins sobe no tablado e as luzes aumentam de intensidade, gradativamente. Sua voz chama a atenção de todos por meio de um sistema de som:

— Bom dia, pessoal. — O burburinho cessa e o povo se prepara para sentar. — Sei que estão se perguntando o motivo de terem sido chamados, como sabem, o mercado não está em um bom momento. Um dos nossos principais clientes resolveu inovar e precisa do nosso empenho.

Novamente, a luz vai baixando até a sala ficar escura e o projetor reflete as imagens de uma apresentação na grande tela.

— Vocês verão um vídeo agora e peço que todos fiquem atentos, façam anotações, porque faz parte do nosso treinamento.

Treinamento? Humm... interessante. Ainda bem que eu trouxe meu caderno.

O vídeo começa e conta a trajetória do nosso cliente, um Banco gigante no Brasil. Estou escrevendo, destacando o que acho importante, quando volto a ouvir sussurros. Ao levantar a cabeça, percebo que há um outro homem do lado de Martins. Como as luzes estão apagadas, não dá para ver seu rosto, apenas que está de terno.

Um cochicho, quase inaudível, chega atrás de mim, e consigo ouvir:

— O *Ghost* chegou.

Endireito minha postura e tento, sem êxito, forçar minha vista para vê-lo melhor. Ele está virado para a tela, os braços cruzados, parecendo conversar com Martins. Só consigo ver isso. *Isso* e que tem uns bons centímetros a mais que o chefe da minha área. O jeito é esperar o momento certo.

Minutos depois, o vídeo termina, e o homem começa a falar sem esperar que as luzes religuem. Sua voz grave reverbera por todo o ambiente:

— Bom dia para todos!

Nossa, eu já ouvi esta voz em algum lugar? Não, só pode ser parecida com a de alguém que conheço...

— Como o Martins falou, o mercado não está em um bom momento. Começamos o ano tendo muitos desafios para enfrentar, porém tenho confiança na capacidade da minha equipe e em minha empresa.

A iluminação vai aumentando gradativamente até clarear toda a sala e...

Meu coração dispara.

Não!

É alguma peça que a minha mente maluca está pregando. Só pode.

Mas é ele. Claro que é. A voz. O jeito. Mesmo sem qualquer vestígio do cara despojado e quente que fez meu réveillon um espetáculo à parte. É ele!

Pu.Ta.Que.Pa.Riu!

Ainda bem que ninguém me conhece, porque veria meu rosto pálido como uma vela, mesmo que o bronzeado dos dias em Jeri ainda esteja em minha pele.

Molho meus lábios secos com a língua, desejando um copo de água

gelada, urgentemente, remexo no assento, inquieta, passo as mãos nos cabelos. Não consigo ficar parada.

Henrique.

Henrique é o *Ghost*. O cara que as mulheres comentaram que pode ser da máfia. O verdadeiro CEO da Vergueiro Investimentos.

Muito obrigada, Universo. Já vi que gosta de me sacanear. Deu um gostinho no ano novo, e eu achando que estava por cima da carne seca, só para me dar uma rasteira caprichada.

Merda!

Ele volta a falar, e me pergunto como eu não assimilei logo de primeira. É óbvio que a voz só podia ser dele. Apenas Henrique tem esse timbre, meio rouco, meio grave, másculo.

Forço-me a ficar quieta e estática no lugar quando ouço sua explanação:

— Nosso principal cliente, o Banco Nacional, está com um novo sistema e convocou diretores e coordenadores de todas as suas empresas parceiras para participarem de uma conferência...

Não consigo me concentrar. Como pode ficar ainda mais gostoso do que quando o conheci? O terno caro molda perfeitamente seu corpo esguio e atlético. E alguém pode me dizer por que ele está usando óculos de grau com uma armação fina e discreta, típico de um modelo da *Hugo Boss*, fazendo com que meus desejos mais impuros povoem minha mente? Não... Só pode ser um pesadelo. Ouso me beliscar, mas o que arranco é uma dorzinha pelo apertão.

Parece ser outra pessoa e, ao mesmo tempo, é ele. Dá para entender? Pois é, nem eu entendo o que estou querendo dizer.

Calma, Letícia!

Respira.

Aos poucos vou caindo na real de que não posso pirar.

Ele é o CEO da empresa. Ok.

Ele é o chefe do meu chefe. Ok.

A Vergueiro continua sendo o emprego dos meus sonhos. Ok.

Eu preciso trabalhar. Ok também.

Eu não sabia quem ele era. Eu não tenho culpa do que aconteceu. Foi Henrique que invadiu meu espaço e me deu aquele beijo avassalador.

Mais calma, volto a minha atenção para o que está acontecendo ao ouvir a pergunta de uma colega na parte de cima do auditório:

— E precisa ser todos os diretores e coordenadores do nosso setor?

Do que será que eles estão falando?

— Sim, porque vocês é que passarão todas as informações para o restante da equipe e precisamos dar o nosso melhor, um ajudando o outro, até que o sistema seja uma rotina como qualquer outra — *Ghost* responde, enfático.

Chego perto de um cara que está à minha direita para tentar tirar informações sem que pareça que eu estava em outro mundo, mas para melhorar o meu lado — claro que não podia ser diferente —, ele levanta a mão e todos direcionam seus olhos para o rapaz. E, consequentemente, para mim.

Muito obrigada, Universo. 2x0 para você. E ainda estou no começo do ano!

Solto um longo suspiro e me encolho um pouco na poltrona, pedindo a algum ser celestial para que *ele* não me veja. Não porque tenho medo ou algo do tipo, mas para a situação não ficar pior do que já está.

— Será apenas um final de semana? — o idiota ao meu lado se ergue

e pergunta.

Meu, *pra quê levantar?*

Coitado do homem. Não tem culpa de estar no meio do tiroteio.

Eu preciso saber sobre o que eles estão falando e não posso *deixar a peteca cair*. Um final de semana onde? Para quê? Estou completamente perdida. *Que droga!*

Assim que ele senta, eu chego ao seu lado novamente, preparada para fazer as minhas perguntas, e, então, acontece uma coisa *maravilhosa*.

— Mazzi, tem alguma dúvida? — a voz de Martins me faz parar, e meu sangue gelar. — Sei que você chegou ontem na empresa, mas contamos com a sua competente colaboração para nos ajudar neste momento.

Universo=3. Letícia=0.

Ajeito-me lentamente no lugar e me digno a responder:

— Está perfeito, Martins. — Pigarreio para afastar a rouquidão repentina.

— Para quem não sabe, a Letícia é a nossa mais nova coordenadora. — Ele finaliza e me dou por vencida.

Uma comoção acontece e todos enviam palavras como “bem-vinda”, “bem-vinda à empresa”, “sucesso”. Olho para a direção das vozes e agradeço com um sorriso, percebendo os olhares maliciosos de alguns caras, porém um timbre grave, *aquele* que ele usou comigo na cama, entre as minhas pernas, *me arrepia inteira*:

— Seja bem-vinda, Letícia!

Levo meus olhos para o tablado e tomo um susto quando o encontro de frente para mim e não no centro, onde ficou durante toda a apresentação.

— Obrigada! — respondo, paralisada pela sua beleza, pelas lembranças de uma noite não muito distante, pelo jeito autoritário, pelo porte

impecável, pelo olhar intenso.

Ele não sorri e não demonstra qualquer vestígio de reconhecimento, é como se não me conhecesse. Não sei se me sinto aliviada ou decepcionada.

Sem tirar os olhos do meus, e permanecendo no canto esquerdo da sala, Henrique responde a pergunta do meu caro colega:

— Sim, a conferência irá durar apenas um final de semana no salão de eventos do hotel Pirâmides, no Guarujá. A intenção é que todas as empresas parceiras do Banco aprendam a usar o programa o mais breve possível, o que só ficamos sabendo há dois dias, por isto não houve tempo hábil para prepararmos vocês.

Uma conferência? No Guarujá? Humm... Agora só preciso saber quando.

— Obrigado, Sr. Vergueiro — o rapaz agradece.

O CEO parece lutar contra a vontade de desviar sua atenção, mas finalmente o faz e diz, caminhando para o centro do pequeno palco:

— Bem, a não ser que alguém tenha um motivo justificável para não comparecer à conferência, deem seus nomes para o RH a fim de que a reserva no hotel seja feita. Afinal, restam apenas três dias.

Nossa! Já é no próximo final de semana.

— Estamos combinados? Alguma dúvida? — indaga. A sala fica em silêncio e ele acena. — Tenham um ótimo dia e obrigado pela atenção.

Todos se levantam de uma vez e eu faço o mesmo, pegando minha bolsa e o caderno em seguida, sem encarar o *Ghost*, que está no meio de uma conversa com uma loira e Martins.

Assim que subo o primeiro degrau em direção à saída, sinto um toque em meu cotovelo.

— Letícia, podemos conversar?

Capítulo 8



Henrique

— Que merda, Martins! Como eles marcam uma *porra* dessa de repente? — pergunto para o meu braço direito na empresa, andando para lá e para cá em meu escritório. Não posso ficar dois dias sem aparecer que a casa cai.

— Vergueiro, pelo que fiquei sabendo, foi de emergência. Sendo nosso maior cliente, não tem como fugir. De qualquer maneira, separei o auditório.

— Tudo bem. Você está certo. Meu tio já chegou?

— Sim. Está assinando um calhamaço de contratos que *o bonitão* deveria estar assinando.

— *Porra*, não *fode*, Fred. Já conversamos sobre isso. — Ele nunca vai parar de reclamar dos meus métodos de discrição.

— Henrique, eu não consigo entender por que você continua querendo ser um fantasma. Gosta de ser chamado de *Ghost*, não é?

Dou uma gargalhada e balanço a cabeça:

— Não é nada disso. Eu só prefiro manter a minha vida pessoal separada da profissional, meu amigo. Gosto da minha liberdade. De poder sair a hora que eu quiser sem ser incomodado, de viajar para a *puta que pariu* sem precisar me preocupar com matérias falando da minha vida, do que faço ou deixo de fazer. E, se meu pai aceitou minha condição quando me passou a presidência da Vergueiro, não tem motivo para você se preocupar, Alfredo.

— O meu receio não é com a sua escolha, mas sim com o que já ouvi por aí. Que você não se mostra por estar envolvido em algum esquema de corrupção.

— *Foda-se* se pensam desta forma, Martins. Eu faço meu trabalho muito bem para alguém duvidar das minhas qualidades só porque não quero que saibam que sou o CEO dessa *porra*! E se você descobrir quem está espalhando esse tipo de merda, pode levar o nome para o RH e mande preparar a carta de demissão do, ou da, infeliz.

— Você está certo, mas não tem como culpar as pessoas por terem um pé atrás. O país não tem um histórico idôneo, não é mesmo? Mudando de assunto, vou preparar a reunião e nos encontramos daqui a pouco.

— Ótimo.

Martins sai do escritório e reflito sobre suas palavras. Nunca foi minha intenção assumir esta empresa. Eu sempre adorei o mercado financeiro, porém estaria satisfeito trabalhando atrás de uma mesa, sem ter tanto destaque. Apesar de ser *workaholic*, sou aventureiro, amo esportes radicais, conhecer lugares novos e amo mais ainda aproveitar a minha liberdade e a minha vida.

Gosto do fato de poder viajar sem que as pessoas saibam quem eu sou, ou me tratem diferente por isso. Gosto de ser *eu* mesmo e não precisar limitar minhas vontades e meus gostos porque não ficaria *bem na fita*.

Quando meu pai ficou doente e me passou o bastão, eu aceitei com uma condição: de que eu escolheria uma pessoa de confiança para ser o nome da empresa perante os órgãos, mídia e demais companhias. E foi o que eu fiz. Contudo o trabalho que o cargo demanda continua sendo todo meu e é exatamente por isso que não me dou ao luxo de namorar ou ter envolvimento amorosos.

Principalmente depois de sair com uma das minhas diretoras que acabou confundindo as coisas. Logo dei um basta e me comprometi a não olhar para nenhum rabo de saia da Vergueiro, por mais linda que a mulher seja.

E duvido que eu encontre uma tão linda quanto a morena que permeou meus pensamentos por dias, e continua invadindo meus sonhos vez ou outra. Simplesmente maravilhosa, deliciosa...

Quando Martins comentou que admitiu uma funcionária extremamente bonita, cabelos pretos e olhos azuis da cor do mar das Ilhas Maldivas, imediatamente pensei na Letícia. Eu me lembrei da perfeição de cada detalhe do seu corpo, os seios redondos, empinados, expondo uma marquinha de biquíni tentadora, a cintura de pilão, a bunda durinha, o rosto que poderia muito bem deixar qualquer homem fascinado, a boca desenhada, a língua atrevida...

Só de recordar, meu membro pulsa sob a calça social. *Porra!* Preciso ir a uma balada para ver se encontro alguma *mina* tão gostosa quanto ela.

Duvido disso, e não acredito que um dia a verei novamente. Às vezes, penso que fui burro por não ter deixado meu número naquele bilhete, mas, no fundo, eu sei que fui prudente. Se eu fiquei pensando na mulher sem ter

contato, imagina sabendo que ela poderia me ligar a qualquer hora?! *Caralho*, não ia dar certo! Ela ia *foder* minha cabeça com força.

Levanto da cadeira acolchoada e estico o corpo, dispersando a tensão que me envolve. Estalo meu pescoço, giro minha cabeça uma, duas, três vezes para um lado, e depois repito o processo para o outro. É o meu ritual toda vez que participo de uma reunião com um público grande. Apesar de me chamarem de *Ghost* e o *caralho a quatro*, ainda fico nervoso, mas tenho melhorado com a prática pouco a pouco.

É sobre isso que falo com o Martins. Ninguém nos conhece de verdade ou sabe o que passamos. As pessoas enxergam o que *querem* ver ou o que *nós* queremos mostrar. Se eu expuser a minha imagem, não importa o volume de trabalho que eu tenha nas mãos ou o quanto me sacrifique e me empenhe, o que ficará registrado serão *meus* passos, a *minha* vida pessoal, os *meus* 34 anos e não a Vergueiro Investimentos. E disso estou fora.

Preparado, sigo para o auditório.



Chego no momento em que Martins está apresentando o vídeo que o Banco Nacional nos enviou a fim de introduzir o assunto. A sala está escura, a não ser pelas imagens projetadas na tela, e fico na porta lateral do auditório. Ao me ver, acena para que eu me aproxime.

Cruzo o tablado e imediatamente — mesmo com as luzes apagadas — ouço os sussurros, o que faz com que eu revire os olhos mentalmente. Como sabem que sou eu é uma incógnita. Além de toda essa curiosidade que têm sobre os meus motivos para querer manter a discrição, acho engraçado como a imaginação das pessoas chega longe. Porém não deveria me surpreender. O brasileiro precisa ser estudado, a julgar os memes inacreditáveis que recebo no *Whatsapp*.

— Assim que finalizar o vídeo você pode começar — Martins murmura ao meu lado.

— Certo.

O vídeo explicativo termina e eu me viro para o público, a luz clareando toda a sala. Impossível não perceber os olhares lascivos e provocantes das mulheres da primeira e segunda fileiras, buscando a minha atenção, mas assumo meu papel de CEO. Trabalho é trabalho e não sou de abrir mão do profissionalismo.

Exponho as informações da conferência que acontecerá neste final de semana, o motivo de ter sido tão de repente — e isso me deixou realmente *puto*, mas não foi culpa nossa — e as perguntas começam.

Respondo uma, duas e, quando vou responder a terceira para o funcionário do meu canto direito, Martins fala:

— Mazzi, tem alguma dúvida? Sei que você chegou ontem na empresa, mas contamos com a sua competente colaboração para nos ajudar neste momento.

Eu ainda não havia passado meus olhos por este lado e vejo uma cortina de cabelos negros à esquerda do rapaz que fez a pergunta.

— Está perfeito, Martins.

Esta voz...

Meu braço direito continua:

— Para quem não sabe, a Letícia é a nossa mais nova coordenadora.

Caralho, não pode ser!

Letícia. Cabelos negros como a noite. É muita coincidência.

Ela é extremamente bonita, relembro a fala de Martins.

É claro que não é ela. É a *porra* da minha cabeça que já está *fodida*.

Por via das dúvidas, caso meus óculos estejam me enganando, caminho até o lado em que a nova funcionária está sentada e, assim que gira o corpo na minha direção...

É ela.

Porra! Não acredito que a Letícia de Jericoacoara é a minha mais nova funcionária!

Putá que pariu!

Por dentro, estou fervilhando; por fora, permaneço frio e indiferente. Tive tempo para aprimorar minha linguagem corporal. A única coisa que não consigo controlar é a minha respiração e...

— Seja bem-vinda, Letícia. — Corto meu pensamento antes que a situação piore para mim. Ainda mais tendo a atenção de mais de cinquenta pessoas.

Com uma calma fingida, respondo a pergunta do homem que está ao seu lado, sem conseguir desviar daqueles olhos... *Caralho!* Que olhos! É a *porra* do mar das Maldivas! A camisa branca justa, mas comportada, a saia preta que deixa uma parte das suas pernas bronzeadas à mostra... Completamente diferente daquele vestidinho safado que me deixou louco no réveillon.

Engulo em seco, relembrando os mamilos endurecidos sob o tecido, enquanto ela dançava livre, leve e solta no meio da galera, parecendo não perceber que por onde passava, olhares com luxúria a seguiam. Inclusive o meu.

Porra!

Forço-me a romper o contato com suas íris azuis hipnotizantes quando termino de responder a pergunta do colega e volto para o meio do pequeno palco.

Querendo encerrar a reunião, digo para procurarem o RH e questiono se mais alguém tem dúvida. Todos ficam em silêncio e os libero em seguida.

Martins e Carola, a diretora com quem saí algumas vezes, *me* interpelam para conversar sobre a logística da conferência, mas não consigo focar. Minha visão está grudada na mulher que está saindo agora, apressada, como se estivesse fugindo.

Eu não posso deixar isso assim. Sem me dar conta de mais nada, vou em sua direção e toco em seu cotovelo.

— Letícia, podemos conversar?

Quando ela se vira, seu perfume delicioso envolve minhas narinas, e faço um esforço para não fechar os olhos. Sem dúvida, Letícia é muito perigosa para mim.

— Claro, Sr. Vergueiro — responde e travo meu maxilar.

Eu a conduzo até a minha sala, pedindo licença a Martins e Carola, pouco me importando com o que isso pode significar para eles.

Chamo o elevador com Letícia ao meu encalço, em silêncio, e, quando chega, seguimos para o 40º andar.

Ela parece apreensiva, mordendo o lábio inferior carnudo e tento pensar em outra coisa.

A porta se abre e saímos direto no meu escritório. A morena parece perplexa. Olhando para todos os detalhes, a vista da Faria Lima e arredores... Minha sala é grande. Assumo. Ocupa todo o andar, janelões do chão ao teto, piso de mármore, lounge para recepção, um pequeno bar, dois banheiros e uma sala para me exercitar quando não tenho tempo de sair do trabalho.

Caminho até a mesa principal, onde ficam telas planas e computadores, e tiro meus óculos de grau, apertando a raiz do meu nariz.

— Letícia... — começo, mas ela me interrompe.

— Henrique, eu juro que eu não sabia que você era o meu chefe. Fiquei tão surpresa quanto você quando descobri e...

Eu não consigo segurar a risada.

— É claro que você não sabia.

Ela fica sem saber o que falar e me aproximo.

— Eu que invadi a sua boca naquela festa. Eu que *cheguei em* você. Foi uma coincidência. Uma louca coincidência.

A morena fica visivelmente mais relaxada e sua expressão volta a ser a da mulher que me encantou naquela noite.

— Quando te vi no tablado quase não acreditei. Tão diferente de quando nos conhecemos, de terno, óculos. Aí, você começou a falar e eu soube que só podia ser você.

— A mesma coisa quando te vi. Martins comentou que havia

admitido uma morena inteligentíssima, e a descrição casava muito com você, porém eu não poderia imaginar que de fato fosse. Isso nunca aconteceu comigo.

— E nem comigo.

Sem conseguir me conter, passo meus dedos por seus cabelos, pego uma mecha escura e sinto a textura, o cheiro. Fecho os olhos e, ao abri-los, preciso me afastar.

— O que está achando da empresa? — indago, necessitando mudar de assunto, e caminho até o bar. — Quer beber alguma coisa?

— Aceito água, obrigada. Sobre trabalhar aqui, é apenas o segundo dia, mas já posso garantir que é completamente diferente de onde eu trabalhava. Estou gostando do clima, das pessoas, acho que será muito bom. A Vergueiro sempre foi meu sonho de consumo profissional.

— Fico satisfeito por isso — digo ao estender um copo d'água para ela e beber minha dose de uísque. — Segundo Alfredo, você tem um grande potencial.

— Uau! Que bom. Farei meu melhor. — Beberica sua água e me encara. — Não sabia que você bebia no trabalho.

— Não é um costume, mas hoje estou precisando.

— Dia difícil? — pergunta.

Inclino minha cabeça, observando-a por inteiro, o quanto ela evoca uma parte minha que não posso me permitir extravasar. Não aqui. A vontade de agarrá-la, de prensá-la nestas janelas de vidro, em minha mesa...

— Podemos dizer que sim — respondo e bebo o líquido âmbar de uma só vez, sentindo a ardência muito bem-vinda.

— Quer dizer que você é o *Ghost*.

— *Porra*, não me vem com essa você também — retruco sem

disfarçar minha diversão.

Letícia solta uma risada gostosa, finalmente ficando mais à vontade. Ela se acomoda no sofá do lounge e continua:

— Acho melhor isso do que mafioso.

— O quê?

— Logo no primeiro dia, ouvi no elevador algumas pessoas dizendo que acham que o motivo da sua descrição é você fazer parte da máfia.

Fico sem falar nada por alguns segundos e, tão logo assimilo suas palavras, dou uma gargalhada.

— *Caralho...* Agora eles se superaram. — Estou sem ar de tanto rir.

— Eu confesso que fiquei bastante receosa quando Martins me deu aquele termo para assinar. Pensei que estivesse entrando em uma furada mais uma vez.

— Mais uma vez? — inquiri, arqueando as sobrancelhas.

— Sim. A última empresa em que trabalhei quebrou por causa de corrupção, a BraVest.

— *Porra*, você trabalhava naquele antro? Que desperdício de inteligência!

— Nem todo mundo pode trabalhar onde quer. Eu não estava preparada para ingressar na Vergueiro e o que eles faziam de errado ficava encoberto. Se não fossem as denúncias, eu nunca saberia.

— Eu não quis te desmerecer, Letícia. Muito pelo contrário. Você estava em um lugar que não valorizava o seu conhecimento. Acredito que agora está onde deveria. Tenha certeza de que não admitimos qualquer pessoa. Confio no julgamento de toda a minha equipe.

— Eu não sei se você vai me falar, mas por que você deixa as pessoas terem medo de você?

Sento-me ao seu lado e cruzo uma perna na outra.

— Não é que eu queira que elas sintam medo. Longe de mim fazer isso.

Então, explico minhas motivações, sem me aprofundar demais. Fora Martins, Letícia é a única pessoa com quem tenho vontade de me justificar.

— Ou seja, as pessoas têm necessidade de saber de tudo e ficam desconfortáveis com o que é desconhecido. Daí inventam besteiras, falam o que bem lhe convém. E eu estou pouco me *fodendo* para o que pensam de mim. Enquanto eu puder me preservar e viver a minha vida sem interferência de terceiros, estou tranquilo. Eu sei o quanto trabalho para que esta empresa fique de pé.

— Nossa! Você tem um ponto muito bom, e compreendo totalmente, Henrique. Gostaria de não me importar tanto com o que os outros pensam sobre mim e preciso te parabenizar pela maturidade e confiança. Difícil ver isso hoje em dia.

— Não precisa me parabenizar por nada, Letícia. Se você quer, você consegue. Sei que além de uma mulher linda, tem uma força aí dentro que só está te esperando tomar a iniciativa. — Pisco para ela, deixando o clima mais leve.

Ela me encara, sem qualquer diversão, como se estivesse em um transe, e diz:

— Além de lindo, você é inteligente pra *caralho*.

Preciso me segurar. Aperto o couro do sofá a fim de evitar que eu a traga para mim e a coloque montada no meu colo. Não sou assim. Eu não sou a *porra* de um cara impulsivo, mas esta morena... O jeito com que me olha, com que o seu corpo fala comigo... é destruidor. Pior ainda é que eu sei como é o seu gosto, a sensação das suas pernas à minha volta, o quanto é

apertadinha, fogosa.

Putá merda!

— Obrigado pelo elogio — agradeço e resolvo fazer algo drástico. — Preciso te falar uma coisa.

Ergo-me do sofá para me distanciar o máximo possível. Quem sabe assim seja mais fácil pensar com racionalidade. Com as mãos no bolso, olhando para a cidade à minha frente, carros indo e vindo, o trânsito caótico, digo:

— Eu tenho uma restrição pessoal.

Não me viro em sua direção com receio de que eu não resista à sua beleza, mas não preciso fazer isso, pois ela se aproxima e para ao meu lado, os olhos voltados para a avenida. Com os saltos, ela fica na altura do meu pescoço.

Olho para Letícia, buscando todo resquício de coragem. *Porra*, pareço um garotinho acuado.

Pense com a cabeça de cima, filho da puta!

Mesmo que ela seja o que eu sempre imaginei de mulher ideal. Linda para *caralho*, inteligente, gostosa, curte se aventurar, encontra o lado bom das coisas...

— Eu não me envolvo com funcionárias — joga e ela abre um sorriso de lado.

— Eu imaginei, Henrique. Não esperava que tivéssemos algo. O que aconteceu foi gostoso, mas ficou pra trás. Meu elogio foi no sentido de te admirar como profissional, o que você conquistou. Apesar de toda a coincidência, estou feliz por ter conhecido a cara real da Vergueiro Investimentos.

Cada palavra é um soco no estômago.

“Não esperava que tivéssemos algo. O que aconteceu foi gostoso, mas ficou pra trás.”

E o que *eu* esperava? Que ela esperneasse? Implorasse? Letícia não é nada como as outras, e esta constatação só piora as coisas.

Chego mais perto e levanto, com o polegar e o indicador, seu queixo delicado, querendo que ela enxergue além das minhas palavras.

— Nem por um segundo eu gostaria que fosse assim, mas sei que é o melhor a se fazer. A chance de você *foder* com a minha cabeça é de 99% e eu não estou disposto a pagar para ver, *Leti*.

Ela arfa, o ar de sua boca entra na minha.

Porra!

Que mal há em sentir o seu gosto novamente?

Capítulo 9



Leticia

Sem que eu tenha tempo de compreender o que está acontecendo, minha boca é tomada com desespero e retribuo com a mesma intensidade. Desde que chegamos ao seu escritório — e que escritório —, estou inquieta. Meu corpo pedindo por ele, sentindo um calor louco, as mãos querendo agarrar seus músculos por baixo da camisa.

Estar tão perto de Henrique, depois de tudo o que ele me fez experimentar, é mais difícil do que eu imaginava. Não vou mentir e dizer que não fiquei decepcionada quando ele disse que não se envolvia com funcionárias. Pelo amor de Deus, eu não quero ser sua namorada, então, nem sei por que fiquei daquele jeito.

Ele me levanta, e eu envolvo minhas pernas ao redor da sua cintura. Imediatamente o sinto duro embaixo de mim.

— Humm... — é o que sai da minha garganta ao me esfregar nele. A calcinha molhada roçando na calça social.

Nossas bocas não se desgrudam, e o seu urro reverbera em meus lábios.

— *Porra!* Você é gostosa demais!

Ele encosta minhas costas no vidro gelado de um dos janelões, sobe minha saia com uma mão e a outra me segura pela cintura. Os dedos acariciam a renda da minha calcinha.

— Encharcada. *Porra!* — sibila.

Henrique afasta o tecido para o lado e esfrega aquele ponto que tanto anseia atenção, fazendo-me gritar — dou graças a Deus que só tem este escritório no andar e ninguém sobe sem ser anunciado. Ele circula, enfia dois dedos e eu gemo em sua boca.

— Quero você, Henrique! — peço com ousadia, sugando sua língua, sabendo que ele quer isso tanto quanto eu. — Nem que seja só dessa vez.

— Diga de novo! — ordena.

Como eu adoro seus comandos.

— Quero você...

— Diga meu nome, Letícia! Meu pau está latejando só de ouvir você me chamando assim. Nada de Vergueiro ou de *Ghost*. Apenas o meu nome.

— Henrique — obedeço e ele caminha comigo até o sofá com os olhos azuis vidrados de tesão. Senta-se e eu fico montada em seu colo.

Com rapidez, desafivela o cinto de couro e, sem muito esforço, levanta-me um pouco para deslizar a calça com a cueca de uma vez. Aproveito para tirar a calcinha e a saia.

Sua virilidade está pingando, avantajada, como bem me lembro, uma visão deliciosa.

— *Porra*, preciso pegar uma camisinha — vocifera.

— Eu tenho uma na bolsa. — Sem sair de seu colo, alcanço minha bolsa, que já estava no sofá, e vasculho à procura da embalagem. — Achei!

— Mulher prevenida... Você é das minhas, garota.

Ele leva pouco mais de vinte segundos para cobrir seu membro e me posiciona onde deseja, encaixando-se em minha entrada. Devagar, desço sobre ele e as nossas vozes viram uma bagunça de gemidos e rugidos.

— Delícia do *caralho*! Tão apertada!

— *Porra!* Como você é gostoso!

Com uma mistura de insanidade e sobriedade, desabotoa minha camisa, enquanto eu cavalgo sem parar, e joga o tecido para o lado. Com as mãos, ele junta meus seios cobertos por um sutiã branco rendado e passa a língua em todo meu colo.

— Linda. E continua *queimadinha* — diz, ofegante. — Tire o sutiã, Letícia, e passe as mãos em seus mamilos rosados pra mim! *Me* convide a chupá-los!

É claro que obedeço.

Jogo minha cabeça para trás, sentindo que estou quase gozando, e solto a peça que cobre meus seios. Livres e pesados, eles acompanham meu corpo para cima e para baixo, e logo meus dedos estão provocando os mamilos desesperados para receberem sua boca quente.

— Isso, *porra!* Peça, Leti!

— Chupe!

Sem esperar, seus lábios encontram um mamilo, a língua circula, mordisca, suga.

— Henrique — chamo, sabendo que ele adora, demonstrando que estou entregue ao seu bel prazer. — Assim eu não vou aguentar.

Aprofundo o contato, desço com mais força, ele geme, sem tirar sua boca dos meus seios, lambuzando-me toda, abraça minha cintura com os braços fortes e musculosos, conduzindo a velocidade.

— Vem pra mim, Leti! Cavalga gostoso que eu vou gozar também.

Enrolando meus cabelos compridos em uma mão, ele dá um puxão e minha cabeça inclina para trás, deixando-me ainda mais exposta. Ele se esbalda nos meus seios com mais vigor, e eu solto um grito.

— Henrique! — digo, gozando tão forte que minha visão escurece por alguns segundos, mas não paro. — Ah!

De repente, sinto um aperto maior no abraço e Henrique me deixa parada, bem no fundo, impulsionando a pélvis para cima, enquanto se liberta.

— Letícia... — sussurra, a voz fraca sobre meu pescoço, mordendo meu ombro na sequência.

Ambos estamos ofegantes, as testas coladas uma na outra, meus braços entrelaçando seu pescoço; os dele, a minha cintura. Respiramos o mesmo ar...

Tão íntimo. Tão único.

Suas mãos acariciam minhas costas nuas, o couro cabeludo, espalhando meus cabelos, os dedos massageando minha nuca, desembaraçando as mechas. Como é bom...

— Seu cabelo é lindo. — Fico surpresa com o elogio e afasto meu rosto para olhá-lo.

— Obrigada. Você pode me explicar como foi que eu fiquei nua e você só tirou a calça?

— Prioridades, querida.

Nós dois rimos, e a seriedade vai chegando em nossas expressões.

— Henrique, não precisa se preocupar, tudo bem? Não vai acontecer

novamente. Eu tenho 29 anos e sou madura o suficiente pra saber meus limites. Meu foco agora é dar o meu melhor aqui e não vou perder esta chance importunando meu chefe.

— Não diga isso, Letícia. De maneira nenhuma você me importuna. Pelo que tive a oportunidade de te conhecer, você é uma pessoa maravilhosa. Muito além da beleza extraordinária do lado de fora.

Put a que pariu! Preciso sair daqui logo antes que eu caia feio na rua da paixonite.

Desvencilho-me do seu abraço e tomo cuidado para colocar um pé no chão e depois outro.

— Está na hora de trabalhar. Quer dizer, já passou da hora. Nem sei o que vou falar pro pessoal.

— Fique tranquila, eu cuido disso — Henrique diz tranquilamente, enquanto me observa colocar a roupa com a atenção de um predador.

— Você? E falaria o quê? — pergunto, fingindo não me importar com seu escrutínio.

Ele sobe a cueca e a calça, que estavam caídas em suas pernas, e se levanta do sofá.

— Se alguém perguntar, pode dizer que te chamei para uma conversa de boas-vindas.

Já vestida e com os saltos nos pés, peço licença para ir ao banheiro. Levo minha bolsa, pois sei que terei que arrumar minha maquiagem. Ao me olhar no espelho, vejo o quanto estou corada e nada tem a ver com o bronzeado de Jeri.

Lavo meu rosto, seco, passo um hidratante, base, blush e batom. Pronto. Eu não estava com nada além disso quando cheguei e não posso aparecer diferente lá embaixo. Ajeito meus cabelos com os dedos,

lembrando-me dos dedos ágeis e longos de Henrique.

Nada disso, Letícia. Esqueça seu chefe e siga em frente!

Respiro fundo e, com a determinação lá em cima, saio do banheiro. Mas, assim como veio, ela se foi ao ver meu querido chefe impecável. Os óculos posicionados no rosto anguloso, o terno perfeitamente ajustado, nem parece que estávamos nos agarrando há pouco.

Ele está de braços cruzados, encostado na porta do elevador.

Encontro minha voz e pergunto:

— Esses óculos têm grau mesmo?

Ele ri.

— Sim. É para longe. Mas fora daqui uso lentes de contato.

— Ah. Agora entendi.

Ele pisca e abre aquele sorriso lindo.

— Vamos?

— Você vai descer comigo? — pergunto, preocupada.

— Só vou pegar uma carona. Pode relaxar, Letícia. Tenho uma reunião no prédio ao lado em dez minutos.

— Ok. Vamos.

O elevador chega e ele aperta o 30. Começamos a descer e não consigo desviar meus olhos dos dele, e Henrique parece sentir a mesma dificuldade. Ele roça os dedos em meu cabelo, um toque singelo, e me arrepio no mesmo instante. É como se fosse uma despedida. Não consigo evitar um aperto no peito.

Um tilintar e as portas se abrem. Meu andar chegou. Ele se afasta, e eu saio. Henrique coloca um braço para o sensor não fechar as portas e diz:

— Até, Letícia! Ótimo trabalho!

— Até, Henrique! Boa reunião!

Ele recolhe o braço e rapidamente as portas se fecham.

Um vazio se instala dentro de mim ao mesmo tempo em que a realidade de que eu não transei uma, mas duas vezes com meu chefe cai como um peso na minha cabeça.

Eu fiquei tão hipnotizada por ter reencontrado o Henrique, tão eufórica, que não pensei no quanto isso pode me prejudicar. Mesmo dizendo aquelas palavras bonitas, ele é o CEO e eu, sua funcionária. Mais clichê impossível, porém é isto.

O *ladrao de beijos*, o cara que *atrapalhou* meu ano novo, ficou lá atrás.

Caminho em direção à minha sala e encontro Rafaela antes de entrar.

— Estava preocupada com você, Letícia — diz e sua feição demonstra sinceridade.

— Eu estava...

— Aí está você — Martins aparece e me interrompe. — Mazzi, vem comigo que precisamos resolver uma questão urgente.

— Nós nos falamos depois, Leti.

— Claro, Rafa. Vamos almoçar juntas?

— Fechado. *Te espero*.

Minha colega segue para a sala e Martins me puxa para o outro lado.

— Henrique me contou que estava conversando com você, então, para evitar disse-me-disse é melhor falar que estava no RH fazendo a reserva do hotel no Guarujá.

Arregalo os olhos e meu chefe logo diz:

— Nós somos amigos. Não se preocupe. Eu conheço aquele rapaz de verdade, mas os outros não. É melhor evitarmos a fadiga.

— Claro.

— Você vai à conferência, não é? — pergunta.

Eu nem tive tempo de pensar nisso, mas se é trabalho e é fundamental para a empresa, eu preciso ir.

— Vou sim.

— Ótimo. Aproveite e faça sua reserva no RH, porque os melhores quartos estão acabando. Aquele hotel já é disputado, imagina com uma conferência com várias empresas em um final de semana?!!

— Com certeza. Vou agora. Obrigada, Martins. De verdade!

— Sem problemas, Mazzi. Eu não preciso saber o que vocês conversaram, mas confio no Vergueiro.

Assinto e sigo para o RH. A cabeça fervilhando com as palavras de Alfredo. Meu Deus, mal entrei e já estou causando. O melhor a fazer é esquecer o que aconteceu e focar no que importa, meu emprego e proteger meu coração.



Chego à minha casa e vou direto para o banho. O que eu mais preciso é relaxar e lavar todas as lembranças do dia, das mãos, da boca, do corpo de Henrique.

O banheiro chega a ficar enevoadado com o vapor quente do chuveiro. Deixo a água cair pelos meus ombros, enquanto espalmo minhas mãos no azulejo frio.

Você é uma pessoa maravilhosa.

Muito além da beleza extraordinária do lado de fora.

Seu cabelo é lindo.

Sua voz grave ecoa e ecoa sem parar na minha mente como o refrão de uma música.

Saio do banho com os dedos enrugados e, quando estou me secando, escuto o celular tocando. Corro para atender e sorrio.

— Oi, Mari.

— *Olha ela, toda importante e sem tempo de falar com a amiguinha.*

— Não é nada disso. Eu cheguei supercansada e fui direto para o banho.

— *Estão acabando contigo, né, amiga?*

— Não é nem isso, Mari. Você não vai acreditar no dia que eu tive hoje. No que descobri.

— *Conte-me tudo e não me esconda nada.*

— Sério. Está sentada?

— *Eita porra! Sentei agora.*

— Se lembra do gostoso que *babou* com a minha noite de ano novo...

— *Que te deixou naquele hotel luxuoso?*

— Isso.

— *E aí?*

— Então... ele é o meu chefe.

— *O QUÊ?*

— O meu chefe. E não é só isso. Ele é o CEO da Vergueiro Investimentos, mas ninguém de fora da empresa sabe. Eu precisei assinar um termo para não expor o nome dele. Pra você ter noção, os funcionários o chamam de *Ghost*. Então, se você soltar isso por aí, eu estou ferrada.

— *Pu.ta Mer.da! Ghost? Que merda é essa?*

— É porque ele não fala que é o presidente da empresa pra ninguém de fora, a fim de preservar sua imagem, entre outras coisas que não cabe dizer agora, e o tio, perante a imprensa e órgãos, é o CEO, mas o Henrique é o legítimo. E tem mais.

— *Mais? Tá parecendo um parque de diversões isso aí.*

— Pois é... Ele me reconheceu e me levou para o seu escritório. Conversamos e combinamos que não iríamos sair novamente por conta da nossa relação profissional, mas aí ele me beijou e uma coisa levou a outra...

— *Pu.ta Mer.da ao quadrado! Mana do céu! O que tu fez, amada?*

— Ah, Mari. Não me condena mais do que já me condenei.

— *Mas é claro que não vou. Só tô dizendo que a sua vida pode virar um livro de tão emocionante.*

Ela ri e eu rio também, aliviando o peso que estou sentindo.

— *Meu, qual a probabilidade de eu conhecer um cara no Ceará e ele ser o meu chefe? É muita coincidência, azar, sei lá.*

— *Ou destino...* — ela devaneia.

— Aham. Conta outra.

— *Eu não descarto nada, amiga. Mas e como você está?*

— Confesso que fiquei confusa. Não consigo parar de pensar nessa descoberta, se vai me prejudicar. Eu preciso do emprego, você sabe, e a empresa é muito boa, a equipe... Não quero que o que aconteceu interfira nisso.

— *É só você não deixar se levar, Lê. Respire fundo, anote suas prioridades, o que você quer e não deixe que nada impeça de alcançar o que quer. Ele é um chefe idiota ou bacana?*

— É espetacular. Inteligente, admirável, inspirador...

— *Ihhh, vamos parar então. Ele é bacana. Ok! Você também é supercompetente. Foque no seu trabalho e pronto, amiga. Se tiver que acontecer algo mais, deixe acontecer, mas ciente de que você é quem define o que quer.*

— Obrigada, Mari. Agora estou focada em uma conferência no Guarujá neste final de semana.

— *Estou dizendo que você não para.*

— É algo urgente. O maior cliente da Vergueiro está com um novo sistema e todos os diretores e coordenadores da minha área precisam aprender. Aí já viu.

— *Nossa, entendi! Bom, não vou mais te ocupar. Vai descansar que você merece.*

— Obrigada por sempre estar comigo, Mari.

— *Sempre! Te amo.*

— *Te amo!*

Desligo a ligação e caminho para a cama. Sem forças para colocar um

pijama, jogo-me no colchão e me cubro com o edredom pesado que me acolhe todas as noites. Em poucos segundos estou quase apagada e agradeço mentalmente por não ter energia para pensar em mais nada.

Capítulo 10



Leticia

Acabei de chegar ao luxuoso hotel Pirâmides e o hall está lotado, como não poderia ser diferente. Um dos melhores hotéis da região, ele fica de frente para a Praia de Pernambuco e está sempre muito cheio, imaginem com um evento grandioso no final de semana!

A Imigrantes estava com bastante trânsito e demorei quase duas horas para chegar. Sexta-feira à noite é complicado.

Saí do trabalho, tomei um banho, *me* troquei, terminei de arrumar minha mala e peguei o ônibus que a Vergueiro disponibilizou, em frente à empresa.

A pior coisa de uma viagem, para mim, é arrumar a mala. Sempre vem a dúvida: e se tiver sol? E se chover? E se fizer frio? Por mais que seja apenas um final de semana, existe o fator de que terei contato com muitas

pessoas, colegas do mercado financeiro, figurões, e precisei colocar roupas mais formais e elegantes no pacote.

Segundo o cronograma que Martins repassou, a conferência será no sábado e domingo, das 9h às 17h, voltaremos na segunda-feira de manhã e trabalharemos na parte da tarde na Vergueiro.

Desde o dia que reencontrei Henrique e tivemos aquele momento íntimo, não o vi mais. Nem uma notícia, ou cochichos, nada. Como dizem, o *Ghost* sumiu. Isto só me deu mais munição para me esquecer dele de uma vez por todas e fazer meu trabalho com excelência.

No caminho para cá, conheci uma outra coordenadora chamada Aline. Ela me contou que está na empresa há três anos e que desde que o Henrique assumiu o posto de CEO, as coisas melhoraram bastante. Disse ainda que não concorda com os burburinhos de que ele é isso ou aquilo, pois ele nunca deu motivo para desconfiarem da sua competência.

Interessante ver o outro lado da moeda.

Ao chegar ao quarto, deixo minha mala em cima de uma mesa, tiro os sapatos e resolvo pedir algo para comer. Antes de alcançar o telefone, ele toca.

Estranho, mas atendo.

— Alô?

— Oi, Letícia. É a Aline.

— Oi, Aline. Está tudo bem?

— *Está sim. Estou te ligando pra saber se está com fome. Conheço um restaurante ótimo de frutos do mar perto daqui.*

— Eu ia pedir serviço de quarto, mas acho uma boa.

— Ótimo. Te espero na recepção.

— Ok. Já desço.

Desligo e começo a me arrumar. Escolho um vestido rosa-claro, leve, e uma sapatilha dourada, nada muito elaborado. Já vestida, saio do quarto e chamo o elevador. Estou hospedada no 2º andar e Aline no 3º. Ela me disse que todos os CEOs, entre outros figurões, ficam no 5º e último andar, onde os quartos são absurdamente maiores e luxuosos.

Eu ia perguntar a ela se Henrique costuma vir a essas conferências, se fica hospedado no hotel, mas achei melhor não levantar a questão. Conheci Aline há poucas horas, ainda é muito cedo para fazer certas perguntas.

Chego ao hall e está ainda mais tumultuado do que antes. Estico o pescoço à procura dela e a encontro sentada em um dos sofás da entrada. Tem uma beleza exótica, os olhos castanhos puxados e maçãs do rosto proeminentes, seria difícil confundi-la com qualquer outra pessoa.

— Cheguei — anuncio e ela sorri para mim.

— Vamos! Prepare-se para sair rolando, mas pelo menos será uma comida pela qual vale a pena virar uma bola.

— Mal posso esperar.



Ela não estava mentindo quando disse que sairíamos rolando do restaurante. Meu Deus, acho que nunca comi tanto camarão, e ainda com catupiry, que eu amo!

— Mulher, ainda bem que estou de vestido — declaro. — Seria difícil não abrir o botão se eu estivesse de calça.

Ela ri assim que descemos do *Uber*.

— Eu te falei, Leti. Aquele lugar é um achado.

Passamos pela porta giratória e a movimentação continua constante na recepção, porém menor. Alcançamos o elevador que estava subindo com mais duas mulheres e Aline pergunta:

— Que tal a gente ir à academia antes da conferência? Acordamos cedinho, malhamos e nos arrumamos em seguida. O que acha? Diga que trouxe roupa pra malhar.

— Nossa, seria perfeito! Fiquei a semana toda sem conseguir ir para a academia. E, sim, eu trouxe roupa. Coloco de tudo um pouco quando viajo. Sou a mulher mais prevenida que você vai conhecer.

Nós duas rimos, e o elevador indica que chegou no meu andar.

— Às 7h estarei te esperando na recepção — ela diz.

— Ótimo.

Despeço-me da minha mais nova amiga e sigo para o meu quarto.

O cansaço veio pesado agora. Um dia de trabalho intenso, a adrenalina de viajar pela primeira vez com a empresa, expectativas e um jantar para lá de caprichado. Preciso dormir, mas, antes, um banho gostoso

para relaxar.



Às 7h em ponto estou na entrada do hotel. Desta vez, eu quem espero Aline chegar. Agradeço por ser tão prevenida e colocar roupas de academia na mala, inclusive um conjuntinho novo. O top, um *cropped* de mangas curtas, e a calça têm fundo branco, mas o que se destaca é a cor azul-clara no formato de uma nuvem ou do mar, depende de quem vê, que se mescla nas peças de maneira suave. Quando bati o olho, eu me apaixonei. Nos pés coloquei um tênis branco.

Como eu disse ontem, não tenho conseguido me exercitar, e, até me adaptar na empresa, não sei quando conseguirei retornar com tudo.

Sempre gostei de malhar, mas confesso que comecei a levar a sério de verdade depois que terminei meu namoro. A academia é o meu santuário para relaxar e renovar minha energia, além de manter meu corpo tonificado.

— Desculpa o atraso, Leti. Coloquei pra despertar, mas a merda do celular desligou porque não carreguei. Aí, você já sabe.

Aline está com um conjunto no estilo do meu, porém na cor preta.

— Tranquilo. Vamos tomar um café leve antes? — pergunto.

— Isso que eu ia te falar. Vamos sim. Você pegou esse bronzado aonde, mulher?

— Ah, passei o ano novo em Jericoacoara. O sol do Nordeste você sabe como é, né? Incrível como a cor está durando.

— Nordeste. Delícia pura. Eu gosto de ir a Porto Seguro, àqueles quiosques gigantes e assistir aos caras dançando e remexendo tudo dentro daqueles shorts minúsculos.

— Aline — gargalho —, você não existe!

Eu *me acabo* de rir com ela. Quem vê de fora acha que ela é séria, mas é muito engraçada, e estou me sentindo bem mais leve desde que a conheci.

Depois de comermos cereais, iogurte e banana, partimos para a academia, que fica um andar acima da recepção. A área do café da manhã estava lotada e fiquei admirada com a vista. O dia está maravilhoso e o mar brilhante com os raios de sol. Inspirador.

— Uau! Esta academia é maior do que a que frequento em São Paulo — confesso e Aline ri.

— Eu adoro este lugar. Olha a vista! Imagina malhar todos os dias assim?

As esteiras e bicicletas estão voltadas para a paisagem do lado de fora, onde se vê a linda Praia de Pernambuco, que a esta hora ainda está vazia.

— Espetacular, Aline. Por onde vamos começar?

— Meia hora de esteira? O que acha?

— Eu geralmente faço quarenta minutos entre caminhada e corrida. Pode ser?

— Claro! Eu falei por baixo pra ver se você estava na *vibe* realmente.
— Ela ri.

— Com certeza estou.

Ao nos aproximarmos dos aparelhos, vejo algumas mulheres em uma rodinha e estranho a interação exatamente no meio da academia.

Chegando mais perto, ouço uma mulher dizendo:

— Eu sentaria e não sairia nem com guindaste.

Arregalo os olhos e me viro para a Aline, que sustenta a mesma expressão.

— Eita, *porra!* — minha nova amiga sussurra.

Prestamos atenção para onde elas estão olhando e capto a mensagem. Dois caras estão de costas, correndo como loucos nas esteiras. Dois caras perfeitos, diga-se de passagem. Eles estão sem camisa, shortinhos curtos de corrida, as costas perfeitamente definidas — muito mesmo —, com um bronze de dar inveja, bundas perfeitas, coxas musculosas. Um deles ainda tem uma tatuagem imensa nas costas. Um tigre, algo assim.

— *Putá merda!* — exclamo.

— Dá até uma motivação, né, Leti? — Aline murmura, rindo em seguida.

— Total!

— Vamos antes que dê o horário da conferência e a gente fique aqui babando nesses deuses do Olimpo.

Escolhemos os dois únicos aparelhos vagos e, coincidentemente, fica do lado de um deles. Faço um esforço, mas não olho para a minha esquerda. Não quero que o homem pense que estou secando seu corpo, por mais que realmente esteja. A vontade de ver se o rosto deles é tão lindo quanto as costas é grande, mas me seguro. Eu me valorizo o suficiente para não passar vergonha à toa.

Alongo-me em cima da esteira, descendo o tronco com as pernas retas e encostando as mãos no aparelho, subindo devagar. Ao meu lado, Aline faz o mesmo. Pego uma perna e a levo atrás do meu corpo, e seguro meu pé por dez segundos. Faço o mesmo com a outra. Solto toda a tensão e ligo a máquina.

Aos poucos, vou aumentando a velocidade, até chegar à que estou acostumada, e mantenho um ritmo constante. Os dois continuam ao meu lado, a julgar o barulho das passadas pesadas, mas me concentro no mar à

minha frente e na música que está saindo dos meus fones *bluetooth*. O suor escorre pela minha pele. Entre o vão dos meus seios, coluna, nuca, ventre.

Sabe quando você sente que alguém está te observando e chega até a queimar sua pele? Eu estou sentindo isso. Franzo o cenho e olho para Aline, mas ela está concentrada na vista.

Ouso olhar, finalmente, para o meu lado esquerdo, ofegante, enquanto corro sem parar, a mão direita segurando no corrimão da esteira para não causar um acidente desnecessário.

Ainda bem que estou me segurando em algum lugar, senão já teria me espatifado toda. Ao meu lado está, nada mais nada menos, que o *ladrão de beijos*, o CEO fantasma que não vejo há dias.

Henrique está aqui!

Ele continua correndo a toda, a expressão surpresa misturada com algo a mais, um brilho nos olhos... Fascinante! Desço minha vista para o corpo musculoso suado, as veias saltando nos braços, o short que deixa pouco para a imaginação. Sua mão esquerda está apoiada na esteira, enquanto ele também me examina desde os meus tênis até meus cabelos presos, sem nem disfarçar. Ao me encarar novamente, é como se as íris azuis — livres dos óculos — estivessem em chamas, e as narinas se abrem levemente. Um predador não demonstraria tanto suas intenções, e isso é demais para mim.

Como vou me concentrar novamente sabendo que um dos gostosos da academia é meu chefe, o homem que me fez ir ao céu todas as vezes que me tomou e que superou todos os caras com quem já saí na minha vida? Uma meleca essas coincidências que vivem acontecendo.

Ele não tem tatuagens nas costas, mas nas laterais do corpo e bíceps sim, e, como evitei olhar para o meu lado esquerdo, nem passou pela minha cabeça que poderia ser Henrique. Eu não sabia que estaria no hotel, muito

menos na academia.

Aos poucos vou me acalmando, superando o susto de encontrá-lo, e me viro para Aline. Ela está alheia aos olhares e ao que está acontecendo. Lembro-me das palavras do meu chefe alguns dias atrás: “eu não me envolvo com funcionárias”, e isto renova meu orgulho e amor próprio. Não vou ficar como um cachorrinho atrás do osso. Por mais gostoso que ele seja!

Com um aceno eu o cumprimento, reerguendo meus muros de proteção, e olho para a frente, ignorando sua presença, despejando tudo na corrida e sem desviar minha atenção.

Capítulo 11



Leticia

Quando completo os quarenta minutos, sinto meu rosto queimar de tão quente, o sangue fervendo, suor encharcando minha pele e minha roupa. Solto o cabelo, que está molhado, e o espalho com os dedos.

No mesmo instante, os dois caras param de correr também. Se eu e Aline ficamos quarenta minutos na esteira, eles ficaram, no mínimo, uma hora. Haja disposição!

— Você já viu que um dos gostosos é o nosso chefe? — Aline pergunta num sussurro, tomando cuidado para ninguém mais ouvir. Afinal, se o segredo protegido por um termo milionário vazar, não vai ser nada legal.

— Vi sim.

Ainda não consigo acreditar que muita gente nem sabe o seu nome verdadeiro. Aline disse que algumas pessoas da Diretoria têm essa

informação. Não sei se o fato de eu saber é bom ou ruim. De qualquer forma, prefiro guardar para mim.

Percebo que estamos todos indo na mesma direção para beber água. As mulheres de antes continuam vidradas nos dois, fingindo que malham. *Aff!*

— Delicioso é pouco pra definir esse homem. Quando ele está de óculos, fica mais sério e *sexy* pra cacete, mas, sem eles, fica fenomenal — minha nova amiga murmura. — Espia o amigo. *Porra!* Esses dois numa balada acabam com a chance de qualquer outro cara.

Ao olhar para o companheiro de Henrique me espanto e ele parece sentir o mesmo quando encontra meus olhos.

— Ora, ora, se não é a bela Letícia!

Ele lembrou meu nome. Uau!

— Olá, Egídio. Que surpresa te encontrar por aqui. Não vou te cumprimentar direito, pois estou toda molhada.

Putá que pariu! Pegou muito mal. Aline arqueia as sobrancelhas, querendo rir e a ignoro.

— Suei demais — completo.

Ele abre um sorriso compreensivo, demonstrando que entendeu meu ponto, mas Henrique fica em silêncio.

— Estou igualmente surpreso, Letícia. Minha empresa é uma das parceiras do Banco Nacional. Não tive como fugir. Assim como meu amigo aqui.

— Ah, eu não sabia. — Lembrando que não estou sozinha, aponto para Aline — Egídio, esta é Aline e também é coordenadora na Vergueiro. Aline, este é Egídio, presidente da Invest.Br.

— Prazer, Egídio. — Aline está encantada. Ele realmente é lindo.

Olhos verdes, corpo escultural e, ainda por cima, um crânio das finanças. Assim como meu querido chefe.

— Quer dizer que se conhecem? — *Falando nele...*

— Sim, meu amigo. Eu e Letícia nos conhecemos no evento de inauguração da nossa rede de restaurantes. A amiga dela, Mariana, trabalha na agência que contratamos — Egídio responde. — Você perdeu como ela estava linda e ansiosa para trabalhar na Vergueiro.

Nossa rede.

Ah, mas é claro que eu deveria ter imaginado. Um dos sócios não apareceu porque ele preferia a discrição. Tinha que ser o *Ghost*.

— Ah, é? — Henrique questiona, sem tirar os olhos de mim.

Só agora tomo ciência do que Egídio compartilhou, mas não aprofundo o assunto.

— Letícia, está gostando de trabalhar lá? Não deixe de falar a verdade por causa do seu chefe.

Henrique revira os olhos, mas aguarda minha resposta com expectativa.

— Sim. Estou gostando bastante.

— Que bom. Ratifico o que eu disse anteriormente, as portas da Invest.Br estão abertas.

— É um *filho da puta* mesmo.

Eu me surpreendo com a fala de Henrique e Egídio gargalha.

— Estou falando sério. Além de linda, Letícia é inteligente ao extremo. E isso eu soube só de conversar com ela por alguns minutos.

— Fico honrada com suas palavras, Egídio. Se um dia a Vergueiro não quiser mais meus serviços, quem sabe...

Tanto Aline quanto Henrique estão perplexos com a minha resposta.

O quê? Falei alguma mentira?

— Assim que eu gosto. — O amigo de Henrique sorri e pisca para mim. — Agora, se me dão licença, preciso tomar uma ducha e me arrumar. Aconselho que façam o mesmo. A conferência começa em meia hora.

— Nossa, é verdade! — Aline exclama. — Preciso ir. Você vai ficar?

— Pode ir subindo. Já já eu vou.

— Ok, nós nos encontramos depois. Tchau, Leti. — E, mais séria, diz: — Até, Sr. Vergueiro.

Eu e Henrique ficamos sozinhos. Um encarando o outro. Analisando cada detalhe, até que fica insuportável.

— Como...

— Você...

Falamos juntos e, mordiscando o lábio inferior, sorrio.

— Você primeiro — ele pede.

— Lentas, Sr. Vergueiro?

Erguendo as sobrancelhas cor de mel, ele pergunta:

— Sr. Vergueiro?

— Sim, como devo chamar meu chefe?

Não estou sendo sarcástica, apenas não acho legal continuar chamando o CEO da empresa em que trabalho por um nome que nem todo mundo sabe. Também não quero demonstrar uma intimidade que já não existe entre nós.

— Sim, estou de lentas.

Olhando-me intensamente, ele ignora o que acabei de falar e diz: — Você está linda.

— Não faça isso.

— Mas é a verdade. *Te* ver ali, do meu lado, *porra!* Você está perfeita nessa roupa, Letícia. Você é toda perfeita. Desculpa ser tão transparente, mas eu não consigo te ignorar como você está me ignorando.

Chegando mais perto dele, olho ao redor para ver se não há algum conhecido, e sussurro:

— Eu te ignorei porque é o melhor a fazer. Você é meu chefe, disse que não se envolve com funcionárias e agora me vem com sua transparência contraditória. *Porra*, o que você quer de mim?

Ele pisca algumas vezes, passa as mãos pelos cabelos úmidos, deixando os braços fortes contraídos, e um suspiro frustrado sai pela minha garganta. Ele é o cara mais gostoso em quem já tive o prazer de colocar os olhos, de beijar, de...

— Você tem razão. Eu não tenho o direito de falar assim com você. Desculpa.

Um balde de água fria cai na minha cabeça com as suas palavras. Endireito minha postura e olho para cima, encontrando suas íris claras, tomando nota dos rajados pretos em volta da pupila escura.

— Vamos manter a nossa relação profissional, Sr. Vergueiro. Assim o senhor não burla a sua regra e eu faço meu trabalho com tranquilidade.

Ele reflete e finca os dentes no lábio.

— Justo.

Começo a me afastar, mas ele emenda:

— Sobre a questão do Egídio te oferecer um emprego na minha cara e você responder de maneira tão vaga, peço que, se estiver insatisfeita com a minha empresa, *me* comunique antes de tomar qualquer decisão.

É a minha vez de ficar perplexa. Ele realmente ficou *mordido* com o assunto. Eu ia dizer que foi uma brincadeira, mas desisto. Deixe ele pensar o

que quiser.

— Pode deixar. O senhor será o primeiro a saber. Agora, se me der licença, preciso me arrumar para a conferência.

— Toda — diz, deixando a passagem livre.

Saio fumegando de ódio. Ódio de mim por me sentir tão frágil e vulnerável diante dele. Ódio por Henrique ser tão contraditório e me confundir ao mesmo tempo. Ódio por não poder beijar aquela boca.

Que merda!



De banho tomado, escolho um vestido preto, justo, um palmo abaixo do joelho, e um blazer branco bem cortado, completando o visual executivo. Nos pés, sapatos pretos envernizados, altíssimos. O cabelo, resolvi prender em um coque despojado, e a maquiagem, optei por algo leve. Apenas iluminador, máscara de cílios e um gloss que valoriza meus lábios e os deixa rosados.

Pronto.

Pego meu caderno de anotações, canetas, enfio tudo na bolsa branca e preta, que está a tiracolo, e sigo para um dos auditórios do hotel.

O lugar está lotado. Marquei de encontrar Aline exatamente na entrada e demoro alguns minutos para avistá-la.

— *Meu*, como está cheio isso aqui! — exclamo assim que a encontro. Ela está com um vestido vermelho acinturado, de mangas curtas, quase do mesmo comprimento que o meu.

— Nem me fale. Caramba, Letícia, assim você vai me humilhar com essa altura toda — ela brinca por conta dos meus saltos.

— Ah, para com isso! O que posso fazer se amo usar salto alto?

— Estou brincando, mas não podia deixar passar. Eu que sofro por ser uma tampinha, mesmo com esses saltos gigantes.

— Você está linda. Tamanho não é documento, já dizia o grande filósofo.

Ela ri e diz:

— Vamos procurar um lugar logo, pois está um caos por aqui.

— Vamos.

Passamos por muitas pessoas. Algumas reconheço do ônibus da empresa, outras, da minha área, mas a maioria nunca vi. Uma coisa é fato: todos estão muito bem-vestidos — isso não se aplica às mulheres, que cismam em se vestir para uma festa, com decotes profundos e saias curtíssimas, e não para um evento de negócios. Não consigo entender a lógica.

Depois de muito procurar, eu e Aline achamos duas poltronas vagas logo nas primeiras fileiras. Que bom! Passamos entre as pernas dos que já estavam sentados e chegamos ao nosso destino.

— Ufa! Isso aqui está disputado demais — Aline comenta.

— Devem ter quantas empresas representadas aqui?

— Olha, imagino que, no mínimo, trinta. O Banco Nacional é muito grande e possui muitas parcerias, então, estou chutando por baixo. Confesso que estou ansiosa para o treinamento. Tudo indica que o novo sistema vai otimizar e muito o nosso trabalho.

— Maravilha. Adoro me atualizar. Com certeza será benéfico para todos nós.

— Sem dúvida. Parece que vai começar — Aline fala e me viro para o palco.

Um homem começa a falar:

— *Bom dia para todos. Nós, do Banco Nacional, estamos muito satisfeitos que as empresas parceiras tenham se empenhado para comparecer a este treinamento...*

Ele continua falando, mas perco o foco quando vejo quem acabou de sentar na primeira fileira, vestido em um daqueles ternos caríssimos, os cabelos perfeitamente moldados com gel e aqueles óculos sexies. A mesma

loira que estava falando com ele na reunião da Vergueiro o acompanha.

Humm...

Fingindo casualidade, pergunto baixinho para Aline:

— Quem é aquela loira que está com o Sr. Vergueiro? Acho que já a vi em algum lugar, mas não recordo.

— É a Carola Matheus. Uma das nossas diretoras e, segundo os fuxicos, a única mulher da empresa que conseguiu *foder* o *Ghost*.

Aline consegue ter a boca ainda mais suja que a minha. Engasgo com a própria saliva e alguns rostos viram em minha direção. E é claro que entre eles está o do meu chefe e de sua *parceira*.

Rapidamente levanto.

— Vou pegar um pouco de água — sussurro, ainda tossindo.

— Tudo bem, vai logo antes que tenha um piripaque.

As pessoas abrem espaço para que eu passe, preocupadas com meu acesso de tosse, e saio do auditório direto para o banheiro. Não sem antes pegar um copo d'água.

Entro com tudo e tranco a porta atrás de mim. Bebo a água de uma vez, pigarreando para afastar o resquício de engasgo.

Que vergonha!

Já nem sei mais quanto está o placar do Universo contra mim. Inclino meu corpo e minhas mãos espalmam o espelho.

O que há de errado comigo?

Henrique é livre para fazer o que quiser, mas eu não esperava sentir o desconforto que senti ao ouvir o que a Aline disse. Será que ele continua saindo com aquela mulher e me deu a desculpa de “não se envolver com funcionárias”, porque se arrependeu? Não sei o que pensar e nem sei o motivo de estar tão afetada. Pelo amor de Deus, o homem nem é meu

namorado, não me prometeu nada!

Então, falo com meu reflexo:

— *Cresça, Letícia. Você é uma mulher de 29 anos que sabe do seu potencial e não tem por que se sentir insegura. Você veio para trabalhar. Está vivendo um dos melhores momentos da sua vida. Não deixe que nada tire o brilho do que você conquistou.*

Respiro fundo, ajeito meu vestido, o coque e sorrio. Agora sim!

Saio do banheiro e dou de cara com Egídio.

— Está tudo bem? — pergunta, a expressão com uma preocupação genuína.

— Oi, Egídio. Estou sim, obrigada por perguntar. Só foi um engasgo num momento inoportuno.

— Você sabe como fazer um espetáculo, morena — ele brinca, e rimos na sequência.

Estou prestes a retrucar quando vejo Henrique caminhar em minha direção, mas ao se dar conta de que não estou sozinha, ele estanca no lugar antes de passar reto por nós.

Forço-me a ignorar as diversas perguntas que pairam na minha mente sobre o motivo de ele ter saído da conferência, mas foco no homem que está diante de mim.

— Duvido você conhecer uma pessoa mais azarada que eu...

— E mais linda — diz, os olhos verdes brilhantes ao me encarar de uma forma que não me deixa constrangida, mas que mostra claramente suas intenções.

Ele é inegavelmente lindo. Está vestido com um terno azul-marinho de dois botões, exalando uma elegância que lhe é inerente, os músculos escondidos pela peça cara, o cabelo castanho penteado para trás.

— Obrigada. — Antes que eu continue divagando, mudo de assunto:
— Bem, preciso voltar. Já devo ter perdido a primeira parte do treinamento
— lamento.

— Acredito que tenha sido apenas a introdução. Você vai tirar de letra. Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Aceita jantar comigo esta noite?

Putz grila. O Universo está rindo de mim neste momento, não é possível. Demoro a responder e ele sorri:

— Eu só quero conhecê-la melhor, morena. Faz um tempo que não conheço uma mulher tão interessante e você... — Ele pausa e chega perto o bastante para que eu sinta seu hálito em meu pescoço. — ... você é simplesmente espetacular. Não é à toa que Henrique está tão territorialista.

Como é que é? Será que ele sabe de alguma coisa? Não pode ser!

— Sim, eu sei que vocês já se conheciam. — Ele deve ter visto a confusão estampada no meu rosto. — Ele me contou.

Putz grila ao quadrado!

Engulo em seco e, quando finalmente encontro minha voz para perguntar o que ele quer dizer com *territorialista*, um timbre grave, que eu passei a conhecer intimamente, *nos* interrompe:

— Está tudo bem, Letícia?

Egídio se afasta, a expressão divertida, como se estivesse rindo de uma piada, e se vira para o amigo.

— Tudo ótimo, Henrique.

— Eu perguntei para *ela*.

Meu Deus. Isso é briga de cachorro grande e eu preciso sair daqui.

— Sim, está tudo bem. Já estou voltando para o treinamento.

— Que bom. Tome mais cuidado.

Ele me olha rapidamente e, voltando-se para o amigo, pergunta:

— Podemos conversar, Egídio?

É a última coisa que ouço quando bato em retirada. Não sei dizer o motivo de estar tremendo, mas não espero para saber.

Capítulo 12



Henrique

— Que *porra* você acha que está fazendo?

Egídio ri e cruza os braços.

— E por que você acha que te devo satisfações, meu caro amigo?

Ele só pode estar de sacanagem com a minha cara.

— Egi, não vem bancar o sabichão comigo que eu te conheço. Já não basta assediá-la para trabalhar na sua empresa, agora está dando em cima dela na cara dura?

— Henrique, você não me disse que o que quer que tenha acontecido entre vocês dois ficou para trás? Que não quer misturar negócios com uma *foda*? Pois bem, comigo não tem essa. Eu a acho linda, inteligente, sexy pra *caralho*, qual o problema de querer sair com ela? Não estou te entendendo, meu amigo.

— Você sabe muito bem que não é uma mera preocupação. Você mais do que ninguém sabe disso, Egídio. Ou já esqueceu quando sua ex-noiva, que era sua melhor diretora, quase acabou com a sua reputação?

— Eu entendi seu ponto, Vergueiro, mas ainda não ouvi o motivo de eu não poder sair com a Letícia. Ela não trabalha pra mim, está solteira, desimpedida. Se você me disser algum motivo plausível pra eu não correr atrás daquela mulher, eu recuo.

Ele é um *filho da puta* inteligente. Eu sei aonde quer chegar, a perspicácia em cada palavra. Afinal, são mais de 15 anos de amizade. Começamos juntos na faculdade de Administração na PUC-SP e seguimos o caminho dos nossos pais. Ele é o meu melhor amigo e me conhece como ninguém. Só que eu também sou duro na queda e não dou o braço a torcer facilmente. Mesmo que me arrependa mais tarde.

Respiro fundo, recuperando o equilíbrio, e passo as mãos pelos cabelos. *Foda-se!*

— Esquece, Egídio. Você está certo. Faça como quiser.

Ele continua me observando com a cabeça inclinada, como se estivesse me enxergando por trás das minhas ações. *Como explicar uma coisa que eu nem mesmo entendo?*

— Acho prudente voltarmos para o treinamento — meu amigo alerta, encerrando a conversa.

— Concordo.

Seguimos juntos até a entrada do auditório, e cada um vai para um lado. É melhor deixar tudo isso para lá. Não é um bom momento para me preocupar. A bolsa um caos, mercado atento a qualquer deslize, não posso me dar ao luxo de ficar me importando com quem Egídio sai ou deixa de sair. Tenho uma empresa para cuidar.

Ao me aproximar da fileira em que estava sentado, vejo as costas de Letícia e minha mente tenta trazer à tona lembranças que tenho deixado de lado, mas resolvo ignorá-la.

E pensar que Egídio iria comigo para Jericoacoara, mas, de última hora, surgiu uma emergência em sua empresa. Não tive outra opção a não ser ir sozinho. Por gostar de me aventurar e fazer programas que nem todo mundo curte, estou acostumado a viajar sozinho, então, não foi problema nenhum partir sem companhia, ainda mais para um lugar com ventos propícios para a prática de *kitesurf*. Eu não iria ficar em São Paulo em pleno réveillon, podendo curtir o que já estava pago. Quem sabe se ele tivesse conhecido Letícia antes de mim nada disso estaria acontecendo. O pensamento me faz cerrar os punhos.

Olhando para frente, alcanço minha cadeira e, no instante em que me sento, Carola sussurra:

— A nova coordenadora está bem?

— Sim, foi apenas um engasgo.

— Você foi tão solícito ao sair pra verificar como ela estava — insinua, e eu reviro os olhos.

Ela sorri, como se tivesse descoberto a pólvora.

— Carola, Carola, você não perde uma oportunidade de me perturbar.

— Henry, Henry, você mente muito mal.

Eu e Carola temos a amizade mais improvável que alguém poderia imaginar. Já nos envolvemos, sim, mas hoje somos apenas bons amigos. Ela é linda, gostosa, mas aquele fogo que eu sentia ficou lá atrás. Gosto da sua companhia, ela me faz rir, é extremamente competente e soube entender meus motivos para não aprofundar o que tínhamos. Atualmente, Carola namora um dos advogados mais conceituados de São Paulo e a gente acha

graça das fofocas desatualizadas que rolam pela Vergueiro. Nunca param de inventar *merdas*.

Para falar a verdade, o que eu tive com a loira nem se compara com a *porra* do tesão louco que senti apenas ao observar Letícia dançando naquela noite em Jeri.

Garota Infernal...

— Henrique, o Martins está marcando uma social mais tarde.

A voz de Carola me arranca dos meus devaneios, e a observo digitando no celular.

— Pode ser. No Joe's?

— Isso.

— Ok. Agora vamos focar na conferência, afinal, o objetivo de estarmos aqui é este.

— Tudo bem, chefe. Seu pedido é uma ordem.

Rindo, balanço a cabeça e foco na apresentação.



O Joe's é um barzinho tradicional do Guarujá que fica perto do hotel, à beira-mar, e costuma reunir muitos conferencistas em busca de diversão. Ele tem cara de boate e é por isso que atrai tanta gente.

Sempre que fico hospedado no Pirâmides, dou uma passada aqui, seja sozinho, seja com a equipe que está comigo — que geralmente é Martins, Carola e meu tio, Pedro. O clima é descontraído, tem música boa e uma grande variedade de bebidas. Uma ótima pedida depois de um dia de estudos e treinamentos.

Enquanto pareço um funcionário qualquer, me divirto com as pessoas *babando o ovo* do meu tio só por ele *ser* o CEO da Vergueiro Investimentos. Nunca estive tão certo da minha decisão de não querer divulgar a verdade.

Estou com Martins, Pedro e Carola em um sofá na área VIP, a pedido da loira, que não curte ficar na *pipoca*, e um DJ está tocando diversas músicas remixadas. Muito bom por sinal.

Gostar de música eletrônica foi um dos motivos que me fez querer passar o ano novo em um festival no Nordeste. Além do lugar paradisíaco, eu sabia que os melhores DJs do mundo estariam lá, então, foi a combinação perfeita.

Bebo um gole de uísque, balançando a cabeça no ritmo das batidas, e olho ao meu redor. O local está lotado. Várias mulheres gostosas se insinuam para mim à distância e logo me recordo da atenção que eu e Egídio recebemos na academia. Mesmo se eu quisesse ignorar seria difícil. Dava para ouvir o que elas estavam sussurrando, e eu precisei me concentrar no mar para não perder o foco. *Porra*, mulher quando quer alguma coisa é muito

mais perigosa que homem.

— Vai ficar só no uísque, Henrique? — meu tio pergunta.

— Sim, não estou a fim de cerveja.

Eles pediram um balde com cervejas, mas prefiro destilados e vinhos.

Meu tio é o filho caçula do meu falecido avô, temos apenas dez anos de diferença. Por opção, está solteiro, já foi casado uma vez, não teve filhos e, segundo ele, não pretende casar de novo. Incrível ver a quantidade de mulheres se jogando em cima dele, mas pela posição que exerce e que escolheu abraçar, não pode agir de maneira precipitada e nem comprometedora. Ele precisa ser discreto em suas conquistas. Uma merda, mas são escolhas. *Eu que sei...*

— Vamos dançar? — Carola pergunta para ninguém em especial.

— Estou velho demais para dançar desse jeito. Isso é música da nova geração — Martins responde, entornando um gole de cerveja.

— Ah, para de ser rabugento, Alfredo. Não vou pedir para o Pedro por motivos óbvios. Só me resta você, Henry.

— Carola, não tem a menor chance de eu sair daqui agora — digo, sorvendo mais um gole da minha bebida.

— Sem graça! — bufa e se levanta, perdendo-se no meio dos corpos que estão dançando.

Estou prestes a dar mais uma golada no uísque, quando meu braço fica paralisado no meio do caminho.

Porra! Por que precisa ser tão linda? Tão gostosa?

Só então minha mente começa a processar os fatos. Será que ela veio acompanhada? Ela parece procurar alguém. Será que veio com Egídio? Meus músculos se contraem involuntariamente e tenho vontade de me dar um soco por isso.

Por que essa mulher tem esse efeito em mim? O que ela tem de diferente das outras?

— Minha convidada chegou — Martins alerta, acenando para a morena.

— *Você a convidou?* — pergunto, sem tirar meus olhos do vestido vermelho elegante, porém curto demais para ignorar suas pernas torneadas e justo demais para não perceber cada curva muito bem-distribuída. Os cabelos negros, soltos em volta do rosto mais perfeito que já vi, destacando os olhos extraordinariamente azuis.

Engulo em seco, lembrando-me de como seu corpo estava espetacular naquele conjunto de academia. Precisei me segurar para não cair como um idiota daquela esteira. Ela estava correndo, determinada, focada, toda sarada, sem nem se dar conta do quanto pode levar um homem à loucura só por estar perto. Um tesão de mulher!

E agora está aqui. Em toda sua plenitude e beleza.

— Sim, eu a convidei. Algum problema?

Olho para Alfredo, finalmente desviando minha atenção, e estreito meus olhos.

— Não tem problema nenhum, mas poderia ter me falado.

— E você faria o quê? *Me* impediria? Não viria? Ainda estou tentando entender qual é o seu problema com a Letícia.

Meu problema...

Porra, meu problema?

Ser linda demais pode ser um problema, não pode? Claro que sim. Ainda mais se for afrodisiacamente inteligente e tão apertadinha que é impossível esquecer a sensação de tê-la tão fundo...

Caralho! É óbvio que ela é um problema. Um problema que acabou

de me deixar duro.

Respiro fundo e respondo, sem paciência:

— Não tenho nada contra ela, Martins.

— Que bom, porque ela já está chegando aqui.

Rindo da sua petulância, bebo o restante do líquido do meu copo. Intimidade é uma merda. Não importa se eu sou seu chefe, mas aqui fora, Alfredo sempre me trata como Henrique e não o CEO legítimo da Vergueiro. E, no fundo, fico grato por isto.

Ao me ver, Letícia parece tão surpresa quanto eu. Maldito Fred! Na certa ele não mencionou que eu estaria aqui.

— Boa noite! — ela cumprimenta a todos, a voz elevada por conta do som alto.

— Boa noite! — respondo, sem deixar de olhar para seus lábios volumosos e brilhosos. *O que essa boca é capaz de fazer...*

Caralho! Que merda está acontecendo comigo? Eu não sou um moleque. Tenho uma ficha extensa de mulheres no currículo e nunca fiquei tão descontrolado como tenho estado desde que a reencontrei.

— Olá, Letícia. Que bom que chegou. Já conhece o Pedro Vergueiro?

Os olhos dela se arregalam e responde:

— Só de nome, obviamente. Mas não pessoalmente.

— Prazer, Letícia. Martins tem me falado bastante de você. Fazia tempo que ele não ficava tão otimista com uma contratação.

— Nossa, sr. Vergueiro, eu não canso de dizer a ele que estou honrada.

— Nada de senhor, por favor. Pode me chamar de Pedro.

— Tudo bem, Pedro.

— Abrimos os trabalhos há pouco. O que você bebe? — Martins pergunta.

Sem nada falar, eu a observo se sentar ao lado de Martins, de frente para mim. Ela me olha de soslaio, tomando ciência do meu olhar, mas outra coisa prende sua atenção.

— Eu... — ela começa a falar, mas é interrompida por um furacão loiro.

— Voltei! — Carola anuncia, um pouco animada demais, antes de se acomodar ao meu lado.

Letícia não deve ter percebido, mas sua expressão mudou completamente.

Interessante...

Minha amiga olha para a morena e ergue as sobrancelhas.

— Oi! Eu não te vi. Tudo bem? Sou Carola, diretora na Vergueiro.

— Tudo bem sim. Sou Letícia, a nova coordenadora. — As duas se cumprimentam com um beijo no rosto. — Martins me convidou, mas já estou de saída.

— De saída? — Fred pergunta, confuso, tirando as palavras da minha boca.

— Sim, só vim para dar um “oi”. Eu já tinha um outro compromisso marcado.

Ela se levanta rapidamente, como se estivesse com pressa, e se despede de todos.

— Obrigada pelo convite, Martins.

— Uma pena já ir embora, Mazzi.

— Pois é, quem sabe uma próxima vez. *Te* devo uma cerveja lá em São Paulo.

— Fechado.

— Foi um prazer te conhecer, Letícia. Nós nos vemos amanhã no treinamento — meu tio diz.

— O prazer foi meu.

— Nos vemos por aí, Letícia. — É a vez de Carola falar, e a morena apenas assente.

Sem me importar com os olhares curiosos e surpresos, eu me levanto e digo:

— Eu te acompanho até lá fora.

— Não precisa.

— Mas eu quero.

Foda-se! Eu preciso falar com ela. Letícia não pode aparecer assim, toda gostosa, deslumbrante, e esfregar na minha cara que tem um compromisso. *Porra!* Uma onda de possessividade me envolve e sou obrigado a inspirar fundo para me controlar.

Ela se vira em direção à saída, contudo sou mais rápido e seguro seu pulso. Em meio às pessoas que estão dançando, eu a levo para o outro lado, onde ficam os banheiros.

Letícia tenta se livrar do meu aperto, mas não a liberto. Encontrando um banheiro disponível, eu a trago comigo e tranco a porta.

— O que você pensa que está fazendo, Henrique? — pergunta, puxando seu braço com força e eu a solto para não *machucá-la*. Ela se afasta e cruza os braços, ressaltando os seios empinados.

— O seu tal compromisso é com o Egídio?

Ela ri.

— Inacreditável. É sério isso? E se for? O que tem a ver com você?

Eu me aproximo, sem me preocupar se pareço um maluco, e a

encurralo na parede. Apoio minhas mãos ao lado da sua cabeça, próximo o bastante para encostar meu nariz no dela e, quando o faço, preciso fechar meus olhos.

A vontade de tocá-la vem com força, mas me contenho. Eu não quero *assustá-la*, muito menos fazer algo contra a sua vontade, além do que já fiz ao trazê-la até aqui.

— Só me responda, Letícia. Sim ou não?

Seu peito sobe e desce, o ar quente de sua boca faz cócegas em meu pescoço, até que ouço um sussurro:

— Vai se *foder*, Henrique!

Atônito com suas palavras, eu a encaro e aposto que ela enxerga minha confusão. E continua:

— Quem você acha que é para me coagir dessa forma? Aqui você não é meu chefe. É apenas mais um cara que não se contenta que a mulher com quem ele transou *foda* com outros caras.

Putá que pariu. Que merda ela está falando?

— Você está enga...

— Eu não preciso da sua autorização ou do seu consentimento. Eu não sou sua para lhe prestar alguma satisfação. Então, volte para a *sua* loira e me deixe sair daqui antes que eu comece a gritar.

Franzindo a testa, dou alguns passos para trás, como se tivesse sido atingido por um projétil, e, com isso, Letícia aproveita minha guarda baixa e abre a porta, sem olhar para trás.

Sozinho e perplexo, *me* faço uma única pergunta: *o que eu acabei de fazer?*

Capítulo 13



Leticia

Saio esbaforida, ainda ofegante com a raiva acumulada. O que ele pensa que eu sou? Um fantoche?

“Não saio com funcionários”. Mas a *Carola* não desgruda dele, fungando em seu pescoço durante quase toda a conferência, o acompanhando no barzinho.

“O seu tal compromisso é com o Egídio?”

Meu... Ele só pode ser louco. Uma hora o cara me trata com frieza e na outra me agarra até o banheiro exigindo explicações?

Antes não tivesse aceitado o convite de Martins. Eu sou melhor do que isso. Não preciso me sujeitar aos caprichos de uma pessoa que se acha a última bolacha do pacote e que pensa que pode fazer o que quiser só porque tem uma empresa. Mas não mesmo!

Pego o celular na minha *clutch* e noto que chegou mensagem.

É de Egídio.

“Está pronta? A hora que você quiser que eu te busque, é só me falar”

“Estou pronta. Bem na entrada do Joe’s”

“Ótimo. Em cinco minutos estou aí”

Pensei bastante antes de dizer “sim” para Egídio. Estudei todos os cenários e o único ponto contra que encontrei é que ele é amigo de Henrique.

Pontos positivos: ele é lindo, hiperinteligente, educado, sabe o que quer e o que não quer, é de outra empresa, então, não tem a desculpa de “não se envolver com uma funcionária”. O *plus* foi quando percebi que não tinha nada a perder e o quanto Henrique estava se “divertindo” com a loira diretora.

Não quer dizer que vamos namorar e casar, pelo amor de Deus. Somos adultos, independentes, nada impede que queiramos aproveitar a companhia de uma pessoa legal. O resto é consequência.

Tomo um susto quando vejo um conversível preto estacionar com maestria. O vidro elétrico desce lentamente e a voz de Egídio chega até mim:

— Vamos?

— Opa! — respondo e abro a porta do passageiro.

— Está tudo bem? — pergunta, beijando meu rosto.

— Tudo ótimo.

— Bom. Vou te levar a um restaurante top a que sempre vou quando estou por aqui. Gosta de massas?

— Amo.

— Então, vai amar o lugar.

Ele está lindo. Veste um blazer azul, camisa branca e uma calça jeans de lavagem escura, um colírio para os olhos.

Pensando bem, apesar do azar de ter saído com meu chefe logo no primeiro dia do ano, meu nível para homens subiu de 10 para 1000. Conhecer dois caras inteligentes e gatíssimos não acontece todo dia. Poderia dizer até que a sorte está querendo dar as caras, mas ainda está bem tímida para o meu gosto.

Em poucos minutos, chegamos ao nosso destino final. Ele pede que eu fique no carro e sai. Sou surpreendida quando abre a porta, como um perfeito cavalheiro, e diz de maneira divertida:

— Agora sim, pode sair.

— Obrigada, Egídio.

— Nada além do que você merece.

Sorrio, e seguimos lado a lado para a entrada do restaurante que, de cara, *me* pareceu ser bem charmoso, o que foi confirmado quando entramos. O clima intimista, à luz de velas, é acolhedor, e o aroma que serpenteia o ar é um escândalo de gostoso.

— Nossa, que cheiro maravilhoso.

— Você vai ver o que é maravilhoso quando provar a comida.

— Não tenho dúvidas.

Mari iria adorar esse lugar. É do jeito que ela gosta, velas, iluminação baixa e comida italiana. Aline, minha nova amiga, também. Por falar nela, não contei meu programa da noite. Não me senti à vontade para me abrir a

esse ponto. Ainda não. Quando eu comentei que tinha planos, ela disse que iria sair com alguns colegas da Vergueiro e fiquei mais aliviada por não precisar enrolar.

Egídio afasta a cadeira para que eu sente e agradeço. Ele senta à minha frente, exalando elegância e imponência, e me estende o cardápio.

— Escolha o que quiser, porém, pela minha experiência, indico o *Espagete ao pesto*, o talharim ao molho de manjerição ou o *fettuccine Alfredo*.

— Uau! Todos parecem deliciosos.

— E são. Acho que posso conseguir que você deguste um pouco de cada. Só um minuto. — Antes que eu tenha a chance de dizer que não precisa, ele já está longe falando com um homem de terno, que imagino ser o gerente.

Meu Deus! Egídio é atencioso, isso não posso negar, mas me incomoda um pouquinho essa sensação de querer sempre manter o controle da situação. Ou será um problema de CEOs? Com Henrique, contudo, eu não fiquei nada incomodada enquanto compartilhávamos momentos íntimos. Pelo contrário, eu adorei cada comando.

Isso não é hora de pensar no *ladrão de beijos*.

Egídio se senta novamente e abre um sorriso antes de dizer:

— Pronto. Serão servidos três pequenos pratos para você experimentar um por um.

— Nossa, não precisava, mas agradeço.

— Sem problemas, Letícia. Assim você compreende melhor o motivo deste ser um dos melhores restaurantes de massa do estado de São Paulo, ouso dizer.

— Com a propaganda que você está fazendo, já estou convencida,

porque com a quantidade de cantinas italianas boas que Sampa tem, deve realmente ser incrível.

— Espere e logo vai tirar sua própria conclusão. — Ele sorri e, olhando para um outro menu, pergunta: — Bebe vinho tinto, morena?

— Bebo sim.

— Ótimo. Vou aproveitar que tem um *Merlot* brasileiro que aprecio bastante. Gosto de valorizar o que é da nossa terra.

— Compartilho do mesmo pensamento. Depois que fiz uma visita ao Vale dos Vinhedos, no Sul do Brasil, voltei com outra percepção. Fiquei encantada com os vinhos brasileiros. Pena que muita gente ainda desconhece isso.

— Exatamente. Conheço bem aquela área e tenho amigos e clientes por lá. Fico satisfeito que pensemos da mesma forma.

Meu acompanhante chama o garçom e faz o pedido da bebida. Sozinhos e com uma vela tremeluzindo entre nós, Egídio me observa, a cabeça levemente inclinada.

— O que há entre você e Henrique?

Involuntariamente ergo as sobrancelhas, surpresa com a abordagem direta.

— Além de ele ser meu chefe? Nada.

— Não é o que parece, Letícia. Sabe, eu e ele somos amigos há mais de 15 anos e nunca tivemos problemas com mulheres, pois sempre soubemos respeitar o que era do outro.

— Não há nada entre nós. O que tivemos foi no réveillon. — Não preciso revelar o que houve em seu escritório quando nos reencontramos. — Eu não sabia que ele era o meu chefe e nem ele sabia que eu seria sua nova coordenadora... Foi uma infeliz coincidência.

— *Infeliz coincidência?* — indaga. Seu olhar parece enxergar por dentro da minha alma, e, por alguma razão, não me sinto bem com isso.

Ele para de falar quando o garçom retorna com a garrafa de vinho e serve duas taças, entregando uma para mim e outra para o meu acompanhante.

— Um brinde — anuncia, um sorriso despontando em seus lábios. — À honestidade!

Brindamos, sorvemos um gole do líquido rubro, um encarando o outro. *O que ele quis dizer com honestidade?*

Inquieta, franzo o meu cenho e retruco:

— Desculpe a ignorância, mas não entendi, Egídio.

Ele sorri, girando a taça sem pausa.

— Eu sou um cara pragmático, sabe. Não consigo ser prolixo e este é um dos motivos que faz, às vezes, eu e Henrique termos nossos atritos. Nada grave, mas ele tem uma certa dificuldade de ser honesto, não comigo ou com outras pessoas, mas consigo mesmo.

Fico ainda mais confusa, sem saber onde ele quer chegar.

— Eu não quero que você pense que sou um amigo *filho da puta* ao expor uma parte de Henrique sem que ele esteja presente, mas só assim vou conseguir fazer com que você compreenda o que estou falando.

Aceno e ele continua:

— Desde que o conheço, ele sempre foi aventureiro. Enquanto eu preferia curtir uma praia tranquila, como a Praia das Astúrias por exemplo, ele queria ir para a Praia do Tombo, pegar onda, sentir a adrenalina correr nas veias. Ele era movido a isso. Fazer sempre algum esporte radical, desbravar trilhas, praticar *wakeboard*, *snowboard*, *kitesurf*... Ele sempre estava na ativa. Com o pai doente, precisou desacelerar. Você já deve saber da história

sobre como virou presidente da Vergueiro Investimentos, a condição que ele impôs.

Assinto e bebo um gole de vinho, assimilando tudo o que Egídio está dividindo comigo.

— Aos poucos, mais e mais responsabilidades foram recaindo em suas costas e, com a morte do velho, Henrique precisou tomar as rédeas da situação. Mesmo sendo “invisível” perante as pessoas de fora da Vergueiro, ele trabalha tanto ou mais que eu, e, apesar de ser o grande benfeitor da empresa, e os louros *são todos* dele, Henrique não abre mão da única coisa que o faz se sentir ele mesmo... sua liberdade. Por este motivo é que ele segue, vamos dizer assim, algumas regras. Isto é o receio de macular o legado do seu pai.

Sinto que uma venda foi retirada dos meus olhos e agora consigo enxergar claramente. Sem a raiva e a incompreensão por não conhecer a verdade por trás da história de Henrique, fica muito mais fácil entender suas motivações, porém uma dúvida continua pairando na minha mente.

— E por que você disse que ele não é honesto consigo mesmo? O que tudo isso tem a ver comigo?

O belo homem sorri, os dentes brancos perfeitamente alinhados, e bebe um pouco de vinho.

— Depois da comida.

Como em um passe de mágica, um banquete é formado. Três pequenos pratos estão à minha frente, uma cesta com torradinhas ao lado e o garçom pergunta se quero queijo ralado nas massas.

— Por favor — peço. — Eu amo parmesão ralado.

O rapaz rala o queijo nos três pratos e agradeço. Em seguida, vai na direção de Egídio, que pediu um espaguete ao pesto, e rala o queijo também.

— A *cara* está ótima — digo, por um momento deixando de lado a pergunta que fiz e que ainda não obtive resposta.

— Sinta o sabor.

Cheguei a salivar só de sentir a fumaça aromática subindo direto para minhas narinas. Pego um garfo e provo primeiro o espaguete.

— Divino! Que delícia de pesto!

— Eu falei.

Depois de experimentar um pouco de cada prato e atestar que são realmente deliciosos, como calmamente, revezando com a bebida que *casou* muito bem com os molhos. Até ouvir a voz de Egídio:

— Sobre o seu questionamento... Assim como Henrique, você tem suas proteções, procura ignorar o que está à sua frente quando não lhe é seguro, então, *tenta* esconder o que realmente sente... Mas não de um cara que é especialista em linguagem corporal.

Fico em silêncio e ele emenda:

— Dê tempo ao tempo, Letícia.



O encontro com Egídio não foi nada como eu esperava. Depois de comermos e bebermos, continuamos conversando, não sobre Henrique ou sobre mim, e sim amenidades.

Descobri que o empresário é sistemático ao extremo e não chama qualquer mulher para sair, que se formou em Administração na PUC/SP, se especializou na Espanha, e, por fim, que o restaurante em que estávamos fazia parte da rede *Meat & Drinks*. Ou seja, ele era sócio do lugar e me fez de boba. Depois dessa informação, caí na risada e entendi como o cara pode ser convincente com seus negócios. Mas não precisou nem se esforçar, pois realmente era tudo muito bom.

Deitada na cama confortável do hotel, não paro de remoer tudo o que Egídio despejou sobre o seu amigo, sobre mim, sem nem me conhecer direito. Não duvidei da sua habilidade de ler expressões e gestos. Eu realmente acredito nisso. Até tentei estudar uma vez, mas não tenho o dom.

Solto um longo suspiro e uma pergunta não para de me perturbar. Uma que eu não tive de coragem de revelar para Egídio. Não sei se por receio de ele ver minha fragilidade ou por não querer saber a resposta.

Será que Henrique continua saindo com Carola?

Capítulo 14



Leticia

Eu e Aline acordamos cedinho e resolvemos malhar novamente. Qual não é a minha surpresa quando encontro Henrique e Carola na academia? Olho para os lados e não vejo Egídio.

Meu chefe dá um passo em minha direção, mas a loira o chama, fazendo com que ele pare e desvie sua atenção para o que ela está falando.

Típico.

Ignorando o casalzinho 20 — que para mim está cada vez mais nítido que não são apenas amigos — sigo para a esteira com Aline ao meu encalço.

— De manhã na academia, juntos? *Humm...* Isso está me cheirando a *pegação* a noite toda... — As palavras de Aline reforçam meus próprios pensamentos.

— Mesmo tempo de ontem? — pergunto, mudando de assunto.

— Isso aí.

Começo a correr e, pelo menos, por um tempinho, minha cabeça não gira em torno de um certo loiro de olhos azuis.



Nem acredito que o treinamento terminou. Minha cabeça está explodindo com tanta informação. Hoje foi mais complexo que ontem. O sistema não é nada simples e demanda muitos detalhes, por isto não economizei nas anotações. Mal tive tempo de almoçar, porque fiquei tirando dúvidas com o palestrante, e só engoli um sanduíche.

Depois que saí da academia, pela manhã, pingando de suor e muito mais leve, só deu tempo de tomar um banho e me arrumar. Vi Egídio de longe, nós nos cumprimentamos à distância, mas não chegamos a conversar. O seu amigo tentou falar comigo novamente, e o evitei a todo custo. Estar concentrada na conferência me ajudou bastante.

Neste momento, os organizadores do evento estão dando os créditos finais e agradecimentos, contudo não é isso que deixa o público alvoroçado e sim o fato de que haverá uma festa de encerramento, às 21h — daqui a três horas —, com um DJ renomado no salão principal.

Uau!

— Que babado, Leti — Aline sussurra, animada.

— Total! Isso é comum acontecer?

— É comum ter alguns comes e bebes, mas não uma festa. Você trouxe sorte, *Megan*.

— Lá vem você com *Megan*. — Mais uma que me achou parecida com a atriz norte-americana.

— Não sei como demorei tanto tempo pra perceber isso... Mas quando você apareceu com esse vestido de manhã, os cabelos soltos, os olhos azuis destacados com rímel e batom vermelho eu só conseguia me lembrar

daquela mulher.

Eu rio e me rendo:

— Tudo bem. Você não é a primeira a me chamar assim — logo me recordo de Henrique e me esforço para não recordar das primeiras palavras que ele me dirigiu quando nos conhecemos, “*Garota Infernal*” —, só não me sinto muito bem com o apelido.

— Sem problemas, Leti. Foi só uma brincadeira.

— Eu sei — rio. — Vamos subir? Preciso começar a me arrumar.

— Eu vou daqui a pouco. Tenho que falar com as meninas primeiro. *Mana*, você perdeu a nossa baladinha ontem. Foi top!

— Imagino! Na próxima eu vou, lá em Sampa.

— Beleza. Até daqui a pouco.

Sigo em direção ao corredor para chamar o elevador. Não espero nem dez segundos e ele chega. Entro e, quando as portas estão quase fechando, um braço se estende para dentro, fazendo as portas abrirem novamente.

— Eu preciso falar com você, Letícia.

Henrique permanece com a mão segurando o elevador, perguntando, em silêncio, se pode me acompanhar, e eu aceno para que ele entre. Meu chefe ajeita o paletó elegante, e finjo indiferença diante de toda a sua beleza e o perfume que preenche o pequeno espaço.

— Estou ouvindo, Henrique.

Ele se vira na minha direção, tomando cuidado para não se aproximar demais.

— Eu sei que você jantou com Egídio — abro a boca e ele me interrompe —, mas não é sobre isso que eu quero falar. Eu gostaria de pedir desculpas pela maneira que venho te tratando desde que você chegou à Vergueiro. Não tenho o costume de parecer tão bruto ou possessivo, mas com

você... — Ele passa as mãos nos cabelos. — ... parece que sou outra pessoa. Não quero te assustar, muito menos tirar a sua liberdade. Você tem o direito de fazer o que quiser, com quem quiser.

Chego no meu andar e as portas se abrem. Dou um passo para segurar o elevador e respondo:

— Henrique, aceito suas desculpas. Entendo que as coisas entre a gente aconteceram da maneira mais estranha possível, porém não quero que nossa relação profissional seja afetada. Como eu já disse, meu sonho era trabalhar na Vergueiro e a minha ideia não mudou, independentemente da nossa situação. Desde que haja respeito mútuo, não teremos mais problemas.

— Concordo. Obrigado por aceitar minhas desculpas.

Ele parece querer falar mais alguma coisa, mas apenas me encara, o olhar intenso voltando ao seu rosto. Cedo demais, diz:

— Até logo.

Saio do elevador e, antes das portas se fecharem, respondo:

— Até logo.

O aperto que sinto em meu peito não é algo que eu já tenha sentido antes. Preciso apoiar minhas costas na parede diante do que acabou de acontecer. Minha parte orgulhosa não queria que ele estivesse no elevador, porém outra parte estava torcendo para que chegasse mais perto, me tocasse, beijasse meus lábios daquele jeito que só ele faz, sussurrasse meu nome com seu timbre grave e a voz autoritária que estremece minhas pernas.

Fecho os olhos diante da intensidade de tudo o que estou sentindo e preciso esfregar a mão no meu peito para afastar o incômodo latente e constante.

O que está acontecendo comigo? Eu nunca fui tão contraditória em toda minha vida. Sempre soube o que queria, o que não queria, mas com

ele...

Mal escuto o barulho do elevador quando vejo o lampejo de alguém saindo correndo. Ainda encostada na parede, pergunto atordoadas:

— O que você está fazendo aqui?

Ele me encontra e o que vejo incendeia todo meu corpo. Henrique está tão desesperado quanto eu, a mesma agonia estampada no rosto.

— Eu não sei, mas não consigo parar de pensar em você, na sua boca, no seu corpo perfeito, no quanto eu queria te ter na minha cama, gemendo meu nome. E, *porra*, eu sei que não deveria estar aqui, muito menos falando uma *merda* dessas depois do que conversamos há pouco... Eu não quero te desrespeitar, Letícia.

— Eu quero a mesma coisa que você, Henrique — confesso, fazendo-o me olhar com fogo nos olhos. Os meus com certeza refletindo os dele.

— Não brinque comigo, *Garota Infernal*.

— Não estou brincando. Não há desrespeito quando duas pessoas querem a mesma coisa, de maneira consentida, de comum acordo. O que eu falei sobre respeito tem a ver com a maneira que tratamos um ao outro, como você me tratou naquele bar. Ali, sim, eu me senti desrespeitada.

— Mil perdões, Leti — ele encosta a testa na minha —, eu não queria ter sido tão impertinente. *Me* senti um pedaço de merda depois daquilo. E quando soube que você foi jantar com Egídio... *Caralho*, eu achei que tivesse ferrado com tudo.

— Não aconteceu nada. Egídio é um ótimo amigo.

— Eu sei. Ele me contou e ainda me *passou um sabão*, acredite em mim.

— Eu acredito. Ele tem todo o jeito de ser bem duro. *Ops*. Rígido. *Aff...* desisto. Tudo o que eu falo está ficando estranho. — Nós dois rimos. —

Você entendeu.

— Sim, eu entendi. — Ele fica mais sério e se afasta, passando os dedos pelos meus cabelos. *Como senti falta disso...* — Eu não sei o que está acontecendo entre a gente, Letícia, porém é algo que não consigo mais ignorar. Imagino que com você seja o mesmo, ou estou errado? Eu sinto que não estou sozinho nisso, mas posso ter *fodido* as coisas...

— Você não está sozinho, Henrique. Eu não consigo ficar indiferente à sua presença.

— Com certeza estamos na mesma, *Garota Infernal*. — Ele solta um longo suspiro. — Eu não sei lidar com esta situação em particular, porque foge ao meu controle, entende? Eu tenho minhas regras, minhas manias, porém estou disposto a desbravar esse território desconhecido. Sou muito bom aluno e, se eu tiver uma professora como você para me ensinar, garanto que vou aprender direitinho.

Como ele pode falar tudo isso de maneira tão tranquila, sensual até?

Meu coração acelera, as pernas vacilam e agradeço por estar encostada na parede. Ele está disposto a tentar. *Por mim*. Na mesma hora, tenho uma ideia que poderá ajudar tanto a ele quanto a mim.

— O que você acha da gente ir devagar? Nós pulamos várias etapas, eu sei, mas podemos tentar nos conhecer melhor, não apenas o sexo que a gente já sabe que é muito gostoso — ele ri —, mas a gente pode desacelerar, ir com calma, sair. Vamos deixar rolar. Só não acho legal misturar o trabalho com essa nossa interação.

— Concordo. Vou me comportar direitinho.

Seus lábios resvalam nos meus e quando vou aprofundar o beijo, ele se afasta, contrariado.

— Droga! Preciso atender. — Nem percebi que seu celular estava

vibrando.

— Claro.

Ele atende e conversa com alguém em inglês. Eu permaneço no mesmo lugar, levemente boquiaberta com o quanto ele fica sexy falando em outra língua. O poder, a imponência, sempre presentes.

Custo a acreditar que este homem está disposto a burlar sua própria regra para ficar comigo. A ficha vai caindo gradativamente e a dúvida que vem me acompanhando reaparece. A hora não poderia ser melhor para fazer a pergunta, mas, quando ele desliga o telefone, meus planos vão por água abaixo.

— Letícia, preciso descer. Deu merda em um fundo e preciso me encontrar com Martins antes que meu cliente enlouqueça.

— Sem problemas, Henrique.

— Nos encontramos na festa? — pergunta, roçando sua boca na minha.

— Sim.

— Ok. Até logo, *linda*.

Sem nem esperar o elevador, ele segue para as escadas de emergência. Realmente o negócio deve ter sido sério.

Volto a pensar em nosso plano de ir devagar. Na teoria, parece perfeito, mas como será na prática? Isso é algo que eu quero ver, por enquanto, vou curtir a sensação boa que estou sentindo e sou incapaz de evitar abrir um sorriso bobo.

Será que meus dias de azar estão contados?



Tomei um tempo maior para me arrumar. É óbvio que o fator Henrique foi crucial. Depois da nossa conversa, totalmente imprevisível, comecei a vislumbrar uma nova perspectiva, um lado da moeda que eu sequer imaginava ser possível.

Lá no fundo eu queria ter a oportunidade de conhecê-lo melhor, mas o orgulho e as circunstâncias cortaram qualquer chance disso acontecer. Agora, tudo é diferente.

Sorrindo, avalio minha imagem diante do espelho. Maquiagem, ok. Cabelo, ok. Vestido arrasador, ok. Saltos fatais, ok.

“Brota no bailão pro desespero do seu ex”.

Caio na risada ao me lembrar da música chiclete que eu não parava de ouvir em Jericoacoara e viralizou no Brasil todo. Se Otávio-Otário estivesse por aqui, encaixaria perfeitamente na letra. Adoraria ver a sua cara de panaca. Idiota!

Não economizei em nada. Deixei os cabelos longos soltos e levemente ondulados. Passei um gloss rosado nos lábios, pois ousei nos olhos. Escureci as pálpebras, tracei uma linha fina de delineador rente aos cílios curvados e volumosos pelo rímel.

O vestido azul-marinho chega até a metade das minhas coxas, as mangas $\frac{3}{4}$ estilo morcego dão um charme a mais à peça, que deixa minhas costas nuas até o cóccix. Para as mangas não ficarem caindo nos ombros, um laço as prende perto do meu pescoço. E a saia, que tem um zíper lateral, é a parte mais justa do vestido. Ele é ousado e elegante ao mesmo tempo. Perfeito para o propósito de uma festa que, bem ou mal, é uma extensão do

trabalho.

Satisfeita, saio do quarto e pego o elevador. Aline me ligou há alguns minutos, e combinamos de nos encontrar no hall. Antes da sua ligação, Henrique enviou uma mensagem para o meu celular. A princípio, fiquei surpresa por ele ter descoberto meu número, depois me lembrei que ele é o meu chefe e deve ter todas as informações que quiser à mão.

Ele disse que está ansioso para me ver, porém precisei dar um choque de realidade em sua animação. Estamos em um ambiente repleto de funcionários da empresa e não podemos dar mais assunto para fofocas que já rolam sem muito esforço, então, combinamos de ir devagar e sem demonstração de intimidade na festa. Relutante, ele concordou comigo.

Desço do elevador e rapidamente encontro Aline, que está linda, com um vestido preto curto e bordado com paetês.

— Cheguei — cumprimento.

— Uau! Se você queria abalar, conseguiu, Leti. Já te falei que você é uma das mulheres mais lindas que conheço?

— Nossa, obrigada, Aline. Fico lisonjeada. Você também está maravilhosa.

Estamos andando em direção ao local da festa, e diversos hóspedes passam por nós, encarando e apreciando nossas roupas — apreciar é educado demais para o modo que nos olham.

— Ah, obrigada. Eu estou de olho em um japa lá da empresa, aí dei uma valorizada no visual.

— Olha ela!

— E você? Algum gato à vista?

Humm... Essa é a hora em que eu sorrio e digo que não, mas minha vontade de compartilhar, nem que seja um pouquinho do que estou sentindo,

é maior.

— Estou de olho, mas nada de mais.

— Aí sim!

Paramos diante da entrada do salão, e, mesmo de portas fechadas, o som de música eletrônica nos alcança.

— Boa sorte na sua noite, Leti — Aline diz, sorridente.

— Desejo em dobro pra você, Aline.

Entramos no ambiente, e sou surpreendida com a decoração do lugar. Jogos de luzes, holofotes, globos brilhosos pendurados no teto. É como uma balada, porém enorme. Para suportar a quantidade de funcionários de diversas empresas, não poderia ser diferente.

Um grupo já está dançando na frente do palco onde o DJ faz as honras, outra parte está sentada em alguns *puffs* espalhados e outra está em pé, bebendo e degustando quitutes de uma ampla mesa disposta com salgados e doces variados.

— Não esperava que fosse tão elaborado — falo junto ao ouvido da minha amiga.

— Nem eu — grita de volta, parecendo procurar algo. — Opa. Encontrei meu alvo!

— O japa?

— Sim. — Ela abre um sorriso malicioso. — Tudo bem se eu te deixar aqui?

— Claro. Vai logo.

Decido pegar uma bebida em um bar disposto no canto esquerdo do salão. Vejo a lista de drinques e peço um Gin Tônica. Enquanto espero a bebida ficar pronta, balanço meu corpo no ritmo da música. Adoro essa *vibe*. Está muito parecida com o repertório do festival de Jericoacoara.

Sinto uma mão em meu ombro e, sorrindo, eu me viro em sua direção. Meu sorriso morre no rosto quando vejo quem é.

— Desculpa, achou que fosse outra pessoa? — questiona. Mesmo com a iluminação reduzida, consigo enxergar um sorriso, porém não consigo identificar se é verdadeiro ou debochado.

— Carol, não é?

Ela sorri, mostrando os dentes perfeitos destacados pela boca vermelha, e diz:

— Carola. Mas acho que você já sabe disso.

É claro que eu sei, contudo algo dentro de mim me fez querer sacanear a loira de alguma forma.

— Está procurando alguém? — pergunto, estranhando sua aproximação repentina.

— Não, eu gostaria de falar com você. — Ergo as sobrancelhas pela surpresa. — Então, Letícia... preciso te alertar. Se eu fosse você não teria tantas esperanças com Henrique.

— Do que você está falando?

— Não precisa fingir comigo. Ele me conta tudo. Nós temos uma relação de *confidência*, digamos assim.

— Acho que você está desatualizada, Carola.

— Não estou, não. Ele me contou sobre a conversa que tiveram mais cedo.

— Aonde você quer chegar?

— Só estou dizendo que Henrique não vai abrir mão de sua principal regra. Isso o mantém no controle e o conheço muito bem para saber que não seria saudável pra ele. Ele é um homem lindo, você é uma mulher bonita, mas te garanto que ele não está preparado para oferecer mais do que um bom

sexo.

— *Gin Tônica* — um rapaz grita, anunciando que meu drinque está pronto.

Pisco duas vezes para sair do meu estupor e, ignorando a loira ao meu lado, pego a bebida.

— Obrigada — agradeço o *bartender*.

Virando-me para Carola, não tenho tempo de retrucar quando ela diz:

— Bem, eu só queria te alertar, porque já estive do seu lado. Tenha uma ótima festa.

E sai, sem nem olhar para trás, perdendo-se no meio do amontoado de gente que lotou o ambiente de uma hora para outra.

O que acabou de acontecer? Ao mesmo tempo em que Carola parecia estar sendo sincera, não posso evitar de pensar que ela pode estar jogando. Será que estou sendo egoísta ao querer que Henrique burle sua própria regra?

Bebo meu drinque em tempo recorde e deixo a taça vazia no balcão. Caminho desviando das pessoas dançando, deixando o álcool trazer seu efeito relaxante ao meu corpo. Forço-me a esquecer da conversa com Carola e acompanho o ritmo da música.

Alguns caras chegam perto, querendo dançar, e eu apenas sorrio educadamente, seguindo em frente. Depois de passar por muitas pessoas, todas aproveitando ao seu próprio modo, encontro um grupinho conhecido. Martins, Pedro Vergueiro, Egídio, Carola e Henrique. Eles estão em uma rodinha, bebendo e rindo entre si. Por um momento, não sei o que fazer. *Me aproximo ou me afasto? Porém é tarde demais.*

Egídio me vê à distância e vem ao meu encontro. Diante do som alto, sussurra ao meu ouvido:

— Morena, você está belíssima. Está perdida?

— Não. Estou me divertindo.

— Fique conosco.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Do que você tem receio?

Avisto Henrique que está paralisado, sem piscar, olhando diretamente para mim. Uma mão segura um copo com uísque e a outra está dentro do bolso da calça de sarja preta. A camisa de botões, igualmente preta, abraça todos os seus músculos, deixando-o ainda mais imponente e gostoso. Sem óculos, o rosto forte e anguloso está livre para ser apreciado em sua plenitude. Sua boca se contrai em um sorriso de lado, *me* capturando. Respiro fundo e olho para Egídio.

— Eu não sei. Só não quero me magoar. Dá pra entender?

— Eu entendo, Letícia. É só não criar expectativas. Apenas curta a noite.

Sorrindo francamente, respondo:

— Obrigada por entender minhas doideiras, Egídio.

— Posso ser novo, mas tenho experiência, querida. Venha! Vamos nos divertir um pouco.

Eu o acompanho e, mais leve, jogo minhas preocupações para o lado.

— Encontrei uma sereia — Egídio anuncia um tom acima para se fazer ouvir quando chegamos à rodinha.

— Estava me perguntando se você já tinha chegado, Mazzi — Martins comenta ao me cumprimentar. — Como essa mulher consegue ficar ainda mais bonita? — ele pergunta para ninguém em específico. — Com todo respeito.

— Obrigada, Martins — agradeço, abrindo um sorriso sincero.

Falo com Pedro e ele me dá um beijo na bochecha. Carola não indica que já me viu anteriormente, então, eu a cumprimento também, se ela quer fingir, eu também vou. Chega a vez de Henrique, que ainda não abriu a boca.

— Olá — murmuro ao ficar do seu lado.

Com os olhos azuis focados em mim, subindo e descendo por todo meu corpo, sinto um arrepio percorrer minha coluna e meus mamilos endurecem sob o vestido no mesmo instante. O contato com o tecido causa um atrito prazeroso que resulta em uma pontada entre minhas pernas. É como se eu esquecesse todo o resto e houvesse apenas eu e ele.

Solto um longo suspiro.

Isso tudo com apenas um olhar. O que esse homem faz comigo não dá para explicar. *Será que realmente ele só quer o meu corpo? Uma aventura sexual?* As palavras de Carola vêm e vão na mesma velocidade.

Ele se aproxima do meu ouvido, sua boca roçando em minha orelha.

— Como você quer que eu vá devagar? Se você continuar com esses mamilos durinhos apontados pra mim, não vou conseguir me segurar.

— O que eu posso fazer se você me provocou? — instigo, esquecendo-me, por alguns segundos, das palavras da loira.

— E você fica assim só com um olhar? *Porra!* — exclama e passa a mão nos cabelos. — Você está maravilhosa, Letícia. A situação piora, pois já *provei* o seu sabor e sei o quanto é gostosa. Só olhar é pouco...

— Vai ter que aguentar, Henrique.

Como se não aguentasse ficar sem me tocar, ele desliza seus dedos pelas minhas costas nuas, discretamente, ignorando o restante das pessoas ao nosso redor. Involuntariamente, meu corpo reage, arqueando-se e eriçando-se por inteiro.

Mais uma vez seus lábios resvalam em minha orelha, contudo, desta

vez, seus dentes mordem o lóbulo. Agradeço pela música estar alta o suficiente para cobrir meu suspiro trêmulo.

— Tão *facinha*. Imagino como deve estar molhadinha. Gostosa pra *caralho*. Minha vontade é tirar esse vestidinho de uma vez. Sua bunda toda redondinha parece que está me chamando, e essas costas lindas... *Essa* roupinha está me instigando demais, *Garota Infernal*. Aliás, tudo o que seu corpo delicioso veste fica uma tentação. Não tem um *puto* que não te olhe...

— Acho melhor a gente tomar cuidado com a nossa proximidade. Não podemos dar margem pra *bafafá*. Você sabe como as fofocas correm na Vergueiro.

— Como sempre, sensata. Preciso me acostumar com isso. Com essa vontade de querer te agarrar a todo instante. Eu me sinto um homem das cavernas, mas vou me segurar.

Meu Deus! *Será que Henrique está sendo sincero?*

Eu preciso conversar com ele, de verdade, depois desta noite. Não aguento mais ficar na dúvida do “será”, sentindo uma insegurança que nunca senti, um aperto no peito que não passa.

Como se o Universo estivesse rindo da minha situação, uma música que conheço muito bem, e amo, começa a tocar. Nós nos olhamos, um sorrindo para o outro, cúmplices de um momento só nosso, uma lembrança de quando *tudo* começou.

*“Se você quiser eu vou te dar um amor desses de cinema
Não vai te faltar carinho, plano ou assunto ao longo do dia...”*

— Não acredito — comento e o meu chefe volta a ser o *ladrão de beijos* da noite da virada, sorrindo maliciosamente ao ouvir a versão

remixada de “Ai, Ai, Ai”, da *Vanessa Da Mata*.

A mesma que dancei no festival em Jericoacoara, quando ele me viu pela primeira vez, a mesma que tocou no quarto do hotel enquanto eu abria um...

Nem termino meu pensamento quando a voz de Henrique se eleva, na direção do restante da nossa rodinha:

— Vou pedir um espumante.

Arregalo meus olhos com a coincidência. É óbvio que ele lembraria.

— Eu topo — Carola se pronuncia. — Você sabe que eu amo espumante.

Mal ela sabe que eu também.

— Ah, mas a Letícia também — Henrique parece ler minha mente. — Ela abre um espumante com uma maestria que eu nunca vi igual.

Minha nossa! Eu não posso crer que ele disse isso. Dou um beliscão no seu braço, sem que ninguém veja, e ele apenas ri. Desse jeito ele parece mais novo, sem a seriedade que precisa sustentar o tempo todo.

— Às vezes eu esqueço que vocês já se conheciam — Carola se manifesta, interrompendo minha análise, e eu sorrio, querendo perguntar: *é mesmo?*, mas fico quieta.

Meu chefe faz o pedido para o garçom e se vira para mim, curvando os lábios desenhados para cima.

— Você é maluco — declaro.

— Isso é culpa sua.

— Minha?

— É claro. Toda linda e gostosa do meu lado e eu não posso nem me deliciar como gostaria.

— Henrique, eu preciso te perguntar uma coisa — desfaço a

expressão divertida e o encaro.

— Pergunte, Letícia.

Antes que eu consiga ir direto ao ponto, um indivíduo se interpõe entre nós, impedindo que eu continue.

É Carola.

— Henry, você me prometeu uma dança. Eu amo essa música.

Henry? Aff.

— Mas precisa ser agora? — ele pergunta, olhando-me de esguelha, como se pedisse desculpa pela interrupção.

— É só umazinha! — a loira insiste.

Eu reviro os olhos diante da falta de noção da mulher, mas fico boquiaberta quando ouço a resposta dele.

— Só essa.

É sério, isso? Ele vai me deixar aqui no meio da nossa conversa? Da nossa música?

— Aí sim, Henry! — Carola vibra e pega a mão do meu chefe.

— Já volto, tudo bem? — ele fala ao ser arrastado por Carola. — Eu realmente prometi.

— Vai lá. — É o que me digno a dizer.

O espumante chega e peço para o garçom me servir. Bebo de uma vez e volto a pedir que abasteça minha taça.

— Mau humor?

Egídio e sua habilidade certa. *Eu demonstro tanto assim?*

— É incrível como seu amigo é *solícito*.

— Ele só não enxerga certas coisas.

— Acho que você deveria ajudá-lo então.

Egídio ri e me observa, fazendo com que eu tire meus olhos da pista de dança.

— Apontar os erros dos outros é muito mais fácil do que ver os nossos. Assim acontece com as escolhas. A gente sempre tende a julgar uma pessoa por ter feito “x” escolha, mas não estamos na pele dela, não sabemos o que está pensando... É complexo.

— Você é chato, Egídio. É racional e coerente demais pro meu gosto.

Ele gargalha ao meu lado e é impossível não rir também. Volto a olhar para a pista de dança e a primeira reação é franzir o cenho com a proximidade de Carola. A mulher está quase se esfregando em Henrique, dançando de maneira excessivamente chamativa, o vestido preto, colado, subindo pelas coxas torneadas. De repente, as mãos da loira espalmam o peitoral do meu chefe de uma maneira íntima demais, cravando suas unhas vermelhas na camisa, puxando-o para mais perto...

— Letícia — a voz de Egídio é a única coisa que consigo ouvir.

— Me tira daqui — sussurro, anestesiada.

Capítulo 15



Henrique

— Que *porra* é essa, Carola? — pergunto ofegante ao desgrudar sua boca da minha, dando dois passos para trás.

— O que foi, Henry? A gente se beijou, oras. Rolou — ela diz, na maior naturalidade.

— Rolou? Vai *meter* de louca pra cima de mim?

— Ah, Henry. Pode perguntar pra qualquer pessoa aqui. Aposto que tivemos testemunhas. Eu não te forcei a nada!

Puta que pariu!

Fecho os olhos.

Letícia!

Olho para a loira e respiro fundo em busca de controle. Minha voz sai irreconhecível quando digo em seu ouvido:

— Depois a gente vai conversar, porque agora preciso fazer algo mais importante.

— Vai atrás *dela*? — ela tem a audácia de perguntar.

Não perco meu tempo e saio apressado da pista de dança. Esbarro em algumas pessoas, mas não consigo conter a minha ansiedade.

Como isso foi acontecer? Como *eu* deixei isso acontecer?

Caralho!

Eu fui dançar com a Carola na maior inocência, com a certeza de que queria curtir como minha amiga e não enxerguei o que ela *realmente* queria. Mesmo sendo avisado, eu não quis acreditar.

Eu *fodi* com tudo. Logo agora que as coisas estavam começando a dar certo.

— Onde ela está? — pergunto para Martins, e, pela sua expressão, ele viu o que aconteceu.

— Saiu com Egídio.

Giro meu corpo, mas a mão de Alfredo segura meu braço.

— Acho melhor você pensar direitinho antes de fazer qualquer estupidez de cabeça quente, Henrique.

— Eu não sou idiota, Fred.

— Não é o que parece.

Eu mereci o soco verbal.

Fecho o punho e o levo até minha boca, sem saber como reagir, por onde começar sem que eu me afunde ainda mais na *merda* em que me meti.

— Eu vou resolver isso.

Pego meu celular e caminho para fora do salão. Assim que fecho a porta atrás de mim, ligo para Letícia, chama, mas cai direto na caixa de

mensagem. Tento outra vez. Nada. Então, resolvo ligar para a única pessoa que pode me ajudar no momento.

— Não acho que seja uma boa hora — sua voz está baixa e abafada, como se estivesse se escondendo para falar.

— *Porra*, eu preciso falar com ela, Egídio.

Ouçoo o barulho de uma porta batendo, que imagino ser do seu carro, e ele fala com mais clareza, porém não menos indignado:

— Não agora. *Caralho*, Henrique, eu te avisei que aquela maluca estava querendo mais do que você estava enxergando.

Entredentes, digo:

— Egi, eu não imaginei que Carola poderia ser tão ardilosa. Ela não me deu motivos para desconfiar de suas intenções até hoje.

— Eu não vou te condenar, Henrique. Sei que você não tinha intenção de fazer aquilo, pois te conheço, só que Letícia é outro caso.

— Onde vocês estão?

— Eu a trouxe para pegar um ar aqui na praia. Ela é osso duro, orgulhosa, mas está visivelmente magoada.

Meu peito se aperta e eu estranho a sensação inédita. Eu não tinha noção do quanto Letícia estava entranhada em mim.

— Diga pra ela que eu nunca faria algo pra magoá-la, por favor. Eu... Eu não sei o que estou sentindo, Egídio, não consigo pensar direito. Essa mulher mexe comigo de uma maneira inexplicável.

— Eu sei, caro amigo. Eu sei. E se te ajuda, ela não estaria tão magoada se não sentisse a mesma coisa. Dê tempo ao tempo.

Fico em silêncio, relembrando algumas horas antes, quando eu a encontrei e disse que me esforçaria para fazer dar certo entre nós. Na primeira prova, fui reprovado.

— Cuide dela, Egídio — peço e quase não reconheço o desânimo em minha voz. A derrota por não conseguir gerenciar um problema que *eu* ocasionei, como estou acostumado resolver em minha empresa.

— Pode deixar. Ela me pediu uma carona para São Paulo, já que pretendo viajar de manhã bem cedo, e não pude recusar.

Corro meus olhos pelo teto do hotel e, após um longo suspiro, respondo:

— Eu confio em você. Obrigado, meu amigo.

— Eu sei que você faria o mesmo por mim. Até breve.

Desligo o telefone e volto para a festa com um objetivo em mente.

O lugar parece estar ainda mais cheio, as pessoas mais soltas, dançando, divertindo-se e eu vou passando até chegar onde estava anteriormente. Meu tio e Martins estão no mesmo lugar, com a diferença de que estão cheios de cerveja na cabeça.

— Voltou! — Alfredo exclama alto o bastante para mais gente virar em nossa direção.

— Vocês viram a Carola por aí?

— Ela estava dançando aqui perto até minutos atrás. Parecia uma maluca rindo sozinha — meu tio informa.

No mínimo está bebendo todas. Estou sem condições de conversar com uma pessoa bêbada. Pelo visto terei que deixar para amanhã.

— Vo-você v-voltou, *Henryyy*!

Preciso de todo meu autocontrole para virar em direção à voz claramente afetada pelo álcool. Tomo um baque quando vejo Carola tão bêbada que não consegue nem ficar parada, balançando-se de um lado para o outro. O riso descontrolado, a visão desfocada e com uma taça de espumante que está quase caindo da sua mão.

Ela pode ter armado para cima de mim, mas não desejo ver mulher nenhuma assim. Com relutância e sob xingamentos, coloco a taça em uma mesa e a pego nos braços, chamando o mínimo de atenção possível.

— Vou levá-la para o quarto — aviso a Martins.

— E-eu quero ficar a-aquiiii — Carola balbucia.

— Cuidado pra não ficar por lá, hein. — Alfredo ri, e eu reviro meus olhos, sem paciência.

— Você acha mesmo que eu faria alguma coisa com uma mulher neste estado?

— Estou brincando, Henrique. — Ele fica sério, percebendo que não estou para brincadeira.

— De lá vou para o meu quarto. Pra mim já deu.

— E Letícia?

— Depois conversamos melhor. Até amanhã, Pedro.

Meu tio acena a cabeça, e saio da festa em direção ao quarto de Carola que já está apagada em meus braços. Vasculho sua bolsa de mão e pego o cartão de acesso. Chego ao 4º andar e abro a porta.

Mais cedo estive aqui para contar à Carola sobre minha conversa com Letícia, quando eu achava que a loira era minha amiga. Mal sabia que ela usaria aquela informação para fazer seu joguinho sujo.

Que merda de noite.

Coloco-a na cama e no mesmo instante ela desperta, ainda zonza, agarrando meus bíceps.

— Henryyy...

— Shhhh. Durma, Carola.

— Fica comigo, por... por favor.

— Vai descansar.

— Eu teee amoo, Henry. Sem-sempre te amei — sua fala sai arrastada. — *Me per-perdoaaaaa*. Você é m-meu, s-sabe d-disso!

— Amanhã a gente conversa.

— Vo-você vai fi-ficar c-com *aquelazinhaaaa*?

Dizem que uma pessoa bêbada consegue ser mais sincera do que quando está sóbria, e a raiva de Carola me enoja. Chego perto do seu ouvido e sussurro:

— Durma, Carola. Espero que se lembre do que vou dizer: o que você fez hoje acabou com a admiração que eu tinha por você. Foi feio, cruel e imaturo. Uma mulher não precisa pisar em cima de outra pra chamar atenção. Eu não sou seu e nunca serei. Boa noite.

Tirando delicadamente suas mãos de mim, ergo meu corpo, ajusto minha camisa e saio do quarto, sem deixar de pensar, nem por um minuto, em como fazer Letícia entender que não existe outra mulher na minha vida que eu queira mais do que ela.



Enquanto dirigia de volta para São Paulo, tive tempo para colocar minha cabeça no lugar. Tudo na minha vida sempre foi planejado e estudado, porém quando o assunto é Letícia, sou precipitado, impulsivo, possessivo. Finalmente consegui entender que isso tem acontecido, porque é algo que não está sob o meu controle, como os problemas que resolvo na empresa.

Eu nunca precisei me preocupar com os sentimentos de outra pessoa, vivia na cortição e no sexo casual. Não sabia o que era sentir o coração acelerar só de ver uma mulher, e a *Garota Infernal* chegou para me mostrar que nem tudo se baseia em ter poder ou domínio sobre as coisas. Elas acontecem sem que estejamos preparados, apenas para dizer que, muito além das coincidências, tudo tem um propósito. Ou destino...

*Porra, nem acredito que estou filosofando sobre propósito, destino...
O que essa mulher fez comigo?*

Volto a andar em círculos pelo meu escritório e olho para o relógio de cinco em cinco minutos. Por conta da conferência no final de semana, decidi liberar os funcionários na parte da manhã e eles entrarão a partir das 14h na empresa. Eu não consigo conter a expectativa de saber como ela está e de como vai reagir quando me ver. Ansiedade não é algo com que estou acostumado a lidar, mas, pelo visto, o efeito Letícia está me trazendo diversos sentimentos inéditos.

Balanço a cabeça, rindo da minha situação caótica em meio ao meu mundo centrado e organizado.

Vejo se há alguma mensagem que me interesse no celular, porém como das outras cinquenta vezes que consultei, não há nada a não ser

trabalho. Nem de Egídio, muito menos de Letícia.

Passo as mãos no rosto e as espalmo no janelão à minha frente, curvando meu corpo, enquanto continuo refletindo. Ouço o som do elevador indicando que alguém chegou e estranho que não anunciaram sua subida. Imediatamente me viro, o peito acelerado com uma esperança incontida, mas meu semblante cai ao tomar conhecimento da visitante inesperada.

— Não esperava te ver tão cedo — digo, voltando a observar a avenida e seu trânsito intenso.

— Eu queria conversar com você.

— Estou ouvindo.

— Henry...

— Por favor, não me chame de Henry. — Giro meu corpo e encontro seu olhar ressentido. — O apelido era reservado para uma amiga. Uma amiga que não existe mais. Ou melhor, nunca existiu.

— Você não era apenas um amigo para mim. Não tenho vergonha de dizer isso.

— Eu nunca te dei motivos para pensar em algo mais, Carola. Eu conversava com você como uma parceira, abri a minha vida, contei sobre Letícia. Você usou essas informações para me prejudicar. Para machucar uma pessoa com quem *eu* me importo.

— E eu, Henrique? O que você acha que eu senti quando você disse que daria uma chance para a Letícia? Eu sempre estive do seu lado, não ela. Eu que merecia receber esta chance!

— Eu não escolhi gostar de Letícia, Carola. Aconteceu! — falo pausadamente, tentando fazê-la entender de alguma forma. — Você, mais do que ninguém, sabe como eu sempre fugi de relacionamentos, mas com ela é diferente. Vai além de uma aventura.

Carola parece sentir dor pelas minhas palavras e como não diz nada, pergunto:

— E o seu namorado? Ou era mais uma mentira?

— Eu namorei sim, mas terminei há um mês. Eu tentei seguir em frente, mas ele sabia que meu coração pertencia a outra pessoa, e decidimos não forçar.

— Isso é loucura! Você é uma mulher bonita, inteligente, pode ter o homem que quiser, não precisa se rebaixar...

— Mas eu quero você! — ela grita. — É você que eu amo, é você que eu sempre quis!

Fecho os olhos e esfrego meus dedos na testa para tentar aplacar a dor de cabeça que me atingiu de repente. Em um sussurro, digo:

— Eu não posso te dar o que você quer. Consegue entender isso? Eu não quero te magoar, mas não podemos continuar trabalhando juntos se você não compreender esta questão.

— O que você quer dizer? Vai me dispensar? *Me* descartar como um lixo?

— Para de drama, Carola. Não é nada disso. Você é uma das melhores diretoras que tenho, só não trabalharíamos diretamente.

— Eu não acredito que você está disposto a abrir mão de *mim* por causa daquela garota.

— Não tem nada a ver com ela. Estou fazendo isso por *você*. Porque não quero, inconscientemente, *te* dar falsas esperanças, e você merece mais do que colher minhas migalhas, Carola. Você merece alguém que te ame incondicionalmente e esta pessoa não sou eu. Não tem como ser eu, porque meu coração só tem espaço para uma mulher.

Confessar isso é como abrir meus olhos. Como se meus pulmões

pudessem respirar sem dificuldade e o ar corresse livremente. Como se eu pudesse escutar cada batida dentro do meu peito.

Put a que pariu. Estou mais *fodido* do que poderia imaginar.

— Então, você a ama? — a loira pergunta tão baixo que, se não estivéssemos sozinhos, em uma sala com uma acústica exemplar, eu não teria escutado.

— Se isto se chama amor eu não sei, afinal sou uma novato nesse ramo, mas eu a quero como nunca quis uma mulher e estou disposto a fazer o que estiver em minhas mãos para que ela saiba disso.

Capítulo 16



Leticia

Não consigo afastar aquela imagem.

A sensação de impotência.

A mesma que senti quando encontrei meu ex-namorado com outra mulher, mas em um nível dez vezes maior.

Maior porque descobri que eu não sentia por Otávio metade do que eu sinto por Henrique.

Ver sua boca grudada na de Carola, logo depois de dizer que abriria mão da sua regra para ficar comigo, depois de relembrarmos nossa primeira noite, o episódio do espumante, a música que marcou nosso encontro... Eu não desejo para ninguém o que eu passei. Foi um tombo dos feios.

O azar levou pontos em disparada. É até humilhante sequer cogitar fazer um placar na minha atual conjuntura.

Eu não pensei que estava tão ligada em Henrique, mas depois de

chorar no ombro de Egídio — e lá se foi minha dignidade —, eu não pude continuar fingindo indiferença.

Doeu.

Doeu *pra caralho*.

Acho que eu nunca vou entender por que ele fez aquilo. E ainda teve a cara de pau de me ligar. Idiota!

Saio do elevador e respiro fundo para enfrentar o trabalho, a única coisa que me importa neste momento. Pensei bastante se viria para a Vergueiro hoje, mas resolvi não deixar assuntos pessoais me influenciarem. Agora consigo entender certos tipos de regras. A gente acaba confundindo, mesmo achando que não vai acontecer, que somos maduros etc. e tal, mas não é bem assim.

Estou relativamente descansada. Cheguei cedo à minha casa e apaguei até o horário de vir para cá. Egídio me trouxe do Guarujá, como combinamos, e conversamos trivialidades durante todo o trajeto, pelo que agradei internamente. Ele tem se mostrado um homem incrível, cuidadoso, maduro. E o melhor, em nenhum momento quis se aproveitar da minha fragilidade ou demonstrou segundas intenções. Acredito que seja pela fidelidade ao seu amigo, mais uma qualidade que admiro.

Tenho certeza de que foi Henrique quem ligou para Egídio quando estávamos com o carro estacionado de frente para a praia. Ele saiu para atender, estava falando baixo, ficou um tempinho conversando e, quando voltou, deu um sorriso cúmplice, antes de perguntar se eu queria tomar um sorvete — alimento reconhecido mundialmente por acalentar os corações partidos. É claro que aceitei. Às duas da manhã voltamos para o hotel e fomos descansar, cada um em seu devido quarto, para pegar a estrada algumas horas depois.

Aline tem me enviado mensagens perguntando se estou bem, pois não me viu durante toda a festa, assim como no ônibus de volta para Sampa. Logo mais quero me encontrar com ela para explicar o que aconteceu, não a verdade verdadeira, mas por cima, apenas para tranquilizá-la.

Estou aérea quando ouço meu nome.

— Você está com a cabeça aonde, Letícia? — Rafaela pergunta e me dá um sorriso.

— Ah! Oi, Rafa. Desculpa — cumprimento e sorrio fracamente.

— Sem problemas. Como foi o treinamento?

— Foi ótimo — digo sincera, porque o treinamento em si foi ótimo. Não preciso entrar em detalhes.

— Que bom! Estou ansiosa para pegar o que vocês aprenderam.

— Martins já chegou? — pergunto, mudando de assunto.

— Sim, está em uma reunião com o *Ghost*.

— Humm... — *Ele* já está por aqui.

— Eu estava te esperando, na verdade — ela diz, meio sem jeito. — Podemos ir lá fora rapidinho? Acho que vai ser melhor.

Estranho seu modo de agir e franzo minha testa.

— Aconteceu alguma coisa?

— É melhor irmos lá fora.

— Tudo bem.

Seguimos para o elevador, descemos e, assim que chegamos à calçada do prédio, ela me puxa para um canto.

— Leti, eu te conheço há pouco tempo, mas sei que é uma boa pessoa, uma mulher inteligente, competente, linda também, é claro que vai atrair os olhares de todos os...

— Rafa, o que está acontecendo? Vá direto ao ponto! — peço, nervosa com as voltas que ela está dando.

— Espalharam em toda a empresa que você e o *Ghost* já se conheciam e que você só entrou na Vergueiro porque...

Ela nem precisa terminar a frase, pois compreendo tudo. Apoio minhas costas em uma das janelas da entrada do imponente prédio e fecho meus olhos, buscando controlar minha respiração.

Só pode ser uma brincadeira de muito mau gosto. *Por que tudo precisa ser tão complicado na minha vida?*

— Você, por acaso, tem ideia de quem espalhou isso? — pergunto, abrindo meus olhos devagar.

— Não posso dizer com certeza, mas tenho minhas suspeitas.

Ela não diz de uma vez e não a pressiono. Estou fervilhando por dentro. *Quem mais poderia saber de uma informação como essa?* Henrique não contaria para qualquer pessoa.

— Acho que pode ter sido Carola — ela joga.

Prendo o fôlego e mordo meu lábio inferior com o impacto da informação. Aos poucos vou soltando o ar dos meus pulmões.

Por que aquela mulher faria uma coisa dessas? Carola já não tinha conseguido o que queria? Para quê expor não só a mim, mas o Henrique, deixando no ar uma dúvida de que a empresa não contrata apenas funcionários competentes, mas também quem possui alguma relação com a chefia.

A não ser que...

Não, não é possível. Eu os vi juntos.

Mas e se...

Meus pensamentos estão embaralhados. Não consigo formar minhas

próprias ideias.

Foco! Preciso de foco.

— Por que você acha isso? — pergunto.

— Primeiro eu estranhei ela aparecer cedo na empresa, porque sei que ela foi para o Guarujá com vocês e deveria chegar mais tarde. Segundo, a não ser que haja alguma reunião importante, ela nunca desce para o nosso andar e hoje estava não só rodeada pelas minhas colegas, como jogando conversa fora. Outra coisa muito estranha. Em todo tempo em que estou aqui, nunca a vi conversando com alguém que não fosse da Diretoria.

Que merda! A Vergueiro pode ser uma ótima empresa, mas não está imune a pessoas *filhas da puta*. Ou seja, em todo lugar, não importa quão bom ele seja, tem gente ruim.

Tento reunir todas as informações que Rafaela me deu e só encontro uma solução.

— Obrigada por me falar, Rafa. Você não sabe como me ajudou. Sinto que te devo uma explicação...

— Não precisa me falar nada, Letícia — ela interrompe. — Vocês são adultos, fazem o que quiserem. Essas pessoas é que são mal-amadas e se sentem incomodadas com a felicidade alheia. O mais importante é que eu acredito no seu potencial e sei que você não precisa de homem nenhum para conseguir seus objetivos.

Eu a abraço forte. Mesmo sem termos um vínculo de amizade profundo, sua consideração comigo ganhou meu coração.

— Muito obrigada, Rafa. Eu nunca vou me esquecer disso. Agora, preciso lidar com a situação de cabeça erguida.

— Não faça nada impensado, Leti. Isso tudo é pra você perder a razão e abaixar a cabeça. Eu reconheço o olhar de gente invejosa de longe.

— Pode ficar tranquila. Eu não sou de dar barraco. Costumo arrancar o mal pela raiz — digo e pisco para ela. — Vamos antes que alguém sinta a sua falta.

Pegamos um dos elevadores e, quando chegamos ao 30º andar, ela desce, mas eu não.

— Eu já volto — anuncio e ela parece confusa.

— O que você vai fazer?

— Como eu disse, eu costumo arrancar o mal pela raiz e é isso que vou fazer.

Aperto o 40 e sorrio para ela que, pela expressão em seu rosto, já começou a juntar os pontos. As portas de aço se fecham e meu divertimento se esvai. A adrenalina percorre meu corpo, impedindo-me de cair a qualquer instante. Minhas mãos estão molhadas de suor, meu coração está acelerado e não paro de bater o pé no chão, nervosa ao extremo.

Pensei em ligar para a Mari antes, a fim de contar tudo o que está acontecendo comigo. Ela tem o dom de me acalmar e de me fazer rir, mas não é o momento. Depois envio uma mensagem dizendo que, quando sair da Vergueiro, vou à sua casa, aí sim conversaremos direito. Preciso da minha melhor amiga.

Enquanto não resolvo este problema, tenho que concentrar todas as minhas energias para encontrar uma solução. Isso é coisa séria. Não é uma fofquinha de escola. Pode acabar com a vida de uma pessoa. Uma carreira de anos pode ser queimada em segundos.

Será mesmo que Carola está por trás disso? O que ela ganharia fazendo essa maldade?

Finalmente o elevador para e as portas se abrem. Sei que ninguém deve subir sem ser anunciado, mas não tenho tempo, nem cabeça, para

cumprir as regras agora.

Escuto o barulho de passos se aproximando e, remexendo as mãos, permaneço parada. Minha boca está seca e, de repente, sinto um peso enorme em meu peito. Uma lágrima desliza pelo meu rosto, depois outra, escapando do escudo que estou tentando manter, no exato momento em que Henrique aparece.

Com a visão embaçada, eu o vejo correr em minha direção e, antes que eu caia no chão, braços fortes me seguram.

— Letícia! O que aconteceu?

Não consigo falar. É como se um nó estivesse em minha garganta, impedindo minha capacidade de emitir qualquer som a não ser um gemido assim que começo a chorar copiosamente.

Eu não esperava que isso fosse acontecer. É como se, ao ver Henrique, meu corpo entendesse que pode relaxar e extirpar a adrenalina que vem me envolvendo desde ontem à noite. Uma pane total.

Nunca passei por isso. Não sou frágil, muito menos instável, mas a carga emocional de saber que estão falando de mim por toda a empresa, julgando, espalhando mentiras, é pesada demais.

Carregando-me sem dificuldade ele me leva até o sofá e senta primeiro, fazendo com que eu fique em seu colo. Com um cuidado excepcional, Henrique tira os cabelos grudados do meu rosto molhado e me olha ternamente. Uma série de perguntas parece dançar em seus olhos azuis e, aos poucos, vou me recompondo.

— Quer que eu te leve para o hospital?

Faço que não.

Respiro fundo e fecho os olhos. Voltando a ter o controle do meu corpo, sento, porém continuo em seu colo. Suas mãos apertam a minha

cintura, um claro sinal de que está disposto a me ajudar caso haja uma recaída.

— Eu vim te contar uma coisa — digo depois de um tempo, com a voz rouca.

— O quê? Pode me falar, Letícia. É sobre ontem? Eu tenho que te explicar...

Coloco dois dedos em sua boca e balanço a cabeça.

— Não. Não é sobre ontem, Henrique.

A lembrança me faz querer afastar o seu corpo, mas ele me agarra.

— Eu não vou te deixar sair daqui. Você me assustou pra *caralho*, então, nem pense em se soltar de mim. Agora me fala o que você veio contar. Estou louco pra saber o que te deixou nesse estado.

É incrível que, mesmo frágil e magoada, seu jeito autoritário continua me afetando.

Sem forças para retrucar, pergunto:

— Você ficou sabendo de alguma fofoca?

— Todo dia surge alguma coisa, mas hoje ainda não fiquei sabendo. Por quê? O que foi dessa vez?

Suspiro, ajeitando-me em seu colo, e me viro para ele, seu rosto a centímetros do meu.

— Cheguei há pouco e uma colega me chamou antes que eu entrasse na minha sala. Ela me disse que espalharam... que eu e você nos conhecíamos antes de eu começar a trabalhar aqui e só fui aceita no cargo, porque transei com o chefe.

A cor do seu rosto sumiu. O aperto em minha cintura afrouxou. Sua expressão mudou completamente.

— *Filha da mãe!* — sibila baixinho, porém escuto nitidamente e não

posso ignorar o fato de que ele já tem sua suspeita.

Filha...

Em um rompante, Henrique me tira do seu colo, levanta e coloca os óculos no braço do sofá. Passando as mãos pelos cabelos, transtornado, ele murmura mais para si do que para mim:

— *Putá que pariu.* Não acredito que ela fez isso...

Rindo sem um pinga de graça, ele caminha para dentro do seu escritório e, curiosa, levanto-me para acompanhá-lo. Ainda estou fraca, e a tontura me pega de jeito, mas não vou ficar para trás. Eu preciso saber o que ele vai fazer.

Chego perto de sua mesa e ele está ao telefone, fazendo o possível para permanecer calmo.

— Martins? Você já ficou... Era isso o que eu queria saber. Então chegou até você. Sim, eu imagino de onde partiu. Sim, ela esteve aqui mais cedo. — Sua linguagem corporal vai mudando gradativamente. De tranquilo foi para impaciente em segundos. — *Porra*, não me vem com essa! Eu nunca imaginei que ela fosse se rebaixar tanto. Sim, tome as medidas cabíveis daí que eu tomo daqui. Está autorizado.

Meu chefe desliga o telefone e apoia a cabeça nas mãos.

— E aí? O que Martins falou?

— Está um disse-me-disse. Nunca vi lugar para espalharem tanta *merda* como nessa empresa. Isso me desgasta de uma forma que você não tem ideia.

É a primeira vez que o vejo tão vulnerável. A camisa social está com os dois primeiros botões abertos, a gravata desajustada. Uma bagunça. E, ainda assim, o homem mais bonito que já vi.

— Pelo visto você tem sua suspeita.

Ele me encara, recostando-se na cadeira e eu me sento na poltrona disposta à frente da mesa.

— Eu preciso falar primeiro sobre ontem à noite, então, você vai compreender o que aconteceu hoje.

Aceno, devagar, preparando-me para ouvi-lo.

— Antes de mais nada, quero que você saiba que eu sou um homem de palavra. O que eu prometo, eu cumpro e, no que me comprometo, não falho. Nunca!

Ele vai até o bar, serve-se de um copo de uísque e eu o acompanho no pedido quando ele me pergunta o que quero beber. O momento pede algo mais forte. Estendendo um copo para mim com dois dedos do líquido âmbar, ele se senta e continua:

— Eu havia prometido uma dança para Carola e fui cumprir minha promessa. Sem segundas intenções, alheio a qualquer outro intuito, estava de coração aberto. Um gesto de um amigo para com uma amiga.

Henrique bebe um gole de uísque, e eu faço o mesmo, esforçando-me para não fazer uma careta quando o líquido sai queimando garganta abaixo. Ele volta a falar:

— Para mim, ela estava namorando, tinha superado a relação que tivemos há mais de um ano... Nós nos tornamos amigos, não como eu e Egídio, mas amigos que trocavam algumas confidências. Quando descobri que você estava trabalhando aqui, eu fiquei tão extasiado que não parava de falar de você pra ela. O quanto eu te achava linda, interessante. Então, contei como te conheci...

Ah!

— Você precisa entender que eu me sinto um completo idiota por não ter enxergado as intenções de Carola. Eu só pensava na nossa amizade, mas

ontem ela mostrou quem verdadeiramente é.

Ele se aproxima, curvando-se sobre a mesa, que é o único obstáculo entre nós, e diz:

— *Ela* me agarrou, Letícia. Puxou minha camisa e, como eu não esperava o movimento, aproveitou meu impulso e me beijou. Tanto que, no mesmo instante, eu me afastei, mas você já tinha sumido. Eu nunca faria algo pra te magoar. Não de propósito! Muito menos descumpriria a minha palavra de que *você* é a única mulher que eu quero e por quem estou disposto a correr o risco de abrir mão de uma regra importante só pra ter *você* ao meu lado. *Você*, e mais ninguém!

Sem desviar seus olhos dos meus, Henrique sorve mais um gole da bebida.

— Depois do que aconteceu, eu corri para te procurar, tentei te ligar e você não me atendeu, até que tive a ideia de falar com Egídio. Foi quando eu soube que você estava a salvo e pude relaxar parcialmente. Parcialmente, porque, naquele momento, eu descobri o quanto você significava pra mim e fiquei desesperado com a possibilidade de te perder pra sempre por culpa minha, por não ter enxergado o que estava bem na minha frente.

Ele pausa e me fita, angústia presente em seus olhos.

— Aquilo só serviu pra me mostrar o quanto eu te quero e como você está enraizada em mim. Além do sexo e do corpo fenomenal que me deixa louco, muito além de ser a *minha Garota Infernal*, eu admiro a sua vontade de viver, o seu sorriso, o seu jeito de falar, de se expressar, a sua inteligência, sua garra, seu esforço. Tudo, absolutamente tudo, relacionado a você me interessa. E foi isso que eu despejei em Carola hoje de manhã. Então, sim, tenho certeza de que foi ela quem nos sacaneou.

Estou atônita. Não pelo fato de ele confirmar que foi Carola quem

espalhou a fofoca, mas pela sua declaração. Não é o que eu esperava ouvir quando resolvi falar com Henrique. Eu não esperava tanta sinceridade e tanta entrega.

Uma coisa que aprendi é que precisamos, sempre, ver os dois lados da moeda, porém não é nada fácil fazer isso na prática. Eu o julguei, sim, afinal, uma imagem vale muito, mas saber que tudo não passou de uma jogada de Carola muda tudo. Egídio tentou me fazer entender que havia uma explicação, que conhecia seu amigo mais do que ninguém, mas eu não queria pensar naquele momento.

Agora... agora é diferente.

Henrique está se abrindo completamente... Se ele não quisesse ficar comigo, ou se realmente tivesse beijado a loira, não teria motivos para sequer me falar essas coisas. Ele pode ter a mulher que quiser! É lindo, milionário, um partidão, mas é a mim que ele quer.

Meu peito se aquece e me levanto da poltrona. Contornando a mesa, chego ao seu lado e ousa ficar entre suas pernas. Passo minhas mãos por seus cabelos ondulados e ele parece relaxar sob meu toque. Seus braços envolvem minha cintura e sua cabeça fica apoiada em meu ventre. Um contato tão íntimo, tão natural.

Pressionando o queixo em minha barriga, diz, olhando para mim:

— Sou inexperiente nesses assuntos, Letícia, mas eu posso te falar, com certeza, que nunca senti por outra mulher o que venho sentindo por você. Não estou exagerando. Vai além da atração física. É uma necessidade de sempre estar perto, de cuidar, de saber mais da sua vida. *Me* perdoe por ter te magoado, mesmo que involuntariamente, mas me dê uma chance para mostrar que posso ser o cara que você merece. Eu quero que você embarque comigo nas minhas aventuras mais loucas. Nada disso é da boca pra fora.

Eu sorrio, ainda alisando seus cabelos.

— Não pensei que você fosse tão romântico!

— O mérito é todo seu.

Nós dois rimos.

— Henrique, eu acho que me apaixonei por você *naquele* beijo roubado. O *plus* foi a nossa noite mais que espetacular. A impressão que tive foi que você havia me arruinado para todos os outros caras. Pra piorar, não deixou seu telefone... Eu não consegui desviar minha mente daquele *ladrão de beijos* por dias. Então, eu te reencontrei na Vergueiro. Meu chefe. O *Ghost*...

Ele ri, e o som vibra todo meu corpo, fazendo minha pele arrepiar. Deslizo meus dedos sobre o rosto bonito, a covinha do seu sorriso, os pelos crescendo em seu maxilar, o nariz elegante, a boca desenhada.

Em um tom mais rouco, continuo:

— Eu não sabia o que aquele reencontro significava, mas, no fundo, era como se eu estivesse completa novamente. É até meio louco de explicar.

— Foi exatamente isso que eu senti quando te vi no auditório. Isso e a constatação de que não havia mulher mais linda que você. — Ele aperta um pouco mais o abraço e deposita um beijo em minha barriga coberta pela camisa social. — É muito diferente pra mim essa sensação de me encontrar em outra pessoa, de estar preso a alguém e, ao mesmo tempo, *me* sentir livre. Eu achei que fosse papo furado de poesias, romances e músicas, mas uma certa *Garota Infernal* me mostrou que eu estava equivocado.

Curvo-me até chegar a poucos centímetros dos seus lábios e o beijo gentilmente. Sua língua pede licença e lambe meu lábio inferior, depois o superior, seus dentes mordiscam minha boca e, aos poucos, o beijo vai se aprofundando, tornando-se intenso, faminto. Henrique me coloca em seu colo

e eu envolvo sua cintura com as pernas, sentindo sua rigidez roçar um ponto sensível em mim.

— Eu te quero tanto, Letícia. Você me deixa maluco. O seu cheiro, a sua boca, seu corpo perfeito... *Porra!* Preciso ir com calma.

Ele se afasta e encosta sua testa na minha.

— Sim. Temos um problema para resolver.

Alguém precisa se lembrar do que está acontecendo à nossa volta, e ele fecha os olhos, caindo na real.

— Janta comigo esta noite? — pergunta de repente.

— Uau! Henrique Vergueiro me convidando para um encontro?

Ele ri e morde meu queixo.

— Sim, nosso primeiro encontro. Quero tudo o que tenho direito. Posso te pegar às 20h?

Meus planos de ir à casa da Mari podem ser adiados para amanhã. Eu e Henrique precisamos de um momento só nosso.

— Tudo bem. Depois te passo meu endereço por mensagem.

— Não se preocupe, eu já tenho. Peguei com o RH mais cedo. Caso você não quisesse falar comigo hoje, eu faria uma pequena surpresa. Não poderia suportar ficar mais um dia sem saber como você estava e de explicar o que, de fato, aconteceu.

— Olha ele, usando seus privilégios de CEO para *stalkear* a funcionária.

— Se eu fosse um *stalker*, estaria te vigiando há mais tempo.

Ele beija meu pescoço e aperta minha cintura, antes de dizer:

— Preciso enviar um e-mail para todos os colaboradores da Vergueiro. Pode ficar ao meu lado enquanto escrevo.

Rapidamente saio do seu colo e pego a poltrona que estava do outro lado, colocando-a lado a lado com a dele.

— Com certeza quero ver o que você vai escrever. Fora que te ver trabalhando é excitante.

Ele agarra meu pulso e me puxa para si, fazendo com que meus cabelos caiam sobre nós. Henrique aspira o perfume do meu xampu e fecha os olhos.

— Minha gostosa, como senti falta da sua boca atrevida. É quase impossível ficar perto de você e não querer te *foder*, então, tenha paciência, porque hoje à noite você será toda minha!

— Mal posso esperar — sussurro, mordendo o lóbulo de sua orelha, e um grunhido sai de sua garganta.

— Você pode pegar meus óculos no sofá, querida? — pergunta com a voz grave, esforçando-se para manter o controle.

— Claro. — Capricho no rebolado ao me dirigir até o sofá e sorrio comigo mesma quando ouço um suspiro forte do outro lado.

A tensão de antes deu lugar ao tesão que nos envolve constantemente, mas, acima de tudo, é a leveza de sabermos que estamos na mesma sintonia que nos fortaleceu em meio ao caos gerado por Carola.

Entrego seus óculos, e ele beija minha mão em agradecimento. Henrique coloca a armação, vira-se para a tela plana do computador e se ajeita na cadeira. É incrível como parece ser outra pessoa. Sua postura, em instantes, é a do CEO que eu tanto admiro e não do Henrique, o *ladrão de beijos*, o cara que *atrapalhou* meu réveillon.

Fico atenta a cada palavra digitada e, quando ele termina de escrever um texto, grande por sinal, joga-se no encosto da cadeira.

— O que acha? — pergunta, colocando as mãos atrás da cabeça.

— Perfeito. Foi direto em sua explanação, não deu abertura para continuarem espalhando a fofoca e deixou subentendido que, caso continuem, medidas serão tomadas. Não teria feito melhor.

— É por isso que eu sou o CEO — ele brinca, e eu dou um tapinha em seu ombro.

— Convencido como sempre.

— Só às vezes.

Com apenas um clique, ele envia o texto para toda a empresa.

Brincadeiras à parte, o e-mail que Henrique preparou traz uma lição de empatia, humanidade e profissionalismo. Uma das partes de que mais gostei foi quando ele disse que a empresa nunca empregou um funcionário por causa de sua cor, raça, orientação sexual ou gênero, mas tão somente pela competência e identidade com o cargo. Que não há vias mais “fáceis” para familiares, amigos ou até mesmo a namorada do chefe, e, se estão na Vergueiro, é porque mereceram.

Nessa hora, eu precisei olhar para Henrique a fim de ver se estava brincando comigo, mas ele continuou escrevendo, concentrado em cada palavra. Ali eu me apaixonei mais um pouco. O orgulho que senti percorreu todo meu corpo, e eu soube que a nossa noite seria um divisor de águas para nós dois.

Para fechar, ele acrescentou que se as pessoas se colocassem mais no lugar uma das outras, não haveria tantas injustiças e o ambiente de trabalho seria muito mais saudável.

— Namorada do chefe, hein? — provoco, e seu sorriso vacila.

— Fui prepotente demais? Eu precisava colocar algo de impacto ali, mas se não gostou...

— Eu gostei. De verdade. Só achei que você me pediria antes.

Ele abre e fecha a boca, sem reação, e eu abro um sorriso enorme.

— Você quer seu meu namorado, *ladrão de beijos*, vulgo *Ghost*?

Não foi nada premeditado, contudo, diante dos acontecimentos e do que cada um revelou para o outro, não vejo por que adiar o inevitável.

— *Porra*, assim você me mata, Leti. Uma mulher que sabe o que quer e toma a iniciativa? Meu pobre coração não aguenta. — Ele me agarra, e, sem perceber, já estou montada em seu colo novamente. — É claro que eu aceito ser namorado da mulher mais gostosa, linda e perfeita desse mundo!

Henrique passa as mãos fortes e másculas pelo meu rosto, puxa levemente meus cabelos longos e, com os polegares, circula meus lábios.

— Você é toda minha, Leti. Não vejo a hora da noite chegar.

— Nem eu.

Ofegantes e inebriados pelo prazer que nos atinge, rendemo-nos a um beijo cinematográfico. Nossas línguas se procuram e se reconhecem em uma perfeita coreografia. Bocas sugando, chupando, línguas instigando. Ele aperta minha bunda, aproximando-me mais do volume em sua calça, minha vontade é me esfregar deliberadamente e é o que eu faço. Gemo em sua boca, tomada por uma fome insana.

— Tão fogosa — sussurra em minha boca.

Ao senti-lo por cima da calça, ele urra, mas não me impede de massageá-lo. Com a mão livre, abro os botões de sua camisa.

— Se você continuar assim, eu vou parecer um moleque gozando nas calças, querida.

Eu rio, mas paraliso quando escuto o barulho do elevador. Afasto-me e o encaro em choque, sua expressão igualando-se à minha.

— *Porra*, todo mundo decidiu subir sem avisar hoje — murmura com uma expressão entre divertida e cansada.

Saio de cima de Henrique em tempo recorde e corro para o banheiro.

Que merda!

Respiro fundo para recuperar o equilíbrio e, ao ouvir a voz de Martins do outro lado, alívio me invade. Não sei o que faria se fosse Carola.

— *Seu e-mail parece ter dado resultado. Não se fala em outra coisa a não ser no medo de serem dispensados e que o Ghost e a Letícia Mazzi eram namorados e ninguém sabia.*

— *Que bom* — Henrique responde com o modo CEO ligado. — *Objetivo alcançado. E Carola?*

— *Dispensada sem justa causa, conforme orientações do RH.*

— *Perfeito. Se fosse com justa causa daria uma dor de cabeça desnecessária.*

— *Com certeza. Assim, não precisamos justificar nada, apenas exercemos o nosso direito de dispensa. Eu vim saber como você está, mas pela sua cara, está mais do que bem, não é mesmo?*

Ainda que escondida e sozinha, não consigo impedir que minhas bochechas esquentem. Sabe Deus em que estado Henrique recebeu Martins.

— *Estou ótimo. Obrigado pela preocupação, Fred. No final das contas, essa onda toda de azar serviu pra me trazer uma bela sereia.*

Um sorriso que vem do fundo da minha alma brinca em meus lábios.

— *Porra, o que aconteceu com o temido Ghost?*

— *O Ghost está namorando. Pode espalhar no prédio todo.*

— *Meus parabéns, Henrique!*

— *Obrigado.*

Eles se despedem e eu me endireito, olhando meu reflexo no espelho. Ajeito a calça e a camisa, que estava toda desgrenhada, e abro a porta do banheiro.

— Pode sair da toca, Letícia — ele diz antes de rir e me alcançar.

— Preciso ir, Henrique. Por pouco Martins não nos pega.

— Tudo bem, não vou mais tomar seu tempo. Às 20h passo na sua casa, tudo bem?

— Vou esperar ansiosa.

— Eu também, querida.

Despedimo-nos com um beijo comportado para o fogo não reacender, e o único pensamento que me acompanha durante a descida até o 30º andar é que, dessa vez, eu sinto que nada pode nos atrapalhar. Contudo, para garantir, faço uma prece e peço ao Universo que não me sacaneie novamente.

Capítulo 17



Henrique

Estaciono em frente ao prédio de Letícia às 20h em ponto. Corri com o trabalho para chegar aqui no horário. Depois da dispensa de Carola, precisei me reunir com todos os diretores da Vergueiro a fim de remanejar a pasta que ela cuidava e isso tomou meu tempo.

Como não poderia ser diferente, a loira tentou me ligar algumas vezes, enviou mensagens pedindo desculpas, dizendo que fez aquilo porque estava muito triste. Conta outra. Ela queria era ferrar a Letícia!

Digo meu nome na portaria e o rapaz pede que eu espere no hall. O prédio fica a dois quarteirões da Paulista, e escolhi um restaurante espanhol que fica na Augusta, bem perto daqui. Eu gosto do ambiente que tem pouca iluminação, serve uns petiscos diferentes e tem um bom vinho da casa. Acho que, para um primeiro encontro, está ótimo.

Nunca precisei me esforçar muito para sair com uma mulher, mas com ela quero que tudo saia perfeito.

Preciso me lembrar de respirar ao ver Letícia vindo em minha direção com um vestido que poderia muito bem parar o trânsito de São Paulo. O conjunto da obra está um pecado em forma de mulher.

O vestidinho é de um rosa forte, tomara-que-caia — acho que é assim que se fala —, um pouco abaixo das coxas, destacando as pernas torneadas e bronzeadas. Os cabelos que eu adoro estão soltos, selvagens e brilhosos, contrastando com o rosa de sua roupa e o azul de seus olhos. Simplesmente perfeita, e *minha*!

— Linda, se você queria tirar meu fôlego, conseguiu. *Porra*, você está maravilhosa — digo, levantando-me do sofá da recepção, e a cumprimento com um beijo em sua boca deliciosa.

Junto ao seu ouvido, sussurro:

— Se a gente não sair logo, eu vou passar vergonha. Estou duro só de te ver!

Ela ri, tendo a real noção do efeito que me causa e diz, olhando minha calça jeans escura e a camisa azul-clara de botões:

— Você não está nada mal, *ladrão de beijos*. Aliás, preciso perguntar se você tem um *personal stylist*, pois sempre está impecável.

— Não, querida. Eu quem faço minhas combinações, mas fico feliz por agradar seus lindos olhos.

— Sim, *me* agrada bastante. — Ela me beija e, *porra*, minha vontade é esquecer o restaurante e levá-la para o meu apartamento.

Agarro seus cabelos, perto da nuca, sabendo o quanto ela adora que eu faça isso e, com o outro braço, eu a aperto junto ao meu corpo. Logo sinto sua pele esquentar, refletindo meu próprio calor, e preciso me afastar para

não jogar tudo para o alto.

— Leti, precisamos ir ou não respondo por meus atos.

— Vamos — ela fala num fio de voz, tocando meu rosto com carinho e admiração, algo que sempre faz meu coração acelerar.

É melhor do que qualquer aventura que eu já tenha vivido. E faz uma promessa:

— Vamos, porque depois eu quero *acabar* com o meu namorado.

Porra, um dia eu estava na merda, no outro tirei a sorte grande de ser pedido em namoro. Quando contei para Egídio, antes de vir para cá, ele primeiro riu, dizendo que eu tinha sido fígado de jeito, e depois me parabenizou. Meu amigo disse que imaginava que as coisas se ajeitariam e estava feliz por tudo ter dado certo.

— Ah, *Garota Infernal*... o que eu vou fazer com você? — brinco, levando-a até meu carro.

— Pode ir pensando — responde e entrelaça a mão na minha.

Adoro esse jeitinho dela de falar o que pensa, de fazer o que bem quer, sem ter vergonha ou melindres. Foi uma das coisas que me cativou.

— Uau! — Letícia exclama ao ver meu conversível prata. — Por que vocês CEOs gostam tanto de carros extravagantes?

— Será que é por termos dinheiro?

— *Aff*, eu me esqueci de como você é convencido.

Abro a porta para minha namorada e ela se aconchega no banco de couro. Dou a volta, acomodo-me no meu lugar, coloco o cinto e digo:

— Não sou convencido. É apenas um fato, querida. Eu adoro carros que correm bem e do design peculiar que os conversíveis têm, por isso sempre são minha escolha.

— Humm... aí sim uma explicação plausível.

— Bem, eu reservei um restaurante espanhol do qual gosto bastante ali na Augusta. Tem alguma objeção, preferência?

— Por mim está ótimo. Gosto de tudo.

— Perfeito.



Letícia amou o ambiente e senti um alívio imediato. Eu quero que esta noite seja perfeita, em cada mínimo detalhe. Pedi *brusquetas* variadas, *jamón serrano* com queijos e um prato que se assemelha a uma pizza, porém menor e com uma massa feita por eles. Tudo extremamente de bom gosto.

— Gostou do vinho? — pergunto.

— Adorei. Não sei como não conhecia esse lugar. Tão perto de casa!

— São Paulo tem dessas coisas. As opções são tantas, que é impossível conhecer todos os restaurantes da cidade.

— Isso é fato. Este aqui faz parte da sua rede?

— Este não.

A pequena vela no centro da mesa faz seus olhos azuis parecerem duas pedras preciosas, e a primeira coisa que me vem à cabeça é que preciso registrar este momento. Pego meu celular, tiro o flash e posiciono à sua frente.

— O que você está fazendo? — pergunta, surpresa.

— Sorria para mim, vai!

Minha namorada abre um sorriso que me deixa sem palavras por alguns segundos. Como se fosse possível, ficou ainda mais bela. Tiro a foto e logo ela quer ver o resultado.

— Olha! Ficou linda. A luz ajudou — diz.

— Não, Leti. Ficou linda, porque você é linda. Chego a ser até repetitivo, mas é a pura verdade.

— Obrigada, Henrique. Você não escapa, viu? É tão gato quanto um

modelo profissional, até mais. Quando te vi pela primeira vez, logo depois daquele beijo avassalador, eu pensei que você não fosse desse mundo.

Impossível não dar uma gargalhada.

— Essa eu não sabia.

— Pois é... Eu fiquei tão desnorteada, que rapidinho esqueci quem estava procurando. Todo lindo, bronzeado, gostoso... Lembro como se fosse hoje, *me* abalou completamente.

— E pensar que você estava atrás de um mané. Ganhou um ser sobrenatural — brinco, fazendo-a rir.

Pegando suas mãos, beijo dedo por dedo, sentindo o perfume do seu hidratante.

— Eu adoro ouvir a sua risada — declaro, completamente rendido e livre de qualquer proteção. Exposto para que Letícia me veja por inteiro, assim como minha sinceridade.

— Eu adoro a covinha que se forma quando você sorri — ela retruca.

— Eu adoro seus cabelos.

— Eu adoro seus olhos, com ou sem óculos.

— Eu adoro os *seus* olhos — replico.

— Eu adoro como você me olha.

— Eu adoro sua boca atrevida.

Ambos estamos ofegantes, um desejo denso pairando sobre nós, e nossas mãos continuam entrelaçadas sobre a mesa, sem querer desfazer o contato pele com pele. Ela então continua:

— Eu adoro a sua inteligência.

— Eu adoro a sua competência. — Sem conseguir me conter, disparo:
— Eu adoro o seu corpo, adoro quando você geme meu nome, adoro quando você se perde de prazer, adoro quando você se rende a mim, adoro quando

você se impõe, adoro você de qualquer jeito e estou louco para te adorar na minha cama a noite toda.

A música instrumental parece mais alta, sobressaindo-se ao nosso silêncio repentino que diz muito mais que palavras, e, num sussurro, Letícia pede:

— *Me* leva embora então.

Sem perguntar duas vezes, chamo o garçom.

— Boa noite, senhor. Está tudo...

— Por favor, a conta. O mais rápido possível, pois tenho um assunto urgente para tratar. Obrigado.

Ao fundo ouço a risada de Letícia e eu me junto a ela quando o rapaz sai correndo.



— Você é tão normal que às vezes esqueço que é CEO de uma empresa gigante, e meu chefe. Seu apartamento é maravilhoso, Henrique. Não acredito que mora aqui sozinho.

Desde que chegou, Letícia está fascinada. Localizado no Jardins, o prédio em que moro tem apenas dezoito apartamentos, sendo que o meu é duplex e fica na cobertura. À época, logo quando meu pai passou a presidência da Vergueiro para mim, resolvi procurar um lugar com que eu me identificasse e tivesse conforto suficiente para receber meus amigos.

Como meu escritório, o espaço é amplo, arejado e com vista para a cidade. A sala se conecta com a cozinha americana, permitindo que o ambiente pareça ainda maior. No segundo andar tem uma piscina e área para churrasqueira. Gosto bastante daqui e entendo o encanto de Letícia.

— Obrigado, minha linda. Que tal um espumante?

Ela se vira para mim e abre aquele sorriso lindo.

— Humm... aí é covardia.

— Estamos aqui para servir — digo e pisco para ela.

— Aceito sim.

Ligo o sistema de som central pelo meu celular e coloco uma música que vem martelando na minha cabeça desde que saímos do restaurante. A voz de *Tiago Iorc* cantando *Coisa Linda* preenche o apartamento, e Letícia se pronuncia:

— Amo essa música.

— Que bom! É pra você. Vem cá! — chamo.

Ela corre até mim, mesmo com suas sandálias delicadas de salto, e chega com tudo para me dar um abraço. Eu a envolvo em meus braços, afundando meu rosto nos cabelos negros, absorvendo seu cheiro único.

— Você é uma coisa linda, Letícia — falo junto ao seu ouvido. — E é toda minha!

— Sim, toda sua. E você é meu, *ladrão de beijos*?

— Todo seu, *Garota Infernal*.

Neste momento não sou seu chefe, não sou o CEO de uma empresa, não tenho outra responsabilidade senão cuidar da minha morena com olhos da cor do mar das Maldivas, a mulher que transformou minha vida de um jeito que eu nunca pensei que fosse possível, que me fez enxergar que não preciso viver sozinho para me aventurar, é só encontrar a parceira ideal.

— Que abraço gostoso! — ela ronrona.

— Concordo. Tudo com você é gostoso pelo jeito.

Ela ri e o som ressoa pelo meu corpo, um prazer primitivo despertando dentro de mim.

— Eu quero você, Letícia!

Passo a ponta da língua pela lateral do seu pescoço, e ela geme baixinho, motivando-me a continuar. Com uma mão seguro seus cabelos, abrindo caminho para seguir com a minha exploração, e a outra mão desce da sua cintura até chegar à sua bunda redondinha.

— Eu voto da gente deixar o espumante para depois — ela murmura, tão entregue quanto eu, agarrando minha camisa com desespero.

Suas palavras são como música para os meus ouvidos.

Em um minuto estamos na sala, no outro chegando ao meu quarto. Com as pernas à minha volta, Letícia não para de se mexer, esfregando-se sem pudor, nossas bocas instigando, a língua fazendo movimentos lascivos.

Ao me aproximar da cama, eu a deito sobre os lençóis negros e a visão é alucinante.

A pele bronzeada, o vestido rosa, as sandálias douradas que deixam suas unhas escuras à mostra, os cabelos que parecem fazer parte do tecido que cobre minha cama.

Meu lado dominador entra em cena. Um lado que não consigo evitar e que eu sei que Letícia adora. Ela me causa as mais diversas sensações e uma delas é a fome pelo seu corpo. A vontade de fodê-la sem parar, até que ela implore, até que eu não aguento mais de tanto gozar.

— Abra as pernas — comando.

Rapidamente ela me obedece e me permite ver sua calcinha minúscula, uma renda rosa.

— *Porra*, que delícia te ver assim, Letícia. Agora, vai tirando esse vestidinho bem devagar — ela o faz, os olhos focados nos meus, luxuriosos, com tanto desejo quanto eu.

Quando arranca a peça pela cabeça, preciso dar um passo para trás a fim de absorver cada detalhe. Os seios empinados estão livres de sutiã, os mamilos eriçados pedindo por atenção, a *lingerie* cobrindo seu sexo com diversas tiras ligadas à renda.

— *Caralho*, eu poderia gozar só de te ver assim. Agora, toca esses mamilos durinhos pra mim e continua com a perna aberta.

Seus dedos fazem o que eu mando e me aproximo, deslizando a calcinha sem cerimônia, deixando-a apenas com as sandálias de salto. Vê-la toda depiladinha, lisa, rosada... me faz salivar. De joelhos, abocanho sua carne molhada e ela arqueja de surpresa e prazer.

— Henrique, que gostoso!

Sem tirar minha boca do seu centro, respondo:

— Uma delícia, Leti. Toda gostosa. Eu disse que vou te adorar a noite inteira. É só o começo.

Apertando sua bunda, volto a provocar seus gemidos e gritos, chupando, sugando, a língua entrando e saindo em um ritmo alternado entre rápido e devagar. Minha namorada vai à loucura.

— Henrique, estou indo... — E com um grito todo seu corpo estremece, as pernas tentam se fechar ao meu redor, mas não paro, sugo até a última gota.

Uma delícia cremosa de mulher.

Em um instante, tiro minha roupa e, ao vê-la ainda aberta para mim, faço uma pergunta:

— Você toma pílula?

Ela me olha, os olhos brilhantes, o rosto corado.

— Sim. E faço exames sempre.

— Eu confio em você. Quero te sentir de verdade. Pele com pele.

— Eu também quero.

— Eu sei que você quer. Coloque os braços para cima.

Com cuidado, solto as sandálias dos seus pés e subo na cama. Prendendo seus pulsos com uma mão, posiciono-me entre suas pernas. Com a outra mão, massajeio um seio, belisco o mamilo, arrancando um suspiro trêmulo de sua garganta.

— Henrique...

— Diga! — Chupo cada biquinho, mordendo, raspando meus dentes, e é lindo ver Letícia se contorcendo de tesão. — O que você quer que eu faça?

— *Me fode. Me fode bem fundo como só você faz!*

Meus dedos descem pelo seu corpo e circulam seu pequeno botão,

estimulando, deixando-a ainda mais molhada para me receber.

— Eu sei que você adora quando chego bem fundo — sussurro, posicionando-me em seu centro, provocando-a com a cabeça do meu pau —, quando deslizo devagar até encontrar aquele pontinho que te deixa louca.

— Isso. É disso que eu preciso — ela suplica, levantando a pélvis para apressar o meu movimento e eu rio junto ao seu ouvido.

— Sem pressa, querida. Temos a noite toda. Uma adoração não pode ser feita de qualquer maneira. Deixa eu te venerar como você merece.

— Eu já estou amando, Henrique. Eu só quero que você me preencha com...

Não espero que ela termine de falar e a penetro com tudo, bem fundo.

Letícia me faz perder a cabeça.

— *Caralho* — sibilo enquanto ela grita.

É completamente diferente estar livre da camisinha. Senti-la tão molhada e apertada me deixa ainda mais duro.

Imóvel, eu a mantenho presa ao colchão, liberando suas mãos para segurar a cintura fina com força, enquanto sinto seu aperto em volta do meu pau.

— Fica quietinha, gostosa. Não se mexa — minha voz sai irreconhecível.

Aos poucos deslizo para fora e ambos tomamos ar.

— Nossa, *te* sentir desse jeito é...

— Incrível — completo.

Entro devagarinho e suas mãos agarram meus cabelos. A dor misturada ao prazer libera a fera dentro de mim e eu a beijo ferozmente, metendo com tudo em seguida, arrancando outro gemido. E saio e meto e aprofundo, ora rápido, ora lento, sentindo cada terminação nervosa. O

apertar, o soltar, meu pau pulsando, minha língua sugando a dela, no mesmo ritmo das estocadas, ela sugando a minha... uma bagunça de sons, suor escorrendo, mãos não se contendo, apertando, arranhando, adorando.

O espetáculo perfeito para selar nosso compromisso.

Com um rosnado, eu a penetro profundamente, sussurrando seu nome.

— Você é perfeita, Leti. Quero me enterrar várias e várias vezes em você. — Em resposta ela rebola, o que me faz estocar mais fundo e mais rápido. — Quero gozar dentro de você, na sua boca, em seus seios inchados e pesados...

— Eu quero tudo isso — sua voz luxuriosa me atinge em cheio. — De todos os jeitos. De quatro, de ladinho... Estou nas suas mãos, Henrique.

Porra! Essa morena é a mulher dos meus sonhos.

Arremeto com força e ela grita bem alto.

— É assim que você gosta?

E arremeto de novo.

— É assim? Responda, Letícia!

Mais uma vez, vou fundo, enlouquecendo no processo.

— Sim! É assim! Eu vou gozar. Ah! Henrique. Isso, meu gostoso. Assim!

Ao gozar, ela contrai meu pau e eu não aguento por mais tempo. Estou no meu limite.

— *Porra!* Que bocetinha gostosa! Toda minha. Toda... Vou gozar, minha linda.

— Goza! Goza pra mim, Henrique!

Suor escorre pelo meu corpo, juntando-se ao dela, o cheiro de sexo espalhado no quarto, nossa pele à beira da combustão.

— *Caralho!* — urro e paraliso diante do que pode ser a gozada mais forte que já tive.

Todo meu corpo treme ao jorrar meu prazer, enquanto a beijo desesperadamente, gemendo em sua boca, sorvendo seus próprios gemidos, seu ar, seu gosto e solto um grunhido quando alcanço meu êxtase total. Desabo em cima de Letícia, tomando cuidado para não colocar todo meu peso sobre ela.

— Uau! — balbucia fracamente, ainda ofegante.

— *Caralho*, acho que se eu jogar na Mega-Sena tenho boas chances de ganhar.

Ela ri.

— Por quê?

— Porque a sorte está do meu lado, querida. Encontrar uma mulher como você? Toda foga, gostosa, perfeita pra mim? Tirei a sorte grande.

— Seu bobo. Minha sorte é que mudou, viu? Ano passado foi uma *merda*. Até que enfim o Universo está conspirando ao meu favor.

Beijo seu ombro com carinho e apoio meu corpo nos cotovelos. Tiro os cabelos do seu rosto lindo, admirando como ela fica maravilhosa depois de se satisfazer, e falo com seriedade:

— Letícia, você foi a melhor coisa que já me aconteceu. Você não me quis pelo meu dinheiro, pelo que eu podia te dar, simplesmente nos encontramos, em pleno festival de réveillon no Nordeste, outro estado, outra região, entre tanta gente... não pode ter sido coincidência.

— Você conhece aquela música *Que Sorte A Nossa*, do *Matheus & Kauan*? — ela pergunta de repente, segurando meus ombros para chamar a minha atenção.

— Não. Como é?

— Eu lembrei agora e parece tanto com o que a gente está vivendo, que pode fazer parte da nossa *playlist*.

— Nossa *playlist*? Gostei. Canta pra mim — peço, passando o nariz em seu pescoço.

— Vou cantar o refrão, aí você vai entender por que lembrei:

*“Tantos sorrisos por aí e você querendo o meu.
Tantos olhares me olhando e eu querendo o seu.
Eu não duvido não, e não foi por acaso
Se o amor bateu na nossa porta, que sorte a nossa”*

Sua voz é melodiosa, rouca e afinada. Fico surpreso com mais essa qualidade, mas não a interrompo. Vidrado, eu admiro sua naturalidade em cantar, a meiguice misturada com sua beleza natural.

Reconheço a música e realmente a letra tem tudo a ver com a gente. Entre tantos olhares, tantos sorrisos, eu a encontrei. Meu coração acelera, uma emoção estranha me incendeia e o meu desejo por ela vem como uma onda, crescendo e crescendo, agigantando-se dentro de mim.

— Você não pode cantar assim quando ainda estou dentro de você — declaro, movendo-me para mostrar o que ela me causa, o quanto estou pronto.

Minha namorada geme e, tocando meu rosto, sussurra:

— Eu achava que as coisas davam errado na minha vida porque eu era azarada — devagar arremeto mais uma vez e ela arfa —, mas agora eu entendo, Henrique. Agora eu entendo que era porque eu estava te esperando. Você não atrapalhou o meu réveillon, não foi acaso ou coincidência... Era para ser. Foi o destino, *ladrão de beijos*.

Perco o controle e me movimento sem parar.

— Sim, minha *Garota Infernal*. Como dizem: já estava escrito. Era para eu te encontrar. Era para você ser minha. Era para eu finalmente me apaixonar... *Porra*, eu estou perdidamente apaixonado por você, minha linda. Perdidamente, completamente apaixonado por você.

E sorrindo, entre gemidos e sussurros, recomeçamos o nosso espetáculo, uma promessa de que é só o começo da nossa aventura.

Epílogo



Leticia

Um ano depois

— Leticia do céu, ainda não consigo acreditar que você conseguiu fisgar esse homem — Mari fala, sentada em meu sofá, tão deslumbrada de frente para a televisão, que parece uma adolescente apaixonada.

Termino de preparar a pipoca e saio da cozinha para me sentar ao seu lado.

— Pode acreditar, querida. — Olho para meu namorado em toda sua imponência de CEO e nem eu acredito que é todinho meu. — Nossa, como ele consegue ficar ainda mais bonito? Gostoso demais.

— Pois é. É uma afronta para as solteiras que têm que lidar com um monte de bagaço.

— Eu que escolhi esse terno. Não tinha como não ficar perfeito num

corpo desse... — divago.

— Isso, deixa a amiga na invejinha mesmo.

— Mari, nem vem que você não quis sair com o Egídio. Outro cara gato pra caramba.

— Ele é cliente da agência. Você sabe que não misturo vida pessoal com profissional.

— Parece que já vi esse filme — comento e rio recordando minha história com Henrique. — Você sabe muito bem que com Egídio não tem essa. Está dando mole de não sair com ele, querida.

— Cala a boquinha agora que eu quero ver esse gato falando.

— Ei... para de babar no meu homem. — Jogo uma almofada em Mari, que começa a rir.

— Eu e o Brasil inteiro, né, filha?

Reviro os olhos, mesmo sabendo que é bem possível que seja verdade. Depois que Carola explanou para a mídia quem era o verdadeiro CEO da Vergueiro Investimentos, como forma de retaliação por ter sido dispensada da empresa, a vida de Henrique nunca mais foi a mesma.

Por incrível que pareça, ele ficou tranquilo, não quis ingressar na Justiça pela quebra do Termo de Confidencialidade, pelo contrário, disse que, a partir daquele momento, o termo não teria mais valia, pois estava preparado para assumir sua função perante o mundo e prosseguir com o legado de seu pai sem anonimato.

Depois disso, os convites para entrevistas, tanto em jornais referentes à economia, quanto de fofocas por ser considerado um dos CEOs mais desejados do Brasil, não pararam mais.

Hoje, por exemplo, ele está ao vivo em um canal de notícias relacionadas à economia do país, na TV a cabo.

— Você já sabe aonde vai passar o carnaval? — pergunto, pegando um montinho de pipoca com manteiga.

O feriado começa no próximo final de semana e estou ansiosa para a viagem que Henrique reservou, e que eu ainda não sei para onde é. Ele quis fazer surpresa, então, não reclamei.

— Nem ideia. Queria ir para o Nordeste, mas vai ser perrengue.

— Acho difícil encontrar algum lugar que não seja perrengue nessa época. Fica tudo lotado... Espero que meu namorado tenha pensado nisso quando escolheu o lugar da nossa viagem.

— Além de lindo, é romântico. Benza Deus, amiga. Não tô de olho grande não, mas todo o azar que você passou lá atrás se converteu em um milagre divino.

Sou obrigada a rir.

— Ai, Mari. Você é a melhor. — Viro-me para a minha amiga e confesso: — Eu estou muito feliz. Além de lindo, Henrique é tão cuidadoso, protetor e, ao mesmo tempo, *me* incentiva a voar ... A gente curte as mesmas coisas, mas também divergimos, viajamos para lugares incríveis, aprendemos a separar trabalho de prazer, temos nossas brigas, claro, e é esse conjunto todo que me faz amar esse homem mais e mais a cada dia.

— Amiga, brincadeiras à parte, estou sempre na torcida para que tudo dê certo na sua vida. Você sabe que eu sou sua fã, admiro o quanto você se entrega ao que se propõe a fazer, até mesmo como namorada de um figurão. Você mantém a postura de uma mulher que sabe que é amada e não precisa se preocupar com as biscates de plantão. Queria eu ter essa evolução espiritual.

Rindo, pego sua mão e acaricio.

— Obrigada, Mari. Por sempre estar ao meu lado.

— Sempre! E as suas amiguinhas do trabalho? Será que elas torcem pra você também? Elas sabem que não podem competir comigo, né?

Impossível parar de rir com essa mulher.

— Aline e Rafa se tornaram grandes amigas, mas você tem um espacinho especial no meu coração.

— Acho muito bom.

Desde que comecei a trabalhar na Vergueiro, Rafa e Aline têm sido minhas companheiras. Quando Carola espalhou aquela fofoca na empresa, elas ficaram ao meu lado, mesmo sem saberem se era verdade ou mentira, e aquele gesto vou levar para o resto da minha vida. Depois eu contei a verdade e revelei que estava namorando o *Ghost* — hoje em dia todos o tratam como Sr. Vergueiro ou Henrique, já que ele saiu de trás das cortinas —, elas ficaram superfelizes e não me julgaram em nenhum momento.

— Para de bobeira e vamos ver a entrevista, porque depois Henrique vai me ligar para saber se assisti e vou ficar com *cara de bunda*.

— É só você dar um chá de...

Jogo outra almofada em Mari.

— Ai! — Ela reclama, rindo. — Tá bom, vamos assistir.



— Bom dia, minha linda!

Sou acordada com um beijo na nuca e um braço forte envolvendo minha cintura. Meu corpo todo desperta.

— Bom dia, chefinho!

Ele ri, como toda vez em que eu o chamo assim.

— Animada pra nossa viagem?

Rapidamente me viro para Henrique e abro um sorriso.

— Muito.

— Que bom! Eu também. Precisamos sair daqui a trinta minutos.

— Sério? — questiono e, subitamente, sento-me na cama. — Por que você não me acordou antes?

— Porque sua mala já está pronta e você estava tão linda dormindo...

Ele me agarra, e me deito ao seu lado, o rosto a poucos centímetros do seu.

— Será que um dia vou me acostumar com a sua beleza? — pergunto, quase sem ar.

— Espero que não. Porque a sensação é a mesma quando te olho. Seja na minha cama, nua, sem maquiagem, seja produzida... Minha princesa gostosa.

Henrique interrompe minha risada com um beijo avassalador. Passo minha perna por cima da sua, aproximando-me do seu corpo quente e convidativo, e logo sinto a rigidez imponente roçar em mim.

— Humm. Alguém está animadinho... — murmuro, tão afetada

quanto ele.

— Sempre.

— Mas não vai dar tempo... — Tento me afastar, mas ele me puxa de volta.

— A gente dá um jeito.

Quando menos espero, meu namorado monta em mim e segura meus pulsos acima da minha cabeça. Com um sussurro, diz:

— Uma rapidinha nunca decepçiona.

Eu é que não vou discordar. De bom grado, recebo-o em toda sua grandeza, indo ao céu em segundos. A melhor forma de acordar, disso não tenho dúvidas!



— Henrique... Estou sem palavras, em choque. Na verdade, eu não sei nem o que dizer. Minha nossa! Que lugar é esse?

— Pode simplesmente dizer que gostou e que vamos curtir muito. Só nós dois. Sem interrupções — chega mais perto —, sem multidão, sem galera. É tudo nosso.

— Uma ilha só nossa! Sério, é muito pra assimilar. *Porra!*

Saio correndo pela extensão da casa com estilo rústico, conhecendo todos os cômodos, a vista do quarto principal, que fica no segundo andar, com uma jacuzzi no canto, a piscina com design moderno e borda infinita de frente para o mar, os coqueiros embelezando cada canto, até que dou de cara com uma senhora e um rapaz.

— Ops. Desculpem.

— Sem problemas, senhorita Letícia — a senhora responde com um sorriso no rosto como se já me conhecesse.

Henrique chega ao meu lado, parecendo mais jovem do que seus 35 anos com uma blusa branca de malha e uma bermuda azul de sarja, e me apresenta aos dois:

— Letícia, este são Marlene e Sávio. Eles nos ajudarão nestes dias, preparando a comida, bebidas, que inclusive fiquei sabendo por um colega que é a especialidade de Sávio — o rapaz sorri, sem graça —, e demais necessidades.

— Prazer, Marlene e Sávio.

Eles acenam a cabeça e vão para o que imagino ser a cozinha. Viro-me para meu namorado e ele está rindo da minha cara.

— Você é completamente louco.

— Com certeza. Louco por você. — Passando os braços pela minha cintura não tenho como me afastar. — O que achou do lugar?

— Henrique, ainda estou sem palavras. Primeiro o helicóptero, depois saber que viríamos para Angra dos Reis, um paraíso que sempre quis visitar, e, ainda por cima, uma ilha privativa com heliponto e tudo? Só nossa por todo o carnaval? É surreal! Parece que estou em um conto de fadas moderno.

Ele ri e encosta sua testa na minha.

— Querida, você é a minha princesa. Fico feliz que tenha gostado da surpresa. Por sorte tenho um cliente, médico aqui de Angra, que me passou o contato do proprietário desta casa. O Maurício tem uma pousada com a esposa na Ilha Grande. Gente muito boa, por sinal.

— Você e seus contatinhos. Fico boba.

— Fazer o quê? Eu ajudo as pessoas a ganharem mais dinheiro e elas me ajudam com o que preciso. — Ele pisca e eu reviro os olhos.

— Justo. — Mudando de assunto, pergunto ansiosa: — Vamos desbravar o lugar?

— Vamos sim. Só vou pedir para a Marlene preparar nosso almoço e para o Sávio fazer umas caipirinhas para *abrirmos* os trabalhos. O que acha?

— Eu acho mais que ótimo.

Sorrindo, ele sai, a postura relaxada, mas não menos máscula e imponente. Solto um suspiro de satisfação e admiro o paraíso ao meu redor. Simplesmente perfeito.

Deito em uma espreguiçadeira de frente para o mar, feliz pela escolha do meu vestidinho de verão e da sandalinha baixa, pois combinam bastante com o clima praiano, e agradeço por Henrique ter me contado, pelo menos, que eu deveria trazer roupas leves e biquínis.

Um paraíso só nosso. Uma praia só nossa. A calma rara em pleno carnaval. Mais perfeito impossível! Ainda bem que renovei minha coleção de *lingeries*. Não vejo a hora de agradecer meu amado e irresistível namorado.



— Isso, a parte mais difícil já foi. Agora coloca a manete na cintura e mantenha o peso distribuído na prancha. E lembre, em hipótese alguma deixe o corpo duro! — Henrique grita comandos da lancha, e eu tento me equilibrar.

A voz de *Adam Levine* sai das caixas de som da embarcação cantando *What Lovers Do* e balanço minha cabeça no ritmo, deslizando nas águas claríssimas de Angra dos Reis, enquanto pratico *wakeboard*, um dos vários esportes que meu namorado ama e que tenho aprendido a amar também nos últimos dois dias.

É maravilhoso sentir o vento batendo no rosto, a sensação de liberdade, a adrenalina correndo nas veias e assistir ao espetáculo do pôr do sol de uma maneira que nunca pensei que fosse assistir um dia. Henrique tira diversas fotos e aposto que em todas estou sorrindo como uma criança, assim como ele sorri para mim agora, orgulhoso pela aluna finalmente ter conseguido ficar mais tempo na prancha.

O mais difícil neste esporte é a hora de dar impulso dentro d'água e ficar em pé. É uma junção de técnica e esforço. O corpo todo sente e, se não fossem pelas horas que passo na academia, seria bem mais dolorido.

Foi assim também quando fomos esquiar no Vale Nevado, no Chile. Enquanto ele aproveitou no *snowboard*, eu fiquei no esqui. Com as aulas, fui perdendo o medo de descer aquelas montanhas inclinadas que me deixavam morrendo de medo, consegui administrar minha mente e devagarinho aprendi a esquiar. Uma coisa que amo no nosso relacionamento é o quanto somos parceiros. Isso é, de longe, o que mais me deixa feliz e realizada.

Quase cinco dias nessa ilha e não consigo pensar na ideia de ir embora. Ontem mesmo, enquanto Henrique pilotava o jet sky, vi golfinhos nos acompanhando, tartarugas nadando, lado a lado. Minha nossa! Tudo tem sido tão especial e incrível, que dá uma dor no coração só de pensar em voltar para São Paulo.

Nosso relacionamento tem amadurecido de uma forma surpreendente, é maravilhoso o quanto confiamos um no outro, nós nos doamos e nos entregamos por inteiro. Eu falo por mim e por ele, pois Henrique é transparente demais. Quando não está bem, eu sei, e quando está feliz, eu também sei.

Esse carnaval vai ficar marcado para sempre como o melhor carnaval da minha vida. Sem sombra de dúvidas. Amanhã, quando formos embora, eu vou olhar para trás e sentirei saudade, sim, mas também serei grata pelo que cada dia aqui fez com a gente, o quanto nos amamos, em cada canto daquela casa, na areia, no mar...

Por um momento, perco o equilíbrio e caio com tudo na água. Mergulho e logo volto por causa do colete salva-vidas e aceno para Henrique, que bate palmas pelo meu desempenho.

O piloto da lancha puxa a corda que me liga ao barco e vou me aproximando, esgotada, as pernas e os braços tremendo.

— Minha campeã foi perfeita!

— Eu só caí, porque me distraí — digo, esbaforida quando sento na popa da lancha.

Tiro o colete com a ajuda de Henrique, que pergunta:

— Se distraiu com o quê?

Sorrio, mordendo meu lábio inferior, e sua expressão divertida muda completamente.

— Lembrando-me dos lugares em que você me *pegou* pela ilha — sussurro, substituindo a palavra *comeu* para o marinheiro não ouvir.

Ele passa o polegar em minha boca e faz uma promessa que me estremece de dentro para fora em expectativa:

— Hoje tem mais, querida. Farei da nossa última noite ainda mais inesquecível.



Saio do quarto seguindo um caminho de pétalas de rosas brancas e velas. Sorrio diante do romantismo de Henrique, que vem sendo algo recorrente em nosso namoro, e desço as escadas.

Logo depois de almoçarmos, ele me deu um vestido lindo, da mesma cor do que usei em nosso primeiro encontro oficial, pink, de alcinhas finíssimas, decotado na frente e atrás, porém todo larguinho com a saia trabalhada em alguns babados. Outra qualidade dele é que tem um gosto inigualável para presentes. Às vezes, tenho a impressão de que ele me conhece mais do que eu mesma.

No corpo ficou ainda mais perfeito. Meu namorado pediu para que eu o vestisse no jantar e cá estou. Para valorizar, preendi meu cabelo em um coque e coloquei brincos longos de prata.

Continuo seguindo as pétalas e velas até chegar à ampla sala do primeiro andar, que tem uma vista maravilhosa para o mar, e então fico boquiaberta com a quantidade de velas espalhadas por todo o cômodo.

Sinto um sopro em minha nuca exposta e me arrepio instantaneamente. Viro para trás e preciso piscar várias vezes para acreditar que o homem que está diante de mim é real. Usando um blazer, camisa social com dois botões abertos e calça de sarja, tudo na cor azul-marinho, Henrique está deslumbrante. O bronzeado realça ainda mais seus olhos e os cabelos claros. Um verdadeiro príncipe!

— Você está linda, amor. O vestido ficou demais, ainda mais com o dourado da sua pele. Perfeita!

Adoro sua naturalidade ao me chamar de *amor* e, não importa quantas

vezes ele já me tratou assim, sempre parece que meu coração vai sair do peito. Sinto que a mesma coisa acontece quando o chamo de *meu amor*.

— Henrique... Você está maravilhoso, gostoso, não sei nem se existe uma denominação correta para descrever como você está.

— Não precisa exagerar. Preciso ficar à altura, não é mesmo?

Tudo nele exala elegância, poder e charme. Até o som de sua risada grave e rouca. Demoro a perceber que há uma música de fundo, instrumental, puro romance no ar.

— Vamos sentar? — convida e aponta para uma mesa preparada para duas pessoas.

— Claro.

— Acho que me excedi na decoração, o que você achou?

— Está um sonho! Não vejo excesso, apenas representa a grandeza do organizador.

Ele coloca uma mão em meu pescoço, acariciando meu rosto com o polegar.

— Você sabe que eu faria qualquer coisa por você, não sabe?

— Sim — respondo com a verdade brilhando em meus olhos —, como eu faria qualquer coisa por você.

— Ainda hoje custo a acreditar que encontrei uma mulher tão especial, que me completa em todos os aspectos e me faz feliz diariamente desde que decidimos ficar juntos.

— Menos quando eu resolvo malhar sozinha — brinco, lembrando-me de uma briga feia que tivemos na primeira vez em ,que ele foi dormir na minha casa.

— Nada disso. Eu só reclamei em *uma* ocasião porque você estava indo para a academia com um shortinho que dava para ver a popa da sua

bunda gostosa, que é só minha. Por isso eu falei que, se fosse para malhar daquele jeito, eu iria junto.

— Ciumento.

— Não, eu protejo o que é meu. É diferente.

— Possessivo.

— Cuidadoso.

— Tudo bem. Vou deixar passar depois desta noite esplendorosa. Você conseguiu me deixar sem palavras, chefinho. Fica difícil competir com você, viu?

— Não precisa competir comigo, querida. O que vale é a intenção e eu sempre fico muito feliz com as suas surpresas. — Ele pisca para mim, deixando subentendido que tipo de surpresas.

Sávio aparece com uma bandeja e nos serve duas taças com espumante. O rapaz volta para a cozinha e eu sussurro para Henrique:

— Você pensou em tudo.

— Você nem imagina. Um brinde?

Levanto minha taça e ele me acompanha. Sua voz se eleva:

— Um brinde ao presente e ao *nosso* futuro.

— Um brinde ao amor e ao destino que nos uniu.

Bebemos o líquido gelado e borbulhante sem desviar nossos olhos um do outro.

O resto da noite passou em um instante. Espumante à vontade, saladas, uma moqueca de camarão dos deuses, muitas risadas e beijos roubados, cortesia de Henrique, mas eu também dei uma de *ladra de beijos*.

Neste momento, estou finalizando minha sobremesa, um delicioso manjar com calda de frutas vermelhas, quando Henrique me chama para dançar.

— Só você pra me tirar da mesa depois de comer tanto.

— Apenas uma dança, amor.

Falando assim, vou correndo.

Ele encosta a bochecha na minha e uma música que eu reconheço na hora começa a tocar, porém em uma versão orquestrada, mais romântica. Afasto o rosto para encará-lo e meu namorado abre aquele sorriso que me faz perder uma batida do coração. *Meu Deus, como amo esse homem!*

Quando ele começa a cantar junto ao meu ouvido, baixinho, não consigo evitar que uma lágrima role. O amor que sinto por Henrique me toma por inteiro e não consigo me segurar. Transborda de dentro para fora.

— *Tantos sorrisos por aí e você querendo o meu. Tantos olhares me olhando e eu querendo o seu. Eu não duvido não, e não foi por acaso. Se o amor bateu na nossa porta, que sorte a nossa.*

Repetindo o refrão eu o acompanho:

— *Tantos sorrisos por aí e você querendo o meu. Tantos olhares me olhando e eu querendo o seu. Eu não duvido não, e não foi por acaso. Se o amor bateu na nossa porta, que sorte a nossa.*

Desde a noite em que cantei essa música para ele, sou intimada a soltar a voz vez ou outra. Ele adora me ouvir cantando e eu tenho prazer em satisfazê-lo.

— Você parece um anjo, amor. Uma voz que me acalma, uma beleza que chega a me emocionar, uma alma tão linda que te faz brilhar por onde passa... Você diz que eu pareço um personagem literário, o homem dos seus sonhos — eu rio e mais lágrimas rolam —, mas você, mais do que a mulher dos meus sonhos, é a mulher da minha realidade, da minha existência.

— Eu te amo, meu amor — murmuro de volta, sem conseguir me conter diante da sua declaração.

— E eu te amo com toda a minha vida, querida. — Ele volta a cantar, apoiando minha mão em seu peito esquerdo, movimentando nossos corpos em uma dança emocionante. — *Tantos sorrisos por aí e você querendo o meu. Tantos olhares me olhando e eu querendo o seu.* Só o seu, Letícia. *Eu não duvido não, e não foi por acaso.* De jeito nenhum que foi o acaso que nos uniu. *Se o amor bateu na nossa porta, que sorte a nossa.* Que sorte a minha ter te encontrado. Casa comigo?

Congelo no lugar.

Inclino minha cabeça para ver se ele está falando sério, mas seus olhos estão inundados por uma emoção que nunca vi antes e que me faz colocar a mão na boca quando um soluço vem da minha garganta.

Meu corpo treme todo. Uma reação involuntária.

— Casa comigo, Letícia? — repete, se ajoelhando e tirando do bolso do blazer uma caixinha da *Tiffany*. — Eu quero me casar com você desde o nosso primeiro encontro oficial — ele ri —, mas seria precipitado demais da minha parte e você poderia fugir... Então, eu esperei. Vivi os melhores dias da minha vida, continuei me aventurando como nunca, e em todos os momentos você estava ao meu lado, principalmente quando tomei a decisão de me expor perante a mídia, você foi uma parceira incrível e o meu amor e orgulho por você só aumentaram. Há alguns dias completamos um ano de namoro e pensei: “chegou a hora, eu tenho que pedir essa morena linda em casamento. Não aguento mais esperar.” O que você me diz, amor? Você acei...

— Eu aceito! Eu aceito! Eu aceito me casar com você, meu amor! — grito, o rosto molhado pelas lágrimas, e em segundos ele levanta e me agarra, tirando meus pés do chão e me girando sem parar.

— *Porra!* Ela aceitou! *Caralho!* — ele vibra e eu caio na risada. Como se lembrasse de alguma coisa, ele me coloca no chão e pega a caixinha

da *Tiffany*.

Henrique está tão nervoso quanto eu, e suas mãos tremem levemente. Ao abrir a pequena embalagem, diz:

— Leti, como eu não posso te dar o meu coração, *te* dou este anel como uma forma de demonstrar o meu amor por você.

Ele pega minha mão e desliza o anel em meu dedo. É a coisa mais linda que já vi. Um diamante está no centro e minúsculas pedras azuis o contornam. Ao mesmo tempo que é uma joia expressiva, é delicada.

— Estas pedrinhas são topázios e quando vi me lembrei dos seus olhos. Gostou?

— Minha nossa! Eu amei, Henrique. Eu te amo tanto, meu amor. Muito obrigada.

— Não acabou. Vem comigo, mas aconselho a tirar as sandálias.

— Ah, meu Deus, homem. Você quer me matar!

— Só se for de amor.

Sigo seu conselho e tiro minhas sandálias. Meu noivo — meu Deus! Até me acostumar vai demorar — pega um espumante e duas taças que surgiram de repente em nossa mesa, com certeza, obra de Sávio, e pede que eu o acompanhe.

Caminhamos em direção à praia e, ao chegarmos, fico maravilhada com a quantidade de tochas acesas.

— Você preparou tudo... — balbucio.

— Faz um tempinho que estou programando esse pedido, querida. — Ele deixa a garrafa e as taças em uma mesa que está na areia.

— Se não é meu príncipe encantado...

— Ah, princesa. Eu quero ser tudo pra você.

— Você já é — declaro, abraçando-o pela cintura.

— Três — sussurra e eu não entendo nada —, dois, um...

Fogos de artifício pintam o céu coberto de estrelas, e eu me viro para assistir ao espetáculo, boquiaberta.

Meu Deus!

Azul, vermelho, dourado colorem a noite.

Parece que eu já vi esta cena. Contagem regressiva, fogos, eu e Henrique lado a lado...

— Isso me faz recordar um certo *ladrão de beijos* — falo ao seu ouvido, e ele solta aquela risada grave e rouca antes de me encarar.

— Assim como me faz pensar em uma certa *Garota Infernal*. Quem diria que você seria minha, hein?

— Resultado do melhor beijo roubado da história.

Nós dois rimos, admirando o show pirotécnico.

Henrique enche as taças com espumante e, depois de me entregar uma, ergue o braço:

— Que seja apenas o início da nossa aventura, Letícia, minha noiva e em breve sra. Vergueiro!

Meus pelos arrepiam com a constatação de que eu realmente vou me casar com este homem.

— Será o maior prazer da minha vida fazer parte dessa caminhada com você, meu amor, meu noivo.

Degusto a bebida, mas a necessidade de sentir esse homem chega a doer. Deixo a taça na mesa e caminho em sua direção. Ele faz o mesmo, esperando que eu o alcance.

— *Me beija!* — peço.

Sem precisar falar mais nada, ele pega meu rosto e me dá o que preciso. Um beijo faminto, que diz tudo, que faz promessas, que me acalma e

diz que não preciso entrar em pânico.

Sem desgrudar da minha boca, ele fala:

— Eu quero fazer isso pelo resto da minha vida, amor. Não é algo passageiro, não é fogo de palha. Eu nunca tomaria uma decisão sem pensar muito bem, você me conhece. Não precisa ter medo. Estou com você de corpo e alma.

E, com essas palavras, ele faz com que eu me sinta segura. Afasta minhas dúvidas, meus receios, *me* mostra o quanto sou amada, por que eu o amo tanto e o motivo de merecermos um final feliz. Um amor que nasceu de uma coincidência e foi roubado pelo destino.

Meu *ladrão de beijos*, meu futuro marido, meu CEO irresistível!

Agradecimentos

Primeiramente, obrigada, Deus!

Nossa, nem acredito que finalizei mais uma obra. Para mim, é motivo de muita alegria, superação e gratidão.

Agradeço ao meu marido, Eduardo, que tem sido meu parceiraço, entendendo minhas ausências e me incentivando — ao seu próprio modo (haha) — a finalizar mais este projeto.

Às minhas amigas, apoiadoras, betas e essenciais: Bianca Bonoto e Helô Delgado. A cada desafio, sou grata por tê-las ao meu lado. Vocês vibram comigo e entendem minhas doideiras (quase sempre, hahaha) e sempre me acalmam. Gratidão!

Às minhas amigas da vida, leitoras amadas — que com o tempo vai ficando cada vez mais difícil nomear em meus agradecimentos — e autoras queridas que se tornaram grandes amigas — vocês sabem quem são —, ajudadoras do meu trabalho, meu muito obrigada! Vocês não têm ideia do quanto me inspiram a continuar neste caminho.

Minhas parceiras, blogs, grupos de divulgação e leitura... Muito obrigada por me ajudarem tanto. Vocês são espetaculares e imprescindíveis!

A todos os envolvidos, de forma direta ou indireta, que tornaram realidade a publicação deste romance.

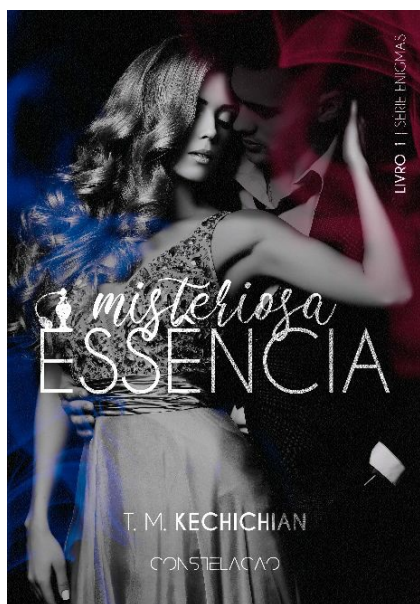
A você que me deu uma oportunidade ao adquirir este eBook, muito obrigada!

Até a próxima a viagem!

Amo tus!

T. M. Kechichian

Demas Obras



MISTERIOSA ESSÊNCIA

Sinopse:

Se te perguntassem se em uma noite tudo pode mudar, o que você diria?

Scarlett Ryan é uma mulher linda, forte e bem-sucedida. Futura CEO, por herança de seu pai, de uma das maiores agências de marketing dos EUA, Scarlett nem sempre teve uma vida boa. O fato de sua mãe tê-la abandonado ainda pequena e a descoberta de uma doença em seu pai, fizeram com que se tornasse uma mulher com grandes responsabilidades, apesar de seus 25 anos.

Sua primeira grande paixão foi Paul Mayer. Eles namoraram na faculdade, porém, em uma noite de farra com os amigos, ele a traiu. Depois disso, a vida amorosa da empresária nunca mais foi a mesma.

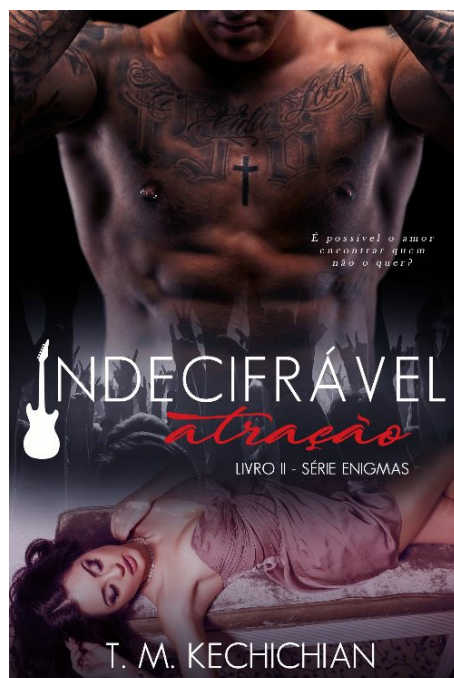
Mas, o destino tinha outros planos...

Além do ex-namorado reaparecer como seu colega de trabalho, em uma balada com as amigas, Scarlett se vê envolvida em uma situação que foge ao seu controle. O desconhecido nunca foi tão bem-vindo.

Um mistério. Uma entrega. Uma essência.

Você conseguiria resistir?

[Adquira o seu aqui](#)



INDECIFRÁVEL ATRAÇÃO

Depois da CEO Scarlett Ryan (Livro I, Misteriosa Essência), agora é a vez da empresária Liv Scott contar sua história. Após o grande sucesso no Wattpad, ela chegou para abalar a Amazon com todo seu poder e confiança, assim como abalou o mundo do rockstar Josh Morris. Leia a sinopse:

"INDECIFRÁVEL. 1. impossível ou muito difícil de ser decifrado. 2. que é muito difícil de se penetrar, compreender ou explicar; enigmático, misterioso.

LIV SCOTT é uma mulher sem "papas na língua". Nova-Iorquina, dona de uma beleza estonteante e um gênio forte, Liv é proprietária da Models & Models — uma próspera agência de moda —, e tem como lema "curtir a vida e não se apegar".

Após ver sua amiga Scarlett Ryan tomar um rumo diferente do que planejou para si — ela está comprometida —, Liv convida Ticy Parker, sua outra melhor amiga, para passar um final de semana de diversão em Los

Angeles a fim de irem ao show da maior banda de rock do momento.

JOSHUA MORRIS, conhecido como Josh "Fucked" Morris, não é um cara qualquer. Eleito o homem mais sexy e desejado da atualidade, Josh é vocalista da afamada banda Sultans of Swing e vive como bem quer, sem compromissos e cobranças. E está muito bem assim.

O que os dois têm em comum? Uma noite. E tudo o que pensavam ser o certo, de repente, parece ter outro sentido, porém INDECIFRÁVEL. Pode uma ATRAÇÃO intensa unir duas pessoas iguais? É possível o amor encontrar quem não o quer?"

[Adquira o seu aqui](#)



NATAL EM 2

Sinopse:

T. M. Kechichian e John K são irmãos e amam a leitura e a escrita. Decidiram escrever este Ebook para levar a paixão que nutrem pelo Natal. Conheça "Natal em 2". Dois contos. Duas histórias diferentes. Um só propósito: aquecer corações!

Natal Inesperado, por John K. (Autor de A Árvore Sagrada - Conto Amazon, e de diversas Antologias)

Para Robert, não existe época melhor no ano do que o Natal! A magia flui através dos sorrisos, cores e músicas, proporcionando o momento perfeito para abrir o coração e se declarar para Samantha, sua colega de trabalho. No entanto, seus planos são frustrados quando um cachorro arranca o buquê de sua mão e foge pelas ruas de Nova York, iniciando assim uma aventura inesperada.

“Um Natal Inesperado” é um conto divertido e nos ensina que, mesmo que as coisas não aconteçam como imaginamos, nem tudo está perdido.

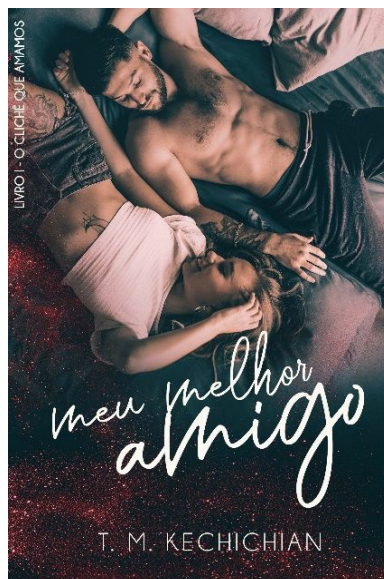
O que Aconteceu com o Natal?, por T. M. Kechichian (Autora da

Série Enigmas, Misteriosa Essência)

Já imaginou viver em uma cidade onde o Natal deixou de ser comemorado? Onde as pessoas não se importam umas com as outras e a tristeza é constante? Onde a frieza é sentida tanto no frequente clima congelante como nas feições de cada morador? Forlorn fora esquecida, diziam seus habitantes. Sem amor, não havia esperança. E, sem esperança, não existia alegria.

Neste conto, veremos que a tristeza e a desesperança podem contagiar e congelar sentimentos, mas um pequeno fio de esperança, de onde menos se espera, é poderoso para aquecer corações e mudar histórias.

[Adquira o seu aqui](#)



MEU MELHOR AMIGO

Sinopse:

E se o seu melhor amigo fosse o amor da sua vida?

Paula e Maurício são de Angra dos Reis e estudaram juntos dos 7 aos 17 anos, cultivando uma amizade invejável.

Para seguir o sonho de ser médico, Maurício se muda para a cidade do Rio de Janeiro e Paula permanece em Angra, frustrada por não poder realizar o sonho de estudar moda. Apesar de todo o amor e carinho, o pior acontece: com o passar do tempo, eles perdem o contato.

Agora, dez anos depois, Maurício é um médico em ascensão e Paula, empresária de uma loja de roupas. E, como o destino não brinca em serviço, o ex-melhor amigo de Paula retorna para sua cidade natal e veremos que a história dos dois está longe de terminar.

Em Meu Melhor Amigo, prepare-se para rir, dançar, se aventurar pela Ilha Grande e se apaixonar por duas pessoas que tiveram medo de expressar o que realmente sentiam em prol de uma grande amizade.

[Adquira o seu aqui](#)

Biografia



Talitha Kechichian ou T.M. Kechichian, como é conhecida no mundo literário, intitula-se como uma “paulista carioca”. Sua formação é no Direito, mas seu coração bate mais forte pela escrita de seus romances.

Gosta de criar personagens femininas fortes, sempre mantendo suas características particulares. Escreve sobre pessoas reais, permitindo, com

muito carinho e sensibilidade, que a inspiração e a criatividade aflorem a cada novo romance criado.

Redes Sociais

Visite o site da autora:

www.tmkechichian.com

Perfil Wattpad

<https://my.w.tt/1F0oHZl1XK>

Perfil Facebook

<https://www.facebook.com/100004297324540>

Perfil Insta

<https://www.instagram.com/tmkechichian/?hl=pt-br>

Página de autora

<https://m.facebook.com/tmkechichian>

Deguste um pouquinho de:

meu melhor
amigo



— Paulinha, vai dar tudo certo! Em alguns anos eu vou me formar na faculdade de Medicina e você, na de Moda. Seremos bem-sucedidos, vamos dar a tão sonhada volta na Ilha Grande e teremos nossa própria pousada por lá...

— Maurício, às vezes eu acho que você vive no mundo da lua... Como pode programar toda sua vida assim? Tem coisas que a gente não planeja, garoto!

— Eu prefiro programar do que viver perdido, sabe? Mas cada um é cada um...

— É... cada um é de um jeito. Eu acho que a vida é repleta de surpresas e tudo pode mudar em um segundo, por isso, prefiro viver o momento — retruquei.

— Você não está errada, Paula, acho que todos temos nossas verdades e metas, porém uns seguem à risca, outros preferem esperar o universo se encarregar de tudo.

— Nossa, esse papo está bem louco... Mudando de assunto, quando você viaja? — perguntei e segurei o ar, enquanto aguardava sua resposta.

— Daqui a dois dias.

— Uau! Nem acredito que o meu parceiro do crime vai embora...

O choro tentou romper as barreiras que fui erguendo desde que eu soube que meu melhor amigo ia se mudar para o Rio de Janeiro. Estudamos juntos dos 7 até os 17 anos de idade em um colégio particular tradicional aqui de Angra dos Reis e, assim que nos formamos, ele decidiu seguir o seu sonho. Íamos nos separar pela primeira vez.

Maurício queria fazer Medicina, para isto, seus pais decidiram investir pesado, matriculando-o em um cursinho pré-vestibular, fora da cidade, especializado na área.

A saúde em Angra nunca foi das melhores e ele queria fazer a diferença... Um sonhador. Um sonhador lindo e incrível...

— Eu não vou embora, Paula. O Rio fica a menos de três horas daqui e vez ou outra virei para casa visitar meus pais, você...

— Mas não é a mesma coisa, Maurício. A partir de agora, você vai ser um garoto da cidade grande e esquecerá que Angra dos Reis existe. É sempre assim...

— Ah, para de falar besteira, garota! Eu nunca vou me esquecer da minha melhor amiga! Está entendendo? — ele perguntou, segurando meus ombros, fazendo com que eu olhasse para o seu rosto.

Encarei seus olhos azuis, os cabelos castanhos propositalmente despenteados... e respondi com a voz embargada:

— Sim, entendi.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e me observou por mais tempo que o normal. Parecia querer falar algo mais...

— *Maurício, chegamos!*

O grito de sua mãe interrompeu o momento de estranheza e voltamos à realidade. Querendo fugir o mais rápido possível, peguei minha mochila do chão do seu quarto e disse que ia para a minha casa, que ficava no mesmo condomínio. Ele não me impediu e segui correndo, passando por seus pais como um jato. Eles já estavam acostumados com a minha presença por lá, então, apenas disseram um unísono:

— Tchau, Paulinha!

Assim que entrei no meu quarto, ainda esbaforida, dei graças a Deus por não ter ninguém em casa. Desabei no chão, em frente ao espelho, e comecei a chorar sem qualquer controle. Chorei porque eu não sabia o que fazer da minha vida sem ter o meu melhor amigo ao meu lado. Chorei porque ele teria uma nova vida em uma cidade que tinha tanto a oferecer e eu ficaria para trás. Chorei porque eu sabia que as coisas nunca mais seriam as mesmas. Chorei, sobretudo, pelo amor que eu sentia.

Quando a gente cresce, tudo muda. Eu esperava que o sentimento que mantinha em segredo também mudasse, pois eu não aguentaria conviver a vida toda com aquele aperto no peito por saber que nunca poderia ter o amor do meu melhor amigo. O garoto que não tinha ideia de que era o dono do meu coração e dos meus sonhos.

Tão clichê... Tão previsível... E lá estava eu, tão apaixonada!

Eu nunca seria burra de confessar o que eu sentia. E correr o risco de perder sua amizade? Não mesmo! O jeito era continuar jogando terra naquele sentimento, enterrando-o ao máximo e me distraindo com outros garotos. Quem sabe um dia aquele sentimento não fosse embora?

Ah, se a vida seguisse nossas regras, seria bem mais fácil...



— Paulinha, as roupas acabaram de chegar.

— Ah, ótimo, Amanda. Pode receber e precificar, por favor.

Minha funcionária, e amiga, assente e vai para os fundos da loja. Eu já estava preocupada com a demora na entrega da mercadoria, mas, graças a Deus, o pedido chegou a tempo das vendas do final de semana. O comércio não está nada legal por aqui, porém, com o início da alta temporada, estou otimista com uma melhora nas vendas.

O movimento do único shopping da cidade é fraco em dias normais e preciso ficar contando com alguns finais de semana, feriados, finais de mês e a chegada do verão. Quando decidi abrir esta loja, nunca imaginei que seria tão complicado *mantê-la*. Os gastos, muitas vezes, são maiores que os lucros, mas é o custo de seguir um sonho, ou, pelo menos, uma parte dele.

Infelizmente, não pude estudar o que eu sempre quis. Estava tudo certo para entrar na faculdade de Moda, sair da cidade, assim como meu melhor amigo na época fez, mas, então, minha vida deu uma virada de 180°.

Meu pai perdeu o emprego que sustentava minha família, em consequência disto, minha mãe ficou doente e eu precisei ficar em Angra para ajudar no que fosse preciso.

Fui obrigada a procurar emprego e foi aí que comecei a trabalhar em lojas de roupas. A cada salário ganho, eu tirava uma parte para casa e outra ia juntando para conseguir fazer alguma faculdade por aqui mesmo. Decidi cursar Administração, a área mais neutra que estava à disposição. Era isso ou nada. Estudei, *me* formei e abri minha própria loja de roupas.

Hoje, posso dizer que estou quase realizada. Com 27 anos, tenho uma loja no shopping, consegui quitar as dívidas dos meus pais, moro sozinha em um apartamento confortável e estou com Fábio, um policial civil, há dois anos.

— Paulinha, terminei uma parte e depois do almoço continuo, tudo bem?

— Claro, Amanda. Pode ir! — respondo, voltando minha atenção para o computador.

— Nossa, não sei como você consegue mexer nisso aí — minha amiga comenta.

— Excel? É só ter prática. No início foi o cão chupando manga, mas agora não vivo sem. Melhor forma de fazer uma planilha bem-feita. E o meu TOC agradece. — Nós duas rimos.

— Prefiro continuar com meu lápis e papel — ela completa e eu balanço a cabeça.

— Você é doida! Vai almoçar, vai...

— Vou! Quer alguma coisa da rua?

— Não, obrigada!

— Nem um moreno gato e gostoso? — Amanda pode me perguntar

isso todos os dias, mas em todas as vezes não consigo deixar de rir.

— Garota, você não existe!

— Bom, vai que um dia você resolve trocar aquele traste do Fábio... — ela fala, mas coloca a mão na boca rapidamente. — Desculpa, Paulinha. Eu não quis...

Giro minha cadeira e fico de frente para ela.

— Amanda, você é minha amiga, funcionária, mas, por favor, não faça isso. Eu tomo as minhas próprias decisões e espero que você respeite isso.

— Eu sei, Paula, mas não é nada fácil ver uma amiga perdendo tempo com um cara que não a valoriza. Eu juro que estou tentando entender como uma mulher linda e inteligente como você pode ter perdoado um cara como ele... — Abro a boca, mas ela continua: — Parei por aqui. Você já sabe muito bem o que eu penso. Só espero que ninguém fique te perturbando quando você *levá-lo* à festa dos ex-alunos...

— Eu nem sei se irei a essa festa. — Giro a cadeira de volta para ficar de frente para o computador, dando a conversa por encerrada.

— Como assim *não sabe se vai*?

Sem cerimônia, ela me gira de volta e sou obrigada a ver sua expressão chocada. Intimidade é uma *merda*!

— Ah, não estou com saco para ver o quanto as garotas mimadas do passado viraram mulheres bem-sucedidas, morando em cidades grandes, desprezando quem ficou por aqui e as que ficaram destilarem o veneno de sempre...

Há uns três anos eu estava louca de vontade para participar do evento de 10 anos Pós-Colégio, que vem prometendo ser um grande acontecimento, mas agora, faltando apenas uma semana para o bendito encontro, comecei a

analisar os prós e os contras e percebi que não vai me fazer bem.

— É por causa dele, não é? — sua pergunta interrompe meus pensamentos acelerados.

— Não sei do que você está falando — respondo, retornando finalmente ao que estava fazendo antes dela me interromper. — Amanda, por favor, está na sua hora. Eu vou precisar sair depois que você voltar.

Com isso, ela sai da loja, e eu solto o ar que nem sabia que estava prendendo. A última coisa de que eu precisava era me lembrar *dele*. Aquele cara fez parte do meu passado. E só!

Por mais que Amanda seja sua prima e sempre diga que uma amizade não pode acabar do jeito que a nossa terminou, ele não me afeta mais. Já faz anos que não nos vemos e suas promessas vazias se foram com eles. Minha vida não tem nada a ver com a dele, e quero que continue assim.



Estarei mentindo se eu disser que as palavras da Amanda não ficaram martelando na minha cabeça, principalmente a parte sobre Fábio. Não é que eu seja ingênua, boba ou que não tenha amor próprio, como tenho ouvido ultimamente, mas, apesar de tudo, ele me faz bem. Ninguém é perfeito, eu mesma não sou. Eu não o amo e é por isto que o entendo.

Quando começamos a sair, eu pensei que poderia, enfim, ter um relacionamento de verdade, real, de cumplicidade e que poderia sentir alguma explosão dentro de mim. Infelizmente, isto não aconteceu. Fábio sempre me tratou como uma princesa, disse que me amava alguns meses depois, e, quando percebeu que eu não o correspondia como merecia, aos poucos foi desistindo de se entregar também. Acho que meu destino é ficar sozinha, porque eu não tenho capacidade de amar alguém. É triste, mas é o que eu sinto.

Então, ao saber que o Fábio me traiu, e foi o próprio que confessou, não me importei. Eu simplesmente o entendi. Talvez eu tenha algum problema mental sério ou só não sirva para um relacionamento convencional.

Contudo Fábio não ficou tão indiferente. Ele se culpou, disse que não faria novamente, que foi fraco... E o que eu poderia responder? A verdade. Que estava com ele pela companhia e pelo sexo. No início, ele ficou perplexo, como se uma mulher não pudesse ser tão direta, mas assim como ele “mostrou” o seu ponto ao me trair, eu “mostrei” o meu sendo sincera.

Desde então, nossa relação melhorou bastante. Não gosto de rotular o que temos e, por isto, muita gente não entende. Eu e Fábio sabemos das necessidades um do outro, sem aquele furor desenfreado que o amor faz e que, por vezes, deixa alguém machucado, mas com uma calma muito bem-

vinda, equilíbrio e sem cobranças. Perfeito!

Quem é de fora, porém, prefere julgar! Julgam sem saber e compreender meus motivos. E não estou nem aí para o que pensam ou deixam de pensar de mim.

Encontro-me deitada no sofá do meu apartamento quando o celular toca. Dou uma olhada no visor e demoro alguns segundos para decidir se atendo ou não. A insistência vence.

— Alô...

— *Paulinha?*

— Diga, Matheus.

— *Nossa, mas por que tão seca, querida? Eu hein, parece até que não quer falar com as amigas.*

— Se me ligou para dizer que eu sou uma idiota por estar com o Fábio pode...

— *Opa, opa. Pode ir parando, dona Paula. Não liguei para falar merda nenhuma de Fábio. Mesmo que não seja a favor, a vida não é minha, querida. Só quero saber se está tudo bem com a minha bicha preferida, se quer sair para beber alguma coisa, essas coisas...*

— Ah, Matheus, não seria ruim, viu? Estou precisando de um pouco de diversão. Tem algum lugar em mente?

— *Mas é claro, lindeza. Hoje tem show do Luan Santana no Curral.*

— Nossa, eu detesto o nome desse lugar, mas adoro o cantor. Então, o Luan venceu. Que horas?

— *Te pego às 23h. Aí a gente faz a pré no barzinho que tem lá dentro.*

— Fechado! Te espero.

Já estou mais animada. Conheço Matheus desde o colégio, mas só

viramos amigos depois que nos formamos. Antes, eu só tinha olhos para um amigo em especial, cujo nome não merece ser mencionado. Que Deus o tenha!

Matheus é animado, seu jeito faz com que eu ria até nos momentos mais tristes. Costumo dizer que ele é a minha luz no fim do poço, mas sempre me corrige falando que é “do túnel”, e eu rio mais um pouco.

Começo a pensar no *look* e uma combinação perfeita chega à minha mente. Eu mencionei que estou aprendendo a costurar para fazer minhas próprias peças? Pois é... Ainda não fiz a faculdade tão desejada, mas não é isso que vai acabar com o sonho de ser uma estilista. Afinal, quem quer, corre atrás.



Ajeito o *cropped* rendado de mangas compridas, a calça de couro justa e coloco a bota de salto alto, tudo na cor preta. Como dizem, *femme fatale*. É como estou me sentindo.

A tatuagem delicada, que fica do meio dos meus seios e desce até a metade da minha barriga, está parcialmente aparente, e sinto que me dá um ar ainda mais sensual. Eu gosto muito dela. Uma lua com algumas finas correntes penduradas.

Ouçõ a buzina inconfundível do carro de Matheus e rapidamente passo o batom *Russian Red*, da *Mac*, meu queridinho para noitadas. Tiro os grampos do cabelo, as ondas loiras descem pelas minhas costas e vou ajeitando-as com os dedos. Por último, penteio meus cílios, que estão com uma extensão maravilhosa e que nunca mais abandonarei (Amém!). Meus olhos claros nunca ficaram tão destacados, e sinto orgulho do que vejo.

Mais uma buzinada, passo meu perfume preferido, *Amor Amor*, da *Cacharel*, pego minha bolsa, apago as luzes e fecho a porta do apartamento.

Ufa! Tempo recorde!

— Já estou indo — grito assim que avisto Matheus fora da *Ranger 4x4*.

— *Porra*, Paulinha! Pensei que tivesse confundido a noitada para amanhã.

— Ah, para com isso, Theus. Eu estava caprichando.

— E caprichou, hein, loira? Coitado do Fábio...

Reviro os olhos e digo:

— Que Fábio, o que, Matheus! Você esquece que eu sou uma mulher

livre!

— Verdade... É tão raro encontrar uma mulher como você que acabo esquecendo, Paulinha. Agora, vamos! *Luanzinho* está nos esperando, querida.

Caio na risada e sento no lado do carona.

— Vamos, Theus. Vamos que eu quero ouvir aquele delícia cantar.

— Aí, sim. É assim que eu gosto! Aquele homem é só *choque térmico*.

Dito isto, meu amigo nos leva diretamente para uma noitada, que espero valer a pena, pois é o que mais preciso hoje.